O Príncipe

Nicolau Maquiavel

Edições do
Senado Federal

Volume 248

Edições do Senado Federal

O Moderno Príncipe - Maquiavel revisitado – de Paulo Roberto de Almeida. Cinco séculos depois que Maquiavel escreveu sua obra, o diplomata e cientista político Paulo Roberto de Almeida segue os passos do secretário diplomático da República de Florença para atualizar *O Príncipe*. A partir da constatação de que a obra permanece atual, o autor utiliza a mesma estrutura e até títulos da obra do florentino para estudar as estruturas políticas e a ciência de governar nos dias de hoje.

Obra singular por sua natureza de original *pastiche* e, ao mesmo tempo, de independência de pensamento, Paulo Roberto de Almeira dialoga com o genial pensador, segue seus passos naquelas recomendações que continuam aparentemente válidas para a política atual, mas oferece um elenco de inquietações sobre cenários contemporâneos para os velhos problemas de administração dos homens.

História do positivismo no Brasil – de Ivan Monteiro Lins. Esta obra é certamente a mais completa sobre o Positivismo no Brasil. Trata fundamentalmente da difusão dessa corrente filosófica criada por Auguste Comte. O autor recolheu muitos depoimentos e compulsou grande número de documentos e extensa bibliografia. O autor escreve no prefácio: "Já chegou o momento de se considerar a influência do positivismo no Brasil como um fato social a ser encarado e investigado com critério histórico idealizado por Tácito – *sine ira ac studio* – sem ódio nem amor, isto é, sem ranger de dentes e sem ditirambos apologéticos".

Edições do Senado Federal

História do Brasil, de Frei Vecente do Salvador, que é nosso primeiro historiador. Sua *História do Brasil*, inédita durante mais de dois séculos, foi pela primeira vez publicada em 1889, pela Biblioteca Nacional, segundo informa a introdução de Capistrano de Abreu. Este volume tem informações importantes de cunho historiográfico, além de dados sobre a nova terra portuguesa nas Américas. Há também opiniões ousadas como, por exemplo, afirmar que os colonos deviam aventurar-se pelo interior do Brasil, avançar para o oeste, "sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos".

A *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, abrange o período desde o descobrimento e chega até a época do governo de Diogo Luís de Oliveira.

História do Brasil, de Robert Southey. O autor é um dos grandes poetas ingleses do romantismo junto com seus cunhados Coleridge e Lovell. Ao mesmo tempo também é um dos grandes historiadores de sua época. A primeira edição desta obra apareceu, em inglês, entre os anos de 1810 a 1817. E, por fim, em 1862, a Livraria Garnier, lança a primeira edição brasileira, em 6 volumes. Southey valeu-se das pesquisas de documentos do nosso passado colonial feitas na Torre do Tombo e ainda aproveitou estudos do seu tio Herbert Hill, que pesquisou durante trinta anos em Portugal e ofereceu ao sobrinho acesso a documentos fundamentais da nossa história. É a primeira história do Brasil a cobrir período tão extenso e aprofundar os estudos dos séculos anteriores.

Niccolò Macchiavelli, estátua do Renascimento italiano.
Galeria Uffizi – Florença, Itália

O PRÍNCIPE

. . . .

Edições do Senado Federal – Vol. 248

O PRÍNCIPE

Com notas de Napoleão Bonaparte e
Cristina da Suécia

Tradução de

Mário e Celestino da Silva

Maquiavel

Brasília – 2019

Sumário

Nicolló Maquiavel nasceu em Florença, em 3 de maio de 1469, e morreu, ali, em 22 de junho de 1527.

Serviu à Chancelaria da República de Florença e desempenhou missões na França, Suíça e Alemanha.

Deposto, com a volta dos Médicis ao governo, passou a viver em San Casciano, nos arredores da cidade. Anistiado, foi considerado suspeito pela República que voltou a se instalar. Maquiavel morre, pobre e desiludido.

Autor de Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio, *de* Arte da Guerra, *da peça* Mandrágora, *de* História de Florença, *foi* O Príncipe *que lhe trouxe o renome mundial.*

. . . .

Nota dos tradutores

UM CASO DE CONSCIÊNCIA *para todo o tradutor de Maquiavel e, sobretudo, de* O príncipe*, é o que apresenta a palavra* virtù*, que, se literalmente corresponde à nossa virtude, assumiu na Itália do Renascimento um significado especial, totalmente diverso do que ela teve e tem no idioma nosso.*

Costumam os tradutores de Maquiavel remover a dificuldade adotando, para virtù*, palavras várias, conforme o sentido aproximativo que mais conveniente pareça em determinado capítulo ou frase: valor, habilidade, talento, coragem, qualidades, predicados outros. Isso não traria mal algum, se a obra de Maquiavel, e máxime* O príncipe*, não passasse, como foi até há pouco tempo opinião generalizada de literatura e homens políticos, de uma espécie de prontuário do chamado "maquiavelismo". Mas para os estudiosos modernos da obra de Maquiavel, a menor ou maior utilidade prática das suas fórmulas e conselhos políticos pouca importância tem, em si, subordinada como está às especiais situações de fato existentes na época em que seu autor viveu. O que tem importância,*

e muitíssima, é o conceito fundamental de onde o pensamento de Maquiavel partiu para chegar às conclusões a que chegou. Esse conceito fundamental resistiu à obra do tempo e não acompanhou o destino das fórmulas empíricas e caducas que Maquiavel dele deduziu, para o seu mundo e seu tempo. Cifra-se ele justamente na palavra virtù *a qual, definida em breve síntese, consiste na faculdade de compreender exatamente toda e qualquer situação de fato, e nela fazer intervir, para modificá-la, a livre vontade humana. De maneira que* virtù *tanto é a capacidade intelectual de penetrar as situações em sua realidade substancial, quanto a vontade de transformá-las segundo as próprias finalidades: é, em outros termos, a vontade a que os filósofos modernos chamam "econômica" (para distinguir da vontade orientada pelas leis morais), a vontade ainda aquém da ética, não moral nem imoral, mas simplesmente amoral.*

Desse conceito fundamental do pensamento teórico de Maquiavel, o primeiro pensador que teve suficiente vigor intelectual para identificá-lo, definir e sobre ele construir uma doutrina política, é O príncipe *a ilustração mais completa. Cumpria, portanto, evitar nesta tradução primeiro o emprego de um vocábulo, como "virtude", que em nossa língua tem sentido diferente, e segundo cuidar que a utilização de outras palavras não viesse a diminuir a unidade e o rigor especulativo do conceito maquiavélico. Com esse intuito, adotou-se o recurso de ir traduzindo* virtù *de acordo com a significação mais apropriada na contextura dos períodos, acrescentando, porém entre colchetes, para deixar bem claro que se trata sempre de um mesmo conceito, a palavra italiana e os adjetivos e advérbios dela derivados: "virtuoso", "virtuosamente".*

Para não dificultar a leitura da obra por meio de notas à margem, todas as vezes que pareceu necessário algum acréscimo ou explanação de caráter histórico destinados a esclarecer melhor a lin-

guagem sumamente sintética de Maquiavel, foram tais acréscimos e explanações colocados também entre colchetes.

As notas que aparecem ao pé das páginas, que constituem comentários de Napoleão Bonaparte, vieram pela primeira vez a lume em 1816, numa edição feita em Paris pelo abade Silvestre Guillon, que afirmava tê-los encontrado numa carruagem do imperador no dia 18 de junho de 1815, após a batalha de Monte São João, que foi o embate decisivo de Waterloo. Esses comentários classificaram-se em cinco grupos, conforme as épocas em que se presume tenham sido escritos. Tais épocas são indicadas entre parênteses depois de cada nota.

As notas que se referem a Napoleão registram os períodos em que ele era general, cônsul, primeiro-cônsul, imperador e desterrado na ilha de Elba.

As notas de Cristina da Suécia, ela as escreveu à margem de um exemplar da tradução francesa de O príncipe*, feita por A. N. Amelot, Sieur de La Houssaye, e publicada em Amsterdã em 1683. Apareceram elas pela primeira vez em apêndice ao vol. II da obra de P. Villari* Niccolo Machiavelli e i suoi tempi.

A presente versão de O príncipe *foi tirada do texto original italiano. Para as notas de Napoleão, tendo sido impossível, nas circunstâncias atuais, obtê-las no texto original francês, recorreu-se a uma das numerosas traduções espanholas existentes. Enfim as notas de Cristina da Suécia foram traduzidas do texto original publicado por Villari em sua obra citada, o qual dá o nome de "francês bastante sueco" à língua empregada pela rainha. De Cristina da Suécia traduziram-se apenas os comentários à margem do texto de Maquiavel, omitindo-se os que escreveu à margem do prefácio e das notas do tradutor francês.*

Nicolau Maquiavel ao Magnífico Lourenço de Médicis

OS QUE DESEJAM *obter o favor de um príncipe costumam, por via de regra, apresentar-se-lhe com aquilo que mais caro lhes é ou julgam mais agradar a ele. Daí vermos amiúde serem os príncipes brindados com cavalos, armas, lhamas de ouro, pedras preciosas e outras dádivas semelhantes, dignas de sua grandeza. Querendo eu, pois, comparecer ante Vossa Magnificência com algum testemunho da minha submissão, não encontrei entre os meus haveres coisas que mais ame ou estime do que o conhecimento das ações dos grandes homens, apreendido graças a uma longa experiência dos fatos modernos e a um estudo incessante dos antigos[1]; e tais conhecimentos, após os ter eu longa e diligentemente examinado, ponderado e, agora, resumido num pequeno volume, aqui lhos mando. Embora eu julgue esta obra indigna da vossa grandeza, espero que a acolherá benevolamente, considerando que maior presente não poderia eu*

1 As duas escolas dos grandes homens. (Cristina da Suécia)

ofertar-lhe senão o ensejo de, em mui breve tempo, entender tudo o que conheci em tantos anos e com tantas dificuldades e perigos. Tal obra não a enfeitei nem enchi de glosas amplas ou de palavras pomposas e esplendentes, nem de qualquer outro atrativo ou ornamento extrínseco, com os quais usam muitos ataviar e descrever as coisas;[2] *porque eu quis que ela, só por si, pela variedade da matéria e a gravidade do assunto, se tornasse atraente. Espero, todavia, não se repute presunção o atrever-se um homem de condição baixa e humilde discorrer sobre os governos dos príncipes e inculcar-lhes regras. Assim como os que desenham paisagens se colocam nos vales para apreciar a natureza das montanhas;*[3] *em lugares elevados e nas cumeadas dos montes para a dos vales;*[4] *da mesma forma, para bem conhecermos a índole dos povos é mister sermos príncipes, e para conhecermos bem a dos príncipes precisamos ser do povo.*[5] *Acolha, portanto, este pequeno presente com o mesmo espírito com que eu lho envio; pois, se com atenção o ler e considerar, reconhecerá nele o meu imenso desejo de que vossa magnificência alcance aquela magnitude que a boa sorte e as suas qualidades lhe pressagiam. E se vossa magnificência, do cimo da sua altura, lançar alguma vez os olhos para estes baixos lugares, verá quanto eu tenho sido injusta e constantemente vítima da adversidade.*

---

2 Como Tácito e Gibbson. (Napoleão general)

3 É o contrário. (Cristina da Suécia)

4 Assim comecei, e assim convém começar. Conhece-se melhor o fundo dos vales quando se está no cimo da montanha. (Napoleão primeiro-cônsul)

5 Isso é falso – 1684. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo I

DE QUANTAS ESPÉCIES SÃO OS PRINCIPADOS E DE QUE MODO SE ADQUIREM

TODOS OS ESTADOS, todos os domínios que exerceram e exercem poder sobre os homens, foram e são ou repúblicas ou principados. Os principados são ou hereditários, quando a estirpe do seu senhor desde longo tempo os rege, ou novos. Estes, ou são totalmente novos,[1] como foi o de Milão para Francisco Sforza, ou são como membros acrescidos ao estado hereditário do príncipe que os adquire, como é o reino de Nápoles para o rei da Espanha. Os domínios assim obtidos ou estão acostumados a viver sob o governo de um príncipe, ou habituados à liberdade, e ganham-se ou com as armas de outrem ou com as próprias, por obra da fortuna ou por virtude [*virtù*].

---

1 Tal será o meu, se Deus me der vida. (Napoleão general)

. . . .

Capítulo II

OS PRINCIPADOS HEREDITÁRIOS

DEIXAREI DE LADO o arrazoar acerca das repúblicas, porque em outra ocasião já longamente o fiz. Limitar-me-ei a tratar o principado,[1] a ir tecendo as tramas já mencionadas e a examinar como esses principados podem ser governados e mantidos.

Nos estados hereditários e acostumados a ver reinar a família do seu príncipe, há dificuldades muito menores para mantê-los, do que nos novos;[2] porque basta apenas conservar neles a ordem estabelecida por seus antepassados, e em seguida contemporizar com os acontecimentos.[3] Destarte, se o príncipe é de habilidade normal, manter-se-á sempre no seu estado, a menos que uma força extraordinária e muito superior venha a

---

1 De todas as coisas esta é a única boa, por mais que digam o contrário; mas, até nova ordem, preciso cantar no mesmo tom que eles. (Napoleão general)

2 Hei de evitá-las, tornando-me o decano dos demais soberanos da Europa. (Napoleão general)
– Sem dúvida. (Cristina da Suécia)

3 Não é suficiente. (Cristina da Suécia)

arrancar-lho das mãos;[4] e ainda neste caso tornará a recuperá-lo, seja qual tenha sido o grau de poderio do usurpador.[5] Temos como exemplo, na Itália, o duque de Ferrara, o qual não resistiu aos ataques dos venezianos [em 1484], nem aos do papa Júlio [em 1510], por motivos outros que não o estar ele de há muito naquele domínio. Isto porque o príncipe natural tem menores razões e necessidade menor de vexar os seus súditos e, por consequência, se vícios fora do comum não o tornam odioso[6], é de admitir que seja benquisto pelos seus.[7] A antiguidade e continuação do domínio fizeram esquecer as origens da inovação que o trouxe; pois qualquer mudança deixa sempre pedras de espera para a realização de outra.[8]

4 É difícil os príncipes hereditários serem destronados. (Cristina da Suécia)

5 Tem razão. (Cristina da Suécia)

–Veremos. O que me favorece é que não o tirei dele, mas de um terceiro, que não passava de um lodaçal de republicanismo. O odioso da usurpação não recai sobre mim. Os forjadores de frases a meu soldo já de tal o persuadiram: *Ele só destronou a anarquia.* Os meus direitos ao trono da França não estão mal fundamentados na novela de Lemont... quanto ao trono da Itália, terei uma dissertação da Montga... Isso é necessário para os italianos, que gostam de oradores. Para os franceses era suficiente um romance. O vulgo, que não lê, terá as homilias dos bispos e de curas que eu criar, bem como um catecismo aprovado pelo núncio apostólico, e não poderá resistir a essa magia. Não falta coisa alguma, já que o Papa ungiu a minha testa imperial. Sob este aspecto devo parecer mais inamovível ainda do que qualquer Bourbon. (Napoleão imperador)

6 Os vícios dos príncipes não são detestados. (Cristina da Suécia)

7 Isso é verdade. (Cristina da Suécia)

8 Quantas pedras de espera me deixam! Todos os demais estão ainda aí, e seria mister que não ficasse nem sequer um só para eu perder todas as esperanças. Voltarei a encontrar aí as minhas águias, os meus N., meus bustos, minhas estátuas e, quem sabe, até a carruagem imperial da minha coroação. Tudo isso fala incessantemente em meu favor aos olhos do povo e aviva a lembrança da minha pessoa. (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo III

DOS PRINCIPADOS MISTOS

É PORÉM NO PRINCIPADO NOVO que estão as dificuldades. Em primeiro lugar, se ele não for inteiramente novo, mas uma espécie de membro que no seu conjunto se pode chamar quase misto,[1] as suas perturbações nascem de uma dificuldade natural, peculiar a todos os principados novos. É que os homens gostam de mudar de senhor, julgando melhorar, [2] e esta crença os induz a pegar em armas contra quem os governa: crença ilusória, pois mais tarde a experiência lhes mostra que pioraram. Isto por sua vez deriva da natural e comum necessidade de ofender aqueles de quem nos tornamos príncipe novo, com homem d'armas e muitos outros vexames que a nova aquisição exige.[3] Passamos, então, a ter por inimigos todos aqueles a quem prejudicamos ao ocupar o principado, e ao mesmo tempo não podemos conservar amigos os que lá nos puseram, porque, nem nos é lícito

---

1 Como há de ser o meu no Piemonte, na Toscana, em Roma, etc. (Napoleão cônsul)

2 Os homens mudam sempre uma coisa em busca de outra que quase nunca encontram. (Cristina da Suécia)

3 Pouco se me dá: o triunfo justifica. (Napoleão cônsul)

satisfazê-los pela forma que imaginaram, nem a nossa gratidão para com eles nos consente tratá-los com dureza.[4] E deve-se ter presente que, ainda quando disponhamos de exércitos fortíssimos sempre nos é indispensável o favor dos habitantes de uma província para entrar nesta.

Por tais razões Luís XII de França ocupou rapidamente Milão e rapidamente o perdeu.[5] Para expulsá-lo bastaram, da primeira vez, as próprias forças de Ludovico o Mouro; porque os povos que lhe haviam aberto as portas, vendo malogradas as suas esperanças e aspirações,[6] não puderam suportar os inconvenientes do governo no novo príncipe.

Sem dúvida, reconquistando mais tarde os países que se insurgiram, só muito dificilmente o senhor os perde; a lembrança da sublevação remove-lhe as vacilações em assegurar a sua posse, permitindo-lhe castigar os culpados, desmascarar os suspeitos, fortalecer-se nas partes mais fracas.[7] Assim, se para fazer a França perder Milão bastou, na primeira vez, a ameaça de um duque Ludovico na fronteira, para lho fazer perder depois, pela segunda vez, foi preciso que o mundo inteiro se erguesse contra ela e que os seus exércitos fossem aniquilados ou expulsos da Itália.[8] E tal se deu pelas razões acima ditas.

Todavia, Milão foi-lhe arrebatado em ambas as vezes. Referimos já as causas gerais do ocorrido na primeira vez. Resta-nos dizer as do ocorrido na segunda, e ver os meios de que dispunha o rei da França e os de que alguém pode, em iguais condições, lançar mão para se manter no lugar conquistado melhor do que esse país o fez.[9]

---

4 Que tratantes! Dão-me a conhecer cruelmente esta verdade. Não conseguisse eu desembaraçar-me da tirania deles, sacrificar-me-iam. (Napoleão imperador)

5 Não o teriam tomado os austros-russos, em 1798, se eu lá houvesse permanecido. (Napoleão cônsul)

6 Eu pelo menos não frustrara as esperanças dos que me tinham aberto as suas portas em 1769. (Napoleão cônsul)

7 Foi ao que me dediquei ao recuperar esse país no ano de 1800. Pergunte-se ao príncipe Carlos se me saí bem da empresa. Não entendem nada disso, e para mim tudo corre segundo os meus desejos. (Napoleão imperador)

8 Isso não acontecerá mais. (Napoleão cônsul)

9 A este respeito sei mais do que Maquiavel. (Napoleão cônsul) Esses meios eles nem sequer os suspeitam; e aconselham-me outros contrários. Ótimo. (Napoleão em Elba)

Os Estados que ao se adquirirem vão aumentar um Estado antigo do adquirente, ou pertencem à mesma província e falam a mesma língua, ou não. No primeiro caso, grande facilidade há em mantê-los, sobretudo se não estão habituados a viver livres,[10] e para os possuir com segurança basta ter extinguido a linhagem do príncipe que os dominava.[11] Quanto ao mais, não existindo aí diversidade de costumes, desde que lhe não modifiquemos as antigas condições, os seus habitantes permanecem tranquilos, como se viu ter acontecido na Bretanha, na Borgonha, na Gasconha e na Normandia, que por tanto tempo ficaram com a França.[12] Mas, ainda quando haja neles alguma diferença de língua, semelhantes são, contudo, os costumes, e podem facilmente harmonizar-se entre si. Quem adquire tais territórios, desejando conservá-los, deve tomar em consideração duas coisas: uma, que a estirpe do seu antigo príncipe desapareça;[13] a outra, não alterar as suas leis, nem os seus impostos.[14] Assim, dentro do brevíssimo tempo formam um corpo só com o principado vizinho.[15] Mas quando se adquirem estados numa província de língua, costumes e instituições diversas, aí é que começam as dificuldades[16] e que se faz necessário ter fortuna propícia e grande indústria para conservá-los. Um dos melhores e mais eficazes meios de tornar mais segura e duradoura a posse seria, em tal caso, ir o adquirente neles residir. Haja vista o que fez o sultão com a Grécia, ao qual não teria sido possível reter o novo domínio, apesar de todas as medidas que tomou, se não houvesse ido lá residir.[17] É que,

---

10 Ainda que estivessem, eu saberia dobrá-los. (Napoleão general)

11 Não me esquecer disto em todas as partes onde eu estabelecer a minha dominação. (Napoleão general)

12 A Bélgica, que não o está senão há pouco tempo, oferece, graças a mim, um belo exemplo disto. (Napoleão cônsul)

13 Auxiliá-lo-ão. (Napoleão general)

14 Ingenuidade de Maquiavel. Podia ele conhecer tão bem como eu todo o poder da força? Demonstrar-lhe-ei já o contrário no seu próprio país, na Toscana, assim como no Piemonte, em Parma, Roma, etc., etc. (Napoleão imperador)

15 Tudo isso não está mal observado. (Cristina da Suécia)
– Conseguirei os mesmos resultados sem essas precauções ditadas pela fraqueza. (Napoleão imperador)

16 Outra ingenuidade! À força! (Napoleão imperador)

17 Suprirei essa lacuna por meio de vice-reis, ou reis, que não passarão de dependentes meus: nada farão, a não ser por minha ordem; sem o que, *destituídos*! (Napoleão imperador)

estando no principado, vimos nascer as desordens e podemos prontamente dar-lhes remédios; não estando, vimos a conhecê-las quando já tomaram vulto e não há mais como atalhá-las. Demais, a província neste caso não é pasto da cobiça dos funcionários governamentais:[18] os súditos ficam satisfeitos com poderem recorrer ao príncipe que lhes está próximo, e têm maior motivo para amá-lo,[19] se desejam ser bons, e de receá-lo, se desejam ser outra coisa. Por outro lado, qualquer país estrangeiro que pretendesse atacar esse estado passa a respeitá-lo mais. Eis por que, residindo no seu domínio, dificilmente acontece vir o príncipe a perdê-lo.[20]

O outro meio igualmente eficaz consiste em mandar colonizar algumas regiões que sejam como chaves do novo estado. Não se fazendo isto, será forçoso manter muita gente armada e infantes.[21] Não são muito dispendiosas as colônias. Com pequena ou nenhuma despesa, o príncipe manda os colonos para os lugares designados e aí os conserva, prejudicando somente aqueles de quem tira os campos para dá-los aos novos habitantes, que são uma partícula mínima do território conquistado. Os lesados, por ficarem dispersos e pobres, nunca poderão acarretar-lhe embaraços.[22] Os demais, não tendo, por um lado, motivos de queixa, se acalmam facilmente, e por outro lado, receosos de virem a sofrer o mesmo que aqueles, evitam suscitar as irar do novo senhor.[23] Em conclusão: essas colônias nada custam, são mais fiéis, prejudicam menos, e os prejudicados, reduzidos que foram à pobreza e dispersos, não estão, como já disse, em condições de criar dificuldades.[24]

---

18 Convém certamente que eles se enriqueçam, se, por outro lado, me servem a meu talante. (Napoleão imperador)

19 Temem-me; é quanto me basta. (Napoleão imperador)

20 No que me diz respeito, é impossível. O terror do meu nome valerá aí pela minha presença. (Napoleão cônsul)

21 *Ad abundantiam juris*. Faz-se uma coisa e outra. (Napoleão cônsul)

22 É mister tomar cuidado com os que, embora nada tendo a perder, possuem coração. (Cristina da Suécia)

23 É assim que os quero. (Napoleão cônsul)

24 Realizarei tudo isso no Piemonte, ao incorporá-lo à França. Disporei ali, para as minhas colônias, dos bens confiscados antes de eu chegar e a que se convencionou chamar nacionais. (Napoleão general)
– Tudo isso não seria mau, se não fosse ímpio. (Cristina da Suécia)

Note-se que os homens devem ser lisonjeados ou suprimidos, pois se vingam das ofensas leves[25], mas não podem fazê-lo das graves. Por conseguinte, a ofensa que se faz ao homem deve ser tal, que o impossibilite de tirar desagravo.[26]

Se em lugar de colônias tivermos tropas no novo território, não só gastaremos muito mais, visto exigir a sua manutenção o emprego de todas as rendas do novo estado,[27] de modo que a aquisição se torna passiva,[28] mas também aumentaremos o número de prejudicados, dada a necessidade de alojarmos tão grande cópia e homens d'armas nas residências particulares. O vexame dali resultante é sentido por todos os cidadãos, cada um dos quais se transforma em inimigo: o inimigo capaz de nos estorvar, pois está batido em sua própria casa.[29] Tudo isso demonstra, portanto, que os exércitos são tão inúteis, quanto úteis são as colônias.

Deve, outrossim, quem está numa província diferente da sua língua e costumes, tornar-se, conforme ficou dito, chefe e defensor dos vizinhos de menor tamanho e força, por todo o seu afinco em debilitar os mais poderosos,[30] e cuidar que, de modo nenhum, entre nela um estrangeiro tão poderoso como ele.[31] O ádvena intervirá todas as vezes que o chamarem os aí descontentes por desmedida ambição ou por temor.[32] Tal

---

25 Não vejo senão fazê-las mais do que leves aos meus por espírito de bondade; nem por isso deixarão de se vingar delas em beneficio meu. Conhece-se o a-bê-cê da arte de reinar, ignorando que desagradar um pouco é o mesmo que desagradar muito? (Napoleão em Elba)

26 Não observei bem esta regra; porém, eles armam aqueles a quem ofendem, e estes ofendidos pertencem-me. (Napoleão em Elba)

27 Não deixa de ter razão. (Cristina da Suécia)

28 Façam-se bem pesados os impostos, a fim de que as rendas sejam bastante amplas para deixar sobras. (Napoleão cônsul)

29 Os inimigos domésticos são inegavelmente mais perigosos. (Cristina da Suécia) – Não os temo, quando os obrigo a ficar nela; e dela não sairão, pelo menos para se reunirem contra mim. (Napoleão cônsul)

30 Tudo isso não está mal achado, e conheço muita gente que se deu bem por tê-lo posto em prática. (Cristina da Suécia)

31 Não há para isso melhor meio do que arrancar-lhe o poder e ficar com os seus despojos. Módena, Parma, Nápoles, Roma e Florença proporcionaram outros. (Napoleão cônsul)

32 O mundo já não é assim. (Cristina da Suécia)

sucedeu com os romanos, cuja penetração na Grécia foi obra dos etólios, e que se introduziram nas demais províncias acudindo ao chamado dos habitantes delas.[33]

A realidade é esta: um estrangeiro poderoso, apenas entra numa província, recebe a adesão de todos os chefes desta menos influentes, impelidos pela inveja contra quem sobre eles exercia a preponderância.[34] No tocante a estes príncipes de menor poder, nenhum esforço lhe deve custar atraí-los para o seu lado, pois todos formam logo um conjunto só com o estado que ele conquistou.[35] Apenas, cumpre-lhe impedir que eles alcancem força e autoridade excessivas.[36] Feito isso poderá facilmente, com as suas próprias forças e com apoio deles, abater os mais influentes e ficar assim árbitro absoluto da província.[37]

Quem não aprender bem estas noções cedo perderá tudo o que houver conquistado,[38] e, enquanto não o tiver perdido, esbarrará em obstáculos e tropeços sem conta.[39]

Os romanos, nas províncias que tomaram, seguiram à risca estas normas, estabelecendo umas colônias, amparado os menos influentes sem lhes aumentar a força, enfraquecendo os mais fortes e não deixando que nelas criasse raízes a fama dos estrangeiros poderosos.[40] Como exemplo, basta-me a província da Grécia. Aí os romanos favoreceram os acaianos e os etólios, debilitaram o reino dos macedônios e expulsaram Antíoco.[41] Todavia, nem

---

33 Como os suecos na Alemanha. (Cristina da Suécia)

34 Isso ocorreu à Suécia na Alemanha. (Cristina da Suécia)
– Quanto auxílio encontraria a Áustria contra mim nas fracas potências atuais da Itália. (Napoleão general)

35 Atraí-los! Não me daria a esse trabalho. Serão obrigados pela minha força a me obedecerem, especialmente dentro do plano da Confederação Romana. (Napoleão imperador)

36 Isso não deixa de acontecer nunca. (Cristina da Suécia)

37 É o que se faz amiúde. (Cristina da Suécia)

38 Tem razão. (Cristina da Suécia)

39 Nós, suecos, conhecemos bem isso. (Cristina da Suécia)
– Maquiavel admirar-se-ia da arte com que eu soube evitá-los. (Napoleão imperador)

40 Cuida-se de desacreditá-los ali. (Napoleão cônsul)

41 E por que não os restantes? (Napoleão cônsul)

jamais os méritos dos acaianos e dos etólios lograram que se lhes permitisse ampliar qualquer estado seu [42] nem a tentativa de persuasão de Filipe jamais os induziu a serem-lhe amigos sem humilhá-lo, nem o poderio de Antíoco pôde fazer com lhe consentissem manter algum estado naquela província.[43] É que os romanos procederam nesses casos como todos os príncipes avisados devem proceder: tomar em consideração não só os obstáculos presentes, mas também os futuros, e tratar diligentemente de obstar a estes.[44] Quem atalha os males com bastante antecedência pode, sem grande esforço, dar-lhes remédios. Quem espera, porém, que eles se aproximem, debalde tentará debelá-los; a doença tornou-se incurável. E ocorre com esta o que os médicos dizem a respeito da tuberculose; isto é, ser ela no princípio fácil de curar e difícil de perceber, mas, se não foi percebida e tratada no início, torna-se, com o andar do tempo, fácil de perceber e difícil de curar.[45] O mesmo se dá com os negócios do estado. Quando (e isto só é concedido a um homem prudente) se consegue distinguir os males apenas começam a surgir, fácil é destruí-los;[46] quando, porém, tendo passado despercebidos, se desenvolvem até o ponto de serem visíveis de todos, já não há como combatê-los.[47] Por isto os romanos, pressentindo os futuros inconvenientes de certas situações, sempre lhes aplicaram remédio e nunca as deixaram seguir o seu curso para evitar uma guerra. Sabiam que uma guerra não se evita, mas se protrai em benefício de outrem.[48] Decidiram, assim fazer a guerra a Filipe e a Antíoco na Grécia para não serem obrigados a fazer-lha na Itália; e, podendo protelar uma e outra, não o quiseram. Nunca lhes agradou o dito que os sábios de

---

42 Isso não era suficiente: os filhos de Rômulo precisariam da minha escola. (Napoleão imperador)

43 Foi o melhor que eles fizeram. (Napoleão cônsul)

44 Tem razão. (Cristina da Suécia)

45 Comparação admirável. (Cristina da Suécia)
– Ao escrever isso, Maquiavel devia estar enfermo de espírito, ou tinha acabado de ver o seu médico. (Napoleão imperador)

46 Tudo consiste nessa previdência. (Cristina da Suécia)

47 São verdades incontestáveis. (Cristina da Suécia)

48 Isso é bonito e verdadeiro. (Cristina da Suécia)
–Máxima importante, da qual preciso formar uma das regras principais do meu procedimento militar e político. (Napoleão general)

nossos tempos repetem constantemente: *gozar o benefício do tempo*; [49] prefeririam, ao contrário, o conselho da sua virtude [*virtù*] e prudência, pois o tempo impele tudo para frente, e pode trazer consigo tanto o bem como o mal, e tanto o mal como o bem. [50]

Mas voltemos à França, e examinemos se alguma coisa ela fez das que acima dissemos. Reportar-me-ei a Luís XII e não a Carlos VIII, por ser ele quem, tendo mantido durante mais tempo possessões na Itália, melhor nos deixa ver os métodos de que usou. Verificaremos que ele se houve de maneira oposta à recomendável para conservar um território de língua e costumes diferentes dos daquele de onde vem o conquistador.[51] O rei Luís foi chamado à Itália pela ambição dos venezianos, que com a sua vinda quiseram ganhar metade do estado da Lombardia.[52] Eu não pretendo censurar a decisão tomada pelo soberano francês; pois, desejando ele começar a pôr pé na Itália, não tendo amigos nessa província e, ao contrário, vendo fechadas ante si todas as portas, dado o procedimento do rei Carlos VIII, foi constrangido a aceitar quantas amizades se lhe ofereciam.[53] Com este ato poderia ter colhido ótimos resultados, se nos posteriores manejos não houvesse cometido erros. Uma vez de posse da Lombardia, logo reconquistou o rei para a França aquele prestígio que lhe tirara Carlos: Gênova cedeu, os florentinos fizeram-se-lhe amigos; o marquês de Mântua, o duque de Ferrara, os Bentivoglios [senhores de Bolonha], a senhora de Forli [Catarina Sforza], os senhores de Faenza, de Rimini, de Camerino, de Piombino, os habitantes de Luca, os de Pisa, os de Siena, cada qual partiu ao seu encontro

---

49 Eis a política dos reis, a única de fato sólida. (Cristina da Suécia)
– São uns covardes, e se alguns conselheiros desse calibre se me apresentarem, eu os... (Napoleão cônsul)

50 Verdade incontestável. (Cristina da Suécia)
– É necessário ter domínio sobre um e outro. (Napoleão general)

51 Tornei ali obrigatório o uso da língua francesa, ao começar pelo Piemonte, a província mais próxima da França. Nada mais eficaz para introduzir os costumes de um povo em outro estrangeiro do que exigir que este fale a língua dele. (Napoleão general)

52 Penso que ainda têm esse desejo. (Cristina da Suécia)

53 Era-me bem mais fácil comprar os genoveses, que por especulação fiscal me deixaram entrar na Itália. (Napoleão general)

para lhe captar a amizade.[54] Então puderam os venezianos refletir quão temerários haviam sido:[55] para ganhar duas terras na Lombardia, tinham feito o rei senhor de dois terços da Itália.[56]

Houvesse ele observado as regras acima referidas e sabido conservar e defender os seus amigos, que, por serem em grande número fracos e terem medo, uns da Igreja[57] outros dos venezianos, estavam sempre necessitados do seu apoio, e sem dificuldade teria podido manter na Itália, não somente o seu prestígio, mas também, por meio desses amigos, a submissão dos poderosos ainda existentes aí.[58] Ele, porém, mal chegou a Milão, fez o inverso, auxiliando o papa Alexandre VI para que este ocupasse Romanha. Não atendeu em que, com esta deliberação, enfraquecia o seu poder, desviando de si os que lhe eram fiéis e os que se haviam posto debaixo da sua proteção, bem como fortalecia a Igreja,[59] acrescentando tamanho poder temporal ao poder espiritual que tanta autoridade lhe dava já.[60] Cometido o primeiro erro, teve de prosseguir a mesma trilha; até que, para pôr termo à ambição de Alexandre[61] e impedi-lo de se converter em senhor da Toscana, foi compelido a vir à Itália. Não lhe bastou ter ampliado os domínios da Igreja e perdido os amigos, fez mais: por querer o reino de Nápoles, dividiu-o com o rei da Espanha.[62] Em outras palavras: depois de ter chegado a ser o primeiro árbitro da Itália, partilhou a sua autoridade com um sócio, fazendo assim com que os ambiciosos daquela província e

---

54 Já soube proporcionar igual honra a mim próprio, e não cometerei certamente os mesmos erros. (Napoleão general)

55 Temerários ao extremo, sem dúvida. (Cristina da Suécia)

56 Os lombardos, aos quais fingi dar a Valtellina e as regiões de Bérgamo, Mântua, Bréscia, etc., infundindo-lhes a mania republicana, já me prestaram o mesmo serviço. Uma vez dono do seu território, cedo terei o resto da Itália. (Napoleão general)

57 Quem teme hoje o P.P.? (Cristina da Suécia)

58 Não carecerei deles para conseguir esta vantagem. (Napoleão general)

59 Erro imenso. (Napoleão general)

60 É absolutamente preciso que eu embote os dois fios da sua faca. Luís XII não passava de um idiota. (Napoleão general)
– Está-se atualmente corrigindo esse erro, na França. (Cristina da Suécia)

61 Valoroso P.P. (Cristina da Suécia)

62 Fá-lo-ei também; mas essa partilha não me arrebatará a supremacia e o meu bom José não ma contestará. (Napoleão imperador)

descontentes com ele tivessem a quem recorrer. Podendo deixar naquele reino um soberano que não passasse de um pensionista seu,[63] de lá o tirou para pôr em seu lugar outro capaz de expulsá-lo a ele.[64]

Querer conquistar é realmente coisa muito natural e comum, [65] e todas as vezes que o façam os homens que o podem serão disso louvados e não condenados. Mas quando não podem e querem fazê-lo seja como for, aí há erro e cabe censura.[66] Se a França, pois, com as suas forças podia atacar Nápoles, devia fazê-lo; se não podia, não devia partilhá-lo.[67] E se a partilha que com os venezianos fez da Lombardia é desculpável por ter dado ensejo de penetrar na Itália, a de Nápoles merece repreensão, porque não se estribava naquela necessidade.[68]

Tinha, portanto, Luís cometido cinco erros: destruíra os mais fracos,[69] aumentara na Itália a força de um poderoso, colocara aí um estrangeiro poderosíssimo, não viera nela morar, não mandara para lá gente sua. Tais erros, por si sós, não chegariam, talvez, a ocasionar prejuízos à França enquanto ele vivesse. Cometeu, porém, um sexto, o de despojar os venezianos de seu estado.[70] Este ato, justificável e, até necessário, desde que Luís não houvesse engrandecido a Igreja nem posto na Itália o rei da Espanha, era, como a realização de ambas estas coisas, absolutamente desaconselhado, visto importar na ruína dos que, por serem poderosos, teriam sempre obstado à intromissão dos outros na empresa da Lombardia. E teriam obstado, já porque não lhes convinha que alguém se apoderasse desta província sem eles próprios virem a ser dela senhores, já porque os outros nem haveriam de querer tirá-la da França para dá-la a eles, nem teriam ânimo de contender com ambos.[71]

---

63 Como será o que eu ali puser. (Napoleão imperador)

64 Esse rei tributário teria feito a mesma coisa. (Cristina da Suécia)
– Se me for preciso tirar dali o meu José, não deixarei de ter alguns receios quanto ao sucessor que lhe der. (Napoleão imperador)

65 É coisa frequente. (Cristina da Suécia)

66 É coisa também frequente. (Cristina da Suécia)
– Às minhas conquistas nada faltará. (Napoleão general)

67 Isso é bem observado. (Cristina da Suécia)

68 Cria-se a necessidade. (Napoleão general)

69 Não seria erro, se não houvesse cometido os outros. (Napoleão general)

70 O seu erro consistiu em não ter calculado bem o tempo para isso. (Napoleão general)

71 O raciocínio é suficientemente bom para aquela época. (Napoleão imperador)

Se alguém disser que o rei Luís cedeu a Alexandre a Romanha e à Espanha o reino [de Nápoles] para evitar uma guerra, respondo com as razões acima ditas, isto é, que ninguém deve jamais deixar surgir uma desordem para evitar uma guerra; porque não a evita, mas a difere com desvantagem própria. [72] E se outros alegaram a promessa que o rei fizera ao papa de tentar em benefício dele essa empresa, para obter a anulação do seu matrimônio [com Joana, irmã de Carlos VIII] e o chapéu de cardeal para o arcebispo de Ruão, responde com o que mais adiante direi acerca das promessas dos príncipes e do modo como devam elas cumprir-se. [73]

O rei Luís, perdeu a Lombardia por não ter seguido o exemplo de outros, que tomaram províncias e quiseram conservá-las. Isto, aliás, não é coisa extraordinária, mas muito natural e comum. Sobre este assunto falei em Nantes com o cardeal de Ruão quando o duque Valentino [duque de Valentinois], como era popularmente chamado César Bórgia, filho do papa Alexandre, ocupava a Romanha. Dizendo-me o cardeal de Ruão que os italianos não entendiam de guerra, eu repliquei-lhe que os franceses não entendiam de estado, porque se dele entendessem não deixariam a Igreja tornar-se tão forte. [74] Viu-se por experiência que a grandeza desta e da Espanha na Itália foi obra da França, e que a ruína da França proveio de ambas. [75] Daí se infere uma regra geral, que nunca ou só raramente falha: quem é causa de que alguém se torne poderoso arruína-se a si mesmo; [76] porque para isso usou de habilidade ou de força, e ambas estas coisas são suspeitas a quem se tornou poderoso.[77]

---

72 Máxima admirável. (Cristina da Suécia)
– Ao primeiro sinal de descontentamento, declaro a guerra; esta rapidez de decisão, uma vez conhecida, torna prudentes aos inimigos. (Napoleão general)

73 Nisto reside a maior parte da política, e o meu lema é que a tal respeito nunca possuiremos o bastante. (Napoleão general)

74 Não cometerão mais este erro. (Cristina da Suécia)
– Que mais era preciso para Roma anatematizar Maquiavel? (Napoleão general)

75 Contudo, um príncipe católico nunca se pode tornar grande senão engrandecendo ao mesmo tempo a Igreja. (Cristina da Suécia)
– Hão de pagar-me isso bem caro. (Napoleão imperador)

76 O que não farei nunca. (Napoleão general)

77 Os inimigos não parecem receá-lo. (Napoleão general)

. . . .

Capítulo IV

POR QUE MOTIVO O REINO DE DARIO, QUE FOI OCUPADO POR ALEXANDRE, NÃO SE REBELOU CONTRA OS SUCESSORES DO MACEDÔNIO, APÓS A MORTE DESTE[1]

CONSIDERANDO AS DIFICULDADES EXISTENTES para guardar um território recém-conquistado, poderia alguém perguntar como se explicar que Alexandre Magno se tornasse dono da Ásia em poucos anos[2] e que, morrendo ele logo depois de a ter ocupado, em vez de se revoltarem essas regiões, conforme, parecia razoável, fossem mantidas pelos sucessores do macedônio,[3] sem outras dificuldades senão as surgidas entre eles mesmos por motivo das suas ambições?[4] Respondo que os principados dos quais se tem memória foram governados de duas formas distintas: ou por

---

1 Atenção a isto: não espero vir a reinar mais de trinta anos, e desejo ter filhos idôneos para me sucederem. (Napoleão imperador)

2 Seis anos. (Cristina da Suécia)

3 Continha-se somente o poder do nome de Alexandre. (Napoleão imperador)

4 Carlos Magno mostrou-se mais avisado do que aquele louco do Alexandre, que pretendeu que os seus sucessores celebrassem as suas exéquias de armas em punho. (Napoleão imperador)

um príncipe, de quem todos os demais são servidores que, como ministros por mercê e concessão sua, o ajudam a governar aquele reino; ou por um príncipe, e por barões cujos títulos nobiliários derivam da sua ascendência e não da graça do senhor,[5] barões estes com estados e súditos próprios, que os reconhecem por amos e lhes votam natural afeição.[6] Nos estados da primeira categoria,[7] a suprema autoridade reúne-se na pessoa do príncipe, pois assim o entendem os habitantes de todas as províncias, os quais, embora possam obedecer a outros, o fazem por ser este ministro ou funcionário, e nenhuma estima particular lhe têm.[8] Os exemplos destas duas espécies de governo são, nos nossos tempos, o da Turquia e o da França. A monarquia turca é regida por um único chefe, de quem os outros são servidores, e este chefe, dividindo o reino em sandjaques, para aí manda diversos administradores e muda-os o seu alvedrio.[9] Na França, porém, ao lado do soberano há uma grande quantidade de senhores de antiga linhagem reconhecidos por seus súditos e por estes amados, e cujos privilégios não pode o rei destruir sem perigo para si próprio.[10]

Quem, pois, deitar as vistas para um e outro destes dois estados verificará que o turco é muito difícil de conquistar, [11] mas sumamente fácil de reter depois de conquistado. [12] As dificuldades para ocupá-lo consistem em não poder o conquistador ser chamado pelos príncipes desse reino,

5 Esses barões são quiméricos. Semelhantes estados são uma espécie de caos, como a Alemanha. (Cristina da Suécia)

6 Antiguidades feudais que receio ver-me forçado a ressuscitar, se os meus generais continuarem a insistir nisso. (Napoleão imperador)

7 Os estados regidos por um príncipe não têm outra forma de governo senão a monárquica, que é a melhor. (Cristina da Suécia)

8 Excelente! Tudo farei por consegui-lo. (Napoleão imperador)

9 São sempre respeitáveis os caprichos dos imperadores. Eles têm os seus motivos para concebê-los. (Napoleão imperador)

10 Ao menos este tropeço eu não tenho, embora tenha outros equivalentes. (Napoleão imperador)
– Já não existe esta diferença entre a Turquia e a França. O governo francês é como o turco, mas em miniatura. (Cristina da Suécia)

11 Conquistá-lo-á. (Cristina da Suécia)

12 A primeira dificuldade é grande, mas a segunda não é absoltamente menor. (Cristina da Suécia)

nem esperar seja a sua empresa facilitada pela rebelião deles.[13] É que, em primeiro lugar, sendo todos escravos do monarca, a ele presos por deveres de gratidão, mais difícil se torna corrompê-los; em segundo lugar, ainda quando seja possível corrompê-los, pouca utilidade resultará daí, visto não poderem eles, pelas razões expostas, arrastar consigo a população.[14] Quem ataca os turcos deve, por conseguinte, partir do princípio de que os vai encontrar unidos e de que lhe cumpre confiar antes nas suas próprias forças do que nas desordens alheias.[15] Mas uma vez que haja conseguido vencê-los e derrotá-los em campanha de forma irreparável,[16] nada mais terá que recear, salvo a estirpe do monarca. Faça-a desaparecer,[17] e o seu domínio será incontrastável. As restantes personagens carecem de influência junto do povo, e, como antes da vitória nada podia esperar delas, assim não deve, depois, o vencedor temê-las.[18]

O contrário sucede com os reinos governados como o de França.[19] Aí, fácil é o ádvena introduzir-se, captando as simpatias de algum barão local, pois nunca faltam descontentes: descontentes do tipo dos que desejam inovações.[20] Esses, pelos sobreditos motivos, podem abrir-lhe o caminho do estado e facilitar-lhe a vitória, a qual, porém, traz ao conquistador, se ele quer conservar a sua posse, infinitas dificuldades,[21] seja nas relações com os que o

13 Há outras dificuldades não menores. (Cristina da Suécia)
– Descubramos meios extraordinários. Porque é absolutamente necessário que o Império do Oriente volte a unir-se ao do Ocidente. (Napoleão imperador)

14 Provera a Deus achar-me eu em França em situação parecida! (Napoleão primeiro-cônsul)

15 Isso se chama falar como grande homem e eu subscrevo a sua opinião. (Cristina da Suécia)
– As minhas forças e o meu nome. (Napoleão imperador)

16 Isso não ocorrerá facilmente. (Cristina da Suécia)

17 Duvido que o império do mundo valha esse preço. (Cristina da Suécia)

18 Porque não posso fazer mudar juntamente de lugar a Turquia e a França! (Napoleão imperador)

19 Isso mudou. (Cristina da Suécia)

20 Cortar-lhes-ei os braços e levantar-lhes-ei a tampa da cabeça. (Napoleão primeiro-cônsul)

21 Ainda que a grande política possa não gostar de ouvi-lo, direi que, na minha opinião, a França, é fácil de conquistar e não difícil de manter. (Cristina da Suécia)

auxiliaram, seja com os que foram oprimidos.[22] Não basta então extinguir a linhagem do príncipe.[23] Os barões que capitanearam as mudanças feitas permaneceram aí, e o conquistador, não os podendo satisfazer nem aniquilar,[24] perderá esse estado todas as vezes que se apresentar ocasião para isso.[25]

Se agora considerarmos a natureza do governo que regia o estado de Dario, achá-la-emos semelhante à do turco.[26] Por conseguinte, Alexandre teve primeiramente de atacar todo o reino persa e desabaratar-lhe os exércitos. Alcançada a vitória e morto Dario, nada mais obstou, pelas razões expostas, a que o guerreiro macedônio retivesse firmemente nas mãos aqueles Estados. E os seus sucessores, se houvessem ficado unidos, poderiam tê-lo gozado em paz, pois aí só rebentaram os tumultos por eles mesmo suscitados.

Quanto, porém, aos estados do tipo idêntico ao de França, impossível é conservá-los tão sossegadamente.[27] Daí nasceram as frequentes rebeliões da Espanha, da França e da Grécia contra os romanos, pela quantidade mesma dos governos existentes nesse estado.[28] Enquanto nas populações subsistiu viva a memória dos antigos soberanos, difícil foi para os conquistadores firmar-se em tais territórios; mas depois que ela se apagou, a potência e estabilidade do domínio transformaram-nos em possuidores seguros.[29] Combatendo mais tarde entre si puderam, outrossim, os romanos arrastar, cada qual consigo, parte daquelas províncias, não só por força da autoridade que lá haviam granjeado, mas também porque, tendo-se extinguido a geração dos antigos senhores, elas não reconheciam por tais aos romanos. Atentos, pois, a todos estes fatos, não

---

22 Exemplos disso tenho eu visto de sobra. (Napoleão imperador)
23 Seria uma grande obra. (Cristina da Suécia)
24 Ambas as coisas são impraticáveis. (Cristina da Suécia)
– Havia-se começado tão bem no ano de 1793... (Napoleão imperador)
25 Isso é perfeitamente certo. (Napoleão imperador)
26 Dario, porém, não estava no mesmo nível de Alexandre como... (Napoleão primeiro-cônsul)
27 Quanto a isto já providenciei, e mais hei de providenciar. (Napoleão imperador)
28 Quem se resolvesse a estabelecer residência em França após a ter conquistado facilmente os dominaria. (Cristina da Suécia)
29 No que me toca, possuo as mesmas vantagens. (Napoleão imperador)

é de admirar a facilidade com que Alexandre se manteve na Ásia[30] e os óbices que outros tiveram para conservar as próprias conquistas, qual aconteceu, por exemplo, com Pirro. E tal se deveu não a pouca ou muita virtude [*virtú*] do vencedor, mas à diversidade do objeto da conquista.

30 Faz-se aqui injustiça ao nosso Alexandre. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo V

COMO SE DEVEM GOVERNAR AS CIDADES OU PRINCIPADOS QUE, ANTES DE SEREM OCUPADOS, SE REGIAM POR LEIS PRÓPRIAS

QUANDO SE CONQUISTA um país acostumado a viver segundo as suas próprias leis e em liberdade, três maneiras há de proceder para conservá-lo: ou destruí-lo;[1] ou ir nele morar; ou deixá-lo viver com suas leis,[2] exigindo-lhe um tributo e estabelecendo nele um governo de poucas pessoas que o mantenham fiel ao conquistador.[3] A última forma de proceder explica-se porque, primeiro, tal governo sabe que, sendo filho da vontade do príncipe, não pode subsistir sem a amizade e o poderio dele, e tudo fará por fortalecer-lhe a autoridade; segundo, porque, para reter uma cidade acostumada a viver livre, o melhor meio que tem um conquistador é, se não a quer destruir, servir-se dos habitantes dela.[4] Tomemos para exemplo os espartanos e os romanos. Os espartanos, uma vez donos de Atenas e Tebas, criaram nelas um governo de poucos. Apesar disso, perderam-nas. Os romanos aniquila-

---

1 Isso de nada vale no século em que estamos. (Napoleão general)

2 Mau ditame. A continuação é o melhor que existe aí. (Napoleão general)

3 Nenhuma destas máximas é infalível. (Cristina da Suécia)

4 Em Milão, uma junta executiva de três adeptos, assim como o meu triunvirato diretorial em Gênova. (Napoleão primeiro-cônsul)

ram Cápua, Cartago e Numância, e não as perderam. Desejaram conservar a Grécia quase como o fizeram os espartanos, deixando-a livre e com as suas próprias leis, e não lograram bom êxito. Em consequência, foram obrigados a destruir muitas cidades naquela província para não a perderem.

Na verdade, não há maneira segura de possuir um estado senão arruinando-o.[5] Quem se torna senhor de uma cidade habituada a viver livre, e não a destrói, pode estar certo de que por ela será destruído. Os seus habitantes encontram sempre, como incentivo à revolta, a ideia da liberdade e das antigas instituições, instituições que nunca se esquecem nem com o perpassar do tempo, nem com os benefícios acaso trazidos pelo conquistador. Por mais esforços que este empregue, se não lograr desunir ou dispersar os seus novos súditos, não lhes extirpará da memória aquela ideia, à qual se hão de socorrer em qualquer oportunidade, como fez Pisa após permanecer um século debaixo do jugo dos florentinos.[6]

Mas quando as cidades e as províncias estão afeitas a viver sob o governo de um príncipe e a linhagem deste se haja extinguido, o hábito, por um lado, da obediência, a falta do antigo senhor, por outro, impedem-lhes o porem-se de acordo entre si na escolha de um e o se acomodarem à liberdade.[7] São por isto mais tardias em pegar nas armas, e com mais facilidade pode um príncipe subjugá-las e assegurar a sua posse. [8]

Nas repúblicas, porém, há mais vida, maior ódio, mais desejo de vingança; não as deixa nem pode deixá-las repousar a lembrança da antiga liberdade. [9] Essas, o caminho mais seguro é arrasá-las [10] ou ir nelas morar. [11]

---

5 É o meio pior e o mais cruel. (Cristina da Suécia)
– Mas isto pode fazer-se literalmente de muitos modos sem destruí-las. Mudando-lhes, contudo, a constituição. (Napoleão general)

6 Gênova poderia dar-me alguma preocupação; porém, nada tenho a recear dos venezianos. (Napoleão primeiro-cônsul)

7 As nações acostumadas à monarquia não podem adaptar-se a outra forma de governo. (Cristina da Suécia)

8 Especialmente quando diz trazer liberdade e igualdade ao povo. (Napoleão general)

9 Tudo morre neste mundo. (Cristina da Suécia)

10 Reprimir e revolucionar são suficientes. (Napoleão general)

11 Isso não é necessário quando as tenhamos revolucionado e quando, dizendo-lhes que são livres, as mantemos firmemente debaixo da nossa autoridade. (Napoleão general)

. . . .

Capítulo VI

DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTARAM COM AS PRÓPRIAS ARMAS E VALOR [*VIRTÙ*]

NINGUÉM SE ADMIRE SE, ao que vou dizer acerca dos estados de príncipe e instituições novas, eu aduzir exemplos célebres. Segundo os homens, quase sempre, as vias trilhadas por outros, procedendo em suas ações por imitação,[1] e não lhes sendo possível conservar-se perfeitamente dentro das raias representadas pela trajetória de outros, nem acrescentar algo às qualidades [*virtù*] daqueles a quem imitam, deve um indivíduo prudente enveredar sempre pelos caminhos palmilhados por grandes vultos e tomar como exemplo os que mais insignes foram, a fim de que, ainda quando não chegue a igualá-los, possa ao menos aproximar-se-lhes;[2] fazer, em suma, como os archeiros precavidos, os quais, achando demasiado longe o ponto que querem atingir e conhecendo o alcance do seu arco, fazem pontaria para um lugar muito mais alto que o visado,[3]

---

1 Poderei, por certo, às vezes, fazer-te mentir. (Napoleão general)

2 A lição é boa. (Cristina da Suécia) – Admitamos que seja certo. (Napoleão general)

3 Bonita comparação. (Cristina da Suécia)

não para a sua flecha ir a tamanha altura, mas para assim acertarem no verdadeiro alvo.[4]

Devo, pois, dizer que nos principados inteiramente novos, onde haja um novo príncipe, se encontra dificuldade maior ou menor para mantê-los, conforme tenha mais ou menos predicados [*virtù*] aquele que os conquista.[5] E como o fato de passar alguém de particular a príncipe pressupõe valor [*virtú*] ou fortuna,[6] é de crer que uma ou outra dessas duas coisas atenue em parte muitas dificuldades. Apesar disso, quem menos confiou na fortuna, por mais tempo reteve a sua conquista.[7] Mais fácil ainda é a posse do novo estado quando o príncipe se vê constrangido, por não ter outros, a vir morar nele.[8]

Dos que por virtude [*virtù*], e não por fortuna, se converteram em príncipe,[9] os mais notáveis são Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu e semelhantes. Embora não nos devamos alongar sobre Moises, já que ele foi um mero executor do que Deus lhe ordenou,[10] devemos contudo admirá-lo por aquele dom que o tornava digno de falar com o Senhor. Atentando, porém, em Ciro e nos demais conquistadores ou fundadores de reinos, achá-los-emos todos extraordinários,[11] e os feitos que praticaram e as leis que criaram não se nos afiguração diferentes das de Moisés, inspirado por tão grande mestre.[12] Outrossim, nas suas ações e vida nada indica houvessem recebido da fortuna outra coisa a não ser a oportunidade, da qual se aproveitaram pela forma que mais conveniente lhes pareceu.[13] Sem tal

---

4 Demonstrarei que, alvejando aparentemente mais baixo, se pode lá chegar com maior facilidade. (Napoleão general)

5 É no que consiste Ludo. (Cristina da Suécia)

6 Nem sempre. Algumas vezes e a maior desgraça. (Cristina da Suécia) – O valor e mais necessário que a fortuna; ele é que a faz nascer. (Napoleão general)

7 Não se deve confiar na fortuna, nem dela desesperar. (Cristina da Suécia)

8 Essa constrição não é uma grande desgraça. (Cristina da Suécia)

9 Isto me diz respeito. (Napoleão general)

10 Sem dúvida merece admiração. (Cristina da Suécia) – Não aspiro a tamanha altura: dispenso-a. (Napoleão general)

11 Aumentarei essa lista. (Napoleão general)

12 Nada há que não venha de Deus. (Cristina da Suécia)

13 Já não a necessária; virá; estejamos prontos para colhê-la. (Napoleão general)

oportunidade o seu valor pessoal [*virtù*] ter-se-ia apagado, e sem ele a oportunidade teria vindo inutilmente.[14] Era, portanto, indispensável a Moisés encontrar no Egito o povo de Israel escravo oprimido pelos egípcios, a fim de que este, para sair da escravidão, se resolvesse a segui-lo. Cumpria que Rômulo não ficasse em Alba, e fosse exposto ao nascer, para poder tornar-se rei de Roma e fundador dessa pátria.[16] Era preciso que Ciro encontrasse os persas descontentes com o império dos medas, e os medas fracos e efeminados pela Tonga paz.[17] Teseu não poderia demonstrar a sua virtude [*virtù*], se não fosse achar os atenienses dispersos.[18] Tais oportunidades, pois, constituíram a fortuna desses grandes homens, e a virtude [*virtù*] deles fez com que as oportunidades fossem aproveitadas. Como corolário vieram as suas pátrias a ser célebres e felizes.[19]

Os que por meios semelhantes aos referidos se tornam príncipes adquirem o principado com dificuldade, mas com facilidade o mantêm. Esta dificuldade origina-se em parte das novas instituições e normas que os conquistadores são forçados a introduzir para fundar o próprio estado e a própria segurança.[20] Deve-se considerar, aliás, que não há nada mais difícil, perigoso e de resultado mais incerto do que começar a introduzir novas leis;[21] porque o introdutor tem como inimigos todos aqueles a quem aproveitam as antigas[22] e como frouxos defensores[23] quantos viriam a lucrar com as novas.[24] Tal frouxidão nasce conjuntamente do temor aos

14 Como isso é dito divinamente (Cristina da Suécia) – O valor antes de mais nada. (Napoleão general)

15 É a condição e situação dos franceses. (Napoleão general)

16 A minha loba benéfica tive-a em Brienne. Rômulo serás eclipsado! (Napoleão general)

17 Tolice. (Napoleão general)

18 Pobre herói! (Napoleão general)

19 Bastaria em nossos tempos essa partícula de sabedoria? (Napoleão general)

20 Isso se consegue com alguma astúcia. (Napoleão primeiro-cônsul)

21 Isso é verdade. (Cristina da Súcia) – Pois não sabemos ter às nossas ordens alguns manequins legislativos? (Napoleão general)

22 Saberei frustar-lhes as atividades. (Napoleão general)

23 O homenzinho não sabia como se arranjam defensores entusiásticos, que fazem os outros desistir. (Napoleão primeiro-cônsul)

24 Como tudo isso é bem dito! (Cristina da Suécia)

adversários que têm as leis a seu favor, e da incredulidade dos homens, pouco propensos a ter fé nas inovações enquanto não se firmam em longa experiência.[25] Por isso, sempre que os que são inimigos têm ensejo de assaltar o poder, o fazem com espírito de partido, os outros defendem sem entusiasmo o conquistador e este periclita junto com ele.[26] Importa-nos, pois, querendo esclarecer bem este ponto, examinar se tais inovadores se sustentam por si mesmos, ou se dependem de outros; isto é, se para realizarem a sua obra têm necessidade de pedir ou se podem constranger.[27] No primeiro caso, veem os seus esforços sempre malogrados, e não levam a termo coisa alguma.[28] Quando, porém, se dependem de si mesmos e podem fazer-se obedecer, então raramente periclitam. Daí, terem todos os profetas armados vencido[29] e os desarmados ruído;[30] porque, além do que se disse, a natureza dos povos é inconstante, e fácil é persuadi-los de uma coisa, mas difícil mantê-los nessa persuasão.[31] Portanto, convém estarmos preparados para num momento dado lhes impor pela força a crença que já não têm.[32] Moisés, Ciro, Teseu e Rômulo não haveriam conseguido a longa observância das suas constituições, se estivessem desarmados,[33] como nos nossos tempos ocorreu ao frade Jerônimo Savonarola, o qual viu as suas leis derrocarem quando a multidão começou a nelas não mais acreditar e ele carecia de meios, quer para manter obedientes os que antes acreditavam, quer para

---

25 Não deixam de ter razão. (Cristina da Suécia) – Isso não acontece a não ser com os povos um tanto cultos e que conservam ainda alguma liberdade. (Napoleão primeiro--cônsul)

26 Estou prevenido contra tudo isso. (Napoleão primeiro-cônsul)

27 Como isso está bem dito! (Cristina da Suécia)

28 Grande descoberta! Quem pode ser bastante covarde para dar semelhante demonstração de fraqueza? (Napoleão general)

29 Os oráculos são então infalíveis. (Napoleão general)

30 A força e a chave para que tudo tenha bom êxito. (Cristina da Suécia) – Nada mais natural. (Napoleão general)

31 Eles me têm hoje em dia momento depois do testemunho do papa, na conta de um pio restaurador da religião e de enviado do Céu. (Napoleão primeiro-cônsul)

32 Não é possível levar pessoas a crerem à força; mas a possível obrigá-las a fingirem que acreditam, e isso basta. (Cristina da Suécia) – Terei sempre meios pan isso. (Napoleão primeiro-cônsul)

33 É este o grande milagre da religião cristã. (Cristina da Suécia)

inspirar a fé nos outros. Todos esses encontram no seu caminho inúmeros obstáculos e perigos, e é-lhes mister superá-los com a virtude [*virtù*].[34] Mas uma vez que os superaram e que começam a ser venerados, então, tendo destruído os que lhes invejavam a condição de príncipe, ficam poderosos, seguros, honrados e felizes.[35]

A tão altos exemplos quero acrescentar um de menos importância, mas que guarda com eles certa proporção. É o exemplo de Hierão siracusano.[36] Este, de particular que era, converteu-se em príncipe de Siracusa, e, como os demais, também não conheceu da fortuna senão a oportunidade. [37] Estando oprimidos, os siracusanos elegeram-no para seu capitão, em cujo cargo mereceu tomar-se príncipe deles.[38] Foi por motivo da sua grande virtude [*virtù*], demonstrada quando ainda não era príncipe, que alguém escreveu a seu respeito: *quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum* [para reinar nada lhe faltava a não ser o reino][39] Hierão dissolveu a velha milícia, criou a nova, deixou as antigas amizades, contraiu outras,[40] e, tendo assim granjeado amigos e soldados fiéis, pôde sobre tal fundamento edificar tudo quanto quis. Destarte, conservou sem esforço o que muito lhe custara adquirir.[41]

---

34 Isso não me embaraça. (Napoleão general)

35 Ainda não penetrei bem este último ponto, e devo contentar-me com os outros três. (Napoleão imperador) – É necessário saber triunfar da inveja, sem matar os invejosos. Seria prestar-lhes demasiada honra. (Cristina da Suécia)

36 Nunca me saiu do pensamento, desde os estudos da minha meninice. Era de um país vizinho do meu, e eu pertenço, talvez, à mesma família. (Napoleão general)

37 Já é dever-lhe muito. (Cristina da Suécia)

38 Com alguma ajuda, sem dúvida. Oxalá tenha eu aqui a mesma sorte que ele. (Napoleão primeiro-cônsul)

39 Minha mãe disse amiúde o mesmo de mim; amo-a por causa do seu prognóstico. (Napoleão imperador)

40 Não o louvarei por isso. É ato digno conquistar novos amigos sem fazer injustiça aos velhos. (Cristina da Suécia)

41 Nisso está a dificuldade. (Cristina da Suécia) – É de bom augúrio. (Napoleão imperador)

. . . .

Capítulo VII

DOS PRINCIPADOS NOVOS QUE SE CONQUISTAM COM AS ARMAS E A FORTUNA DE OUTREM

OS QUE DE PARTICULARES chegam à condição de príncipes impelidos unicamente pelo destino, com pouco esforço a alcançam,[1] mas com muito a retêm.[2] Nenhum obstáculo encontram no seu caminho, porque voam nas asas da fortuna. É depois de terem subido ao poder que veem surgir as dificuldades.[3] Refiro-me aos que obtiveram algum estado ou por dinheiro ou por graça de outrem. Tal o caso do ocorrido na Grécia, nas cidades da Jônia e do Helesponto, onde Dario fez vários príncipes que as deviam conservar para maior glória e segurança dele;[4] assim como em Roma, onde meros cidadãos se converteram em impe-

---

1 Como todos que se deixam levar e nada sabem fazer só. (Napoleão general)

2 É impossível. (Napoleão em Elba)

3 Tudo há de ser obstáculo para gente dessa espécie. (Napoleão em Elba)

4 Dar estados a outrem pode contribuir para a própria glória; não, porém, para a própria segurança, que passará então a correr perigo. (Cristina da Suécia) – Os aliados não tiveram outro alvo a não ser este. (Napoleão em Elba)

radores, corrompendo soldados.[5] Esses dependem tão só da vontade e da boa sorte, aliás muito inconstantes, de quem os guindou a essa altura e não sabem nem podem sustentar-se aí.[6] Não sabem, porque, salvo se forem homens de grande engenho e virtude [*virtù*] não é de crer que após uma vida exclusivamente privada,[7] possuam aptidões para governar;[8] não podem, porque carecem de força em cuja dedicação e fidelidade lhes seja lícito confiar.[9] Demais, os estados rapidamente surgidos, como todas as outras coisas da natureza que nascem e crescem depressa, não podem ter raízes e as aderências necessárias para a sua consolidação. Extingui-los-á a primeira borrasca,[10] a menos como se disse acima, os seus fundadores sejam tão virtuosos [*virtuosi*][11], que saibam imediatamente preparar-se para conservar o que a fortuna lhes concedeu a lancem depois alicerces idênticos aos que os demais príncipes construíram antes de tal se tornarem.[12]

Para exemplificar um e outro desses modos de alguém chegar a príncipe, isto por habilidade [*virtù*] ou por fortuna,[13] vou servir-me de dois exemplos tirados da história de nossos dias. São eles Francisco Sforza e César Bórgia. Francisco, com meios adequados e com a sua grande virtude [*virtù*][14] de particular que era tornou-se duque de Milão,[15] e com pouco trabalho manteve

5 Nem sempre eram corrompidos. (Cristina da Suécia)

6 Há muitos outros que se acham no mesmo caso. (Napoleão em Elba)

7 Como simples particular e longe dos estados onde se é enaltecido: é a mesma coisa. (Napoleão em Elba)

8 E sem dúvida muito difícil. (Cristina da Suécia)

9 É nisto que eu os espero. (Napoleão em Elba)

10 Tudo isso é verdade. (Cristina da Suécia) – Por mais sorte que haja tido ao nascer, quando uma pessoa viveu 23 anos de vida privada, como em família, longe de um povo cuja índole mudou quase por completo, é levada de repente até ele nas asas da fortuna e por mãos estrangeiras para governar, encontra um estado novo do tipo dos que menciona Maquiavel. Os antigos e convencionais prestígios morais interromperam-se demasiado longamente, e não podem existir de outra forma a não ser de nome. Este oráculo é mais seguro que o de Calchas. (Napoleão em Elba)

11 É melhor dizer: bastante afortunados. Uma pessoa é mais hábil quando é afortunada. (Cristina da Suécia)

12 Já havia lançado os meus antes de o ser. (Napoleão em Elba)

13 O meu caso é o deles. (Napoleão em Elba)

14 Habilidade e fortuna devem andar de acordo; em caso contrário, nada se fará de bom. (Cristina da Suécia)

15 Com quem me pareço mais? Excelente agouro! (Napoleão primeiro-cônsul)

a sua conquista penosamente alcançada. De outro lado César Bórgia, a quem o vulgo chama duque de Valentino, conquistou o principado com a sorte do pai, e perdeu-o quando ela lhe faltou, não obstante ter empregado todos os meios imagináveis e feito tudo quanto um homem prudente e virtuoso devia fazer para se firmar nos estados que as armas e a boa estrela de outrem lhe haviam concedido.[16] A razão disto temo-la no acima referido: quem não constrói as bases antes poderia com grande talento [*virtù*] construí-las depois,[17] embora à custa de dificuldades para o construtor e perigo para o edifício.[18] Se, portanto, considerarmos todos os progressos do duque de Valentino, veremos ter ele construído muitas bases para o futuro poderio.[19] Que elas não lhe hajam sido úteis, derivou de incrível e extrema adversidade dos fados,[20] e não de culpa dele.

Quais foram essas bases, eis o que julgo dever explicar,[21] pois melhores preceitos não poderia eu fornecer a um príncipe do que o exemplo das ações de César Bórgia.

Para engrandecer o duque seu filho, esbarrava o papa Alexandre VI em muitas dificuldades presentes e futuras. Em primeiro lugar, não sabia como fazê-lo senhor de algum estado fora dos pertencentes ao domínio papal, e tinha certeza de que, estando já Faenza e Rímini sob a proteção dos venezianos, nem estes nem o duque de Milão lhe consentiriam tirar um dos territórios da Igreja para dá-lo ao filho.[22] Além disso, os exércitos da Itália e, sobretudo, os de que poderia utilizar-se, via-os nas mãos de indivíduos pouco favoráveis à grandeza do papa, e a soldo dos Orsinis, Colonnas e seus cúmplices, razão por que não podia confiar neles. Era, portanto, neces-

---

16 Este exemplo demonstra o que foi dito acima. (Cristina da Suécia) – Amiúde bem. Algumas vezes mal. (Napoleão general)

17 Talento para reinar, é claro. O de outra espécie é uma tolice inútil. (Napoleão em Elba)

18 Sem a fortuna não se faz nada de bom. (Cristina da Suécia) – Principalmente se constroem às cegas, timidamente. (Napoleão em Elba)

19 Melhor do que eu? É difícil. (Napoleão general)

20 Tenho de queixar-me deles; mas corrigi-los-ei. (Napoleão em Elba)

21 Sem dúvida eu desejaria que não o tivesse dito a ninguém senão a mim. Em todo caso, como não sabem ler, vem a ser a mesma coisa. (Napoleão general)

22 Conseguirei eu triunfar de um obstáculo deste gênero para dar reinos ao meu José, ao meu Jerônimo?... Quanto a Luís, talvez sobre algum do qual eu não saiba o que fazer. (Napoleão imperador) – Muita razão tinha eu de hesitar a este respeito. Mas que ingrato foi Joaquim! Que covarde e traidor!... Há de remir as suas culpas. (Napoleão em Elba)

sário remover tal situação e desorganizar os estados italianos[23], para poder assenhorear-se com segurança de uma parte deles.[24] Fácil lhe foi atingir este objetivo. Cuidavam então os venezianos, por motivos particulares,[25] de trazer novamente os franceses à Itália. Alexandre não os contrariou; ao invés, ajudou-os, anulando o velho casamento de Luís.[26] Veio, pois, o rei à Itália com o auxílio dos venezianos[27] e o consentimento do papa, e nem bem chegara a Milão, já a este remetia tropas para a sua empresa na Romanha, empresa cujo bom êxito deveu Alexandre à fama do soberano francês. Assim, o duque conquistou a Romanha e bateu as tropas de Colonna. Quando, porém, pretendeu firmar-se nesse território e prosseguir avante, sentiu-se tolhido por duas considerações: o procedimento das suas próprias tropas, cuja fidelidade lhe parecia duvidosa, e a vontade da França. Em outros termos, temia que as tropas dos Orsinis, das quais lançara mão, se revoltassem contra ele e não só lhe impedissem ulteriores conquistas, mas o despojassem da já feita, e que a mesma coisa fizesse o rei.[28] Das suas suspeitas acerca das tropas dos Orsinis teve prova quando, depois de haver tomado Faenza, atacou Bolonha e as viu combater sem o menor entusiasmo. No tocante ao rei, percebeu-lhe as intenções quando, após conquistar o ducado de Urbino, assaltou a Toscana, e Luís o fez renunciar à empresa. Diante destes fatos o duque resolveu não permanecer mais na dependência das armas e da boa sorte alheias.[29] Começou por enfraquecer os partidos dos Orsinis e dos Colonnas

---

23 O Alexandre de tiara não me reconheceria melhor do que o Alexandre de gorro. (Napoleão imperador)

24 Uma parte! É pouquíssimo para mim. (Napoleão imperador)

25 Soube dar origem a outras mais dignas de mim e do meu século, e que melhor correspondiam aos meus interesses. (Napoleão imperador)

26 A experiência que já fiz, cedendo o ducado de Urbino para lograr a assinatura da concordata, persuade-me de que em Roma, como em outros lugares, hoje como outrora, uma das mãos lava a outra, e isto promete... (Napoleão primeiro-cônsul)

27 Os genoveses abriram-me as portas da Itália com a louca esperança de que os seus fabulosos créditos na França seriam pagos integralmente: *Quid non cogit auri sana fames*? Eles, pelo menos, terão sempre a minha simpatia, de preferência aos demais italianos. (Napoleão primeiro-cônsul)

28 Caro me custou não ter tido igual desconfiança em relação aos meus favorecidos da Alemanha. (Napoleão em Elba)

29 Único procedimento acertado de todo o homem que possua espírito e coração. (Cristina da Suécia) – Porque não tinha outro remédio. (Napoleão em Elba)

em Roma, arrebatando-lhes todos os aderentes fidalgos,[30] aos quais, para os captar, transformou em fidalgos seus, investiu em altos cargos e concedeu honrarias de acordo com as suas qualidades de mando e de governo. De tal forma se houve que em poucos meses todos eles tinham esquecido as antigas simpatias para se constituírem em partidários seus.[31] Depois disto, desfeita que fora já a facção dos Colonnas, aguardou a oportunidade para aniquilar os Orsinis.[32] Esta ofereceu-se-lhe favorável, e ele aproveitou-a às mil maravilhas. Havendo compreendido tarde demais que a grandeza do duque e da Igreja equivaleria à sua própria ruína, os Orsinis reuniram um congresso em Magione, na província de Perúgia. Daí nasceu a rebelião de Urbino e os tumultos da Romanha, além de infinitos perigos para o duque,[33] que os superou com o auxílio dos franceses.[34] Restaurada a sua autoridade, não quis fiar-se na França nem noutras forças que não fossem as próprias, para evitar o ter que pô-la à prova.[35] Achou melhor recorrer à astúcia. E soube dissimular as suas intenções[36] tão bem, que os Orsinis, por intermédio do senhor Paulo – cujas simpatias o duque se empenhou em granjear, dando-lhe dinheiro, trajos, cavalos –, reconciliaram-se com ele e ingenuamente se deixaram atrair a Senigaglia[37] [onde o duque à tradição os matou].

Tendo, pois, exterminado esses chefes, e convertido em amigos próprios os partidários deles,[38] senhor já de toda a Romanha juntamente

---

30 Os meus Colonnas são realistas; os meus Orsinis, os jacobinos; e os meus fidalgos serão os chefes de uns e de outros. (Napoleão general)

31 Eu já havia iniciado uma parte disso antes de chegar ao consulado, no qual me dou por feliz de ter completado essas operações todas. (Napoleão imperador)

32 Encontrei-a no *senatus consulto* sobre a máquina infernal de Nivoso e na minha maquinação de Arena e Topino na ópera. (Napoleão primeiro-cônsul)

33 Vi outros semelhantes... Pichegru, Mallet. De todos triunfei sem precisar de estrangeiros. (Napoleão imperador)

34 Fi-lo sem carecer da ajuda de ninguém. (Napoleão imperador)

35 A resolução que tomou era celerada e há meios nobres e seguros para não se ficar dependente dos outros. (Cristina da Suécia)

36 *Qui mint dissimulares nescit regnare*. Luís XI não o sabia bastante. Devia dizer: *Qui nescit fallere, nescit regnare*. (Napoleão imperador)

37 O que mais formidável restava contra mim, entre os meus Colonnas e Orsinis, não teve melhor sorte. (Napoleão imperador)

38 Creio ter feito muito bem uma coisa e outra. (Napoleão imperador)

com o ducado de Urbino, e príncipe benquisto por todos os habitantes daí, que começavam a fruir os beneficiários resultantes do seu governo,[39] lançara o duque sólidos fundamentos para o seu poder.

Como esta parte da vida do filho de Alexandre merece estudo e servir de modelo a outros, não quero de modo algum omiti-la.[40]

Depois de se apossar da Romanha e verificar que ela estivera sob o mando de senhores impotentes, os quais tinham de preferência pilhado a governado os seus súditos,[41] e lhes haviam fornecido motivo antes para desunião do que para união,[42] a ponto de na província pulularem os roubos, as lutas e toda a espécie de desordem,[43] julgou o duque necessário, para pacificar e fazer obediente à sua vontade, dar-lhe um governo severo.[44] Assim, nela colocou governante a Ramiro de Orco, homem cruel e expedito, a quem concedeu plenos poderes.[45] Este, em curto lapso de tempo, restabeleceu a paz e a harmonia entre o povo,[46] obtendo grande influência. Depois disto o duque, temendo viesse tão excessiva autoridade a tornar-se odiosa,[47] houve por bem criar na capital da província um tribunal civil, com ótimo presidente, onde todas as cidades tinham o seu representante.[48] Como sabia existir contra si um pouco de aversão, gerada pelas violências anteriores, para aplacar o espírito dos seus súditos e ganhar-lhes o afeto, quis mostrar que, se violência houvera perpetrado não partira dele, mas do seu ministro.[49] Tomando isso

---

39 Acaso conhecera a França, há 20 anos a ordem de que goza e que só o meu braço podia restabelecer? (Napoleão imperador)

40 Ela é mil vezes mais proveitosa para os povos, do que odiosa para alguns fazedores de frases. (Napoleão imperador)

41 Como artífices de repúblicas francesas. (Napoleão primeiro-cônsul)

42 Como na França republicana. (Napoleão primeiro-cônsul)

43 Exatamente como na França antes de eu aí reinar. (Napoleão primeiro-cônsul)

44 Pois não foi o que fiz? Havia necessidade de firmeza e rigor para conter a anarquia. (Napoleão imperador)

45 F..., serás o meu Orco. (Napoleão primeiro-cônsul)

46 Por isso eu não tinha precisão de ti. (Napoleão imperador)

47 Por isso acabo com teu ministério e agrego-te à aposentadoria do meu senado. (Napoleão imperador)

48 Hei de criar uma comissão senatorial da liberdade individual, que, contudo, só fará o que eu quiser. (Napoleão imperador)

49 Ninguém está mais do que ele condenado pela opinião pública a ser o meu bode expiatório. (Napoleão imperador)

por pretexto,[50] fez certa manhã cortar em dois pedaços o corpo de Ramiro e mandou expô-los na praça de Cesena enfiados num pau e com uma faca ensanguentada ao lado.[51] Este bárbaro espetáculo produziu no povo ao mesmo tempo satisfação e surpresa.[52]

Mas voltemos ao ponto de partida. Tendo-se armado segundo as suas necessidades e havendo suprimido a maioria das forças vizinhas capazes de se lhe oporem estava o duque suficientemente poderoso e em parte imune dos perigos presentes. Faltava-lhe, para poder seguir nas suas conquistas, arredar o temor à França, cujo rei, já persuadido do seu erro, não toleraria decerto que ele continuasse a engrandecer-se. Começou por isso a buscar amizades novas e a tergiversar com esse país,[53] quando os franceses chegaram ao reino de Nápoles para atacar os espanhóis que assediavam Gaeta. A sua intenção era obter a aliança destes, o que cedo teria conseguido se Alexandre vivesse.[54]

Tal foi o seu procedimento nas conjunturas de então. Quanto às vindouras, porém, cumpria-lhe antes de mais nada pensar na possibilidade de que um novo papa não lhe fosse amigo e procurasse arrancar-lhe o que o pai lhe dera.[55] Quatro meios concebeu para prevenir essa hipótese.[56] A saber: primeiro, exterminar todos os descendentes dos senhores que subjugara, para tirar qualquer pretexto à eventual intervenção do papa;[57] segundo, prender a si todos os fidalgos de Roma, para, por meio deles, opor-se aos desígnios do Santo Padre; terceiro, fazer o maior número possível de partidários entre os cardeais do Sacro Colégio; quarto, chegar, antes da morte do papa Alexandre,[58] a tal grau de poderio, que pudesse por suas

50 Estou furioso por não poder fazê-lo cair em desgraça sem o inutilizar. (Napoleão imperador)

51 Ação indigna. (Cristina da Suécia) – Bons tempos aqueles em que se podiam aplicar desses castigos que o povo achasse meritórios. (Napoleão imperador)

52 Mau preceito, satisfazer o povo sacrificando os ministros. (Cristina da Suécia)

53 Muito bem feito. (Napoleão primeiro-cônsul)

54 Esses malditos “ses” me fazem perder a paciência. (Napoleão primeiro-cônsul)

55 É mister prever tais contratempos. (Napoleão primeiro-cônsul)

56 Muito bem achados. (Napoleão primeiro-cônsul)

57 Em podendo, não deixes de fazê-lo, e procura estar em condições de poder. (Napoleão primeiro-cônsul)

58 Francisco II. (Napoleão imperador)

próprias forças resistir ao primeiro assalto, se este viesse.[59] Dos quatro objetivos tinha, ao morrer o papa seu pai, alcançado três e estava prestes a atingir o último. Vejamos. Dos senhores vencidos matou todos aqueles a quem conseguiu deitar a mão, e pouquíssimos escaparam;[60] os fidalgos romanos havia-os trazido para o seu lado;[61] e no Colégio numerosos eram os partidários seus. Com respeito a novas conquistas, projetara apossar-se da Toscana, já possuía Perúgia e Piombino e tomara Pisa sob a sua proteção. Quando os franceses não lhe inspirassem mais receio (e não lho deviam inspirar mais, pois tinham sido já despojados do reino de Nápoles pelos espanhóis e necessitavam, bem como estes, de ganhar a sua amizade),[62] atirar-se-ia contra Pisa. Depois, Lucca e Siena abrir-lhe-iam as portas, quer por medo, quer por ódio aos florentinos, os quais, a seu turno, não poderiam opor-se-lhe. Tivesse ele levado isto a cabo – e tê-lo-ia por certo levado no mesmo ano em que Alexandre morreu – a sua força e reputação chegariam a tal ponto, que lhe permitiriam sustentar-se por si mesmo, sem depender da fortuna e influência alheias,[63] mas tão só do seu poder e talento [*virtù*].[64] Alexandre, porém, morreu cinco anos depois de ter o filho começado a brandir a espada. Deixou-o com um único Estado firme nas mãos, o da Romanha, e todos os demais vacilantes no meio de dois potentíssimos exércitos, e mortalmente enfermo.[65] Não obstante possuía o duque tanta ferocidade e tanta virtude [*virtù*] sabia tão bem como se conquistam ou perdem os homens[66] e tão robustos eram os alicerces que em brevíssimo tempo lançara, que, se não tivesse tido contra si aqueles dois exércitos ou

---

59 O último era o mais seguro. (Cristina da Suécia)

60 Não estou ainda tão adiantado como ele. (Napoleão imperador)

61 Não pude executar até agora senão metade desta manobra. *Si voul tempo...* (Napoleão imperador)

62 Supondo que eu tenha induzido a isto todos os príncipes da Alemanha, pensemos no meu famoso projeto do Norte. Acontecerá o mesmo com resultados que nenhum conquistador conheceu. (Napoleão imperador)

63 Livre de qualquer condição análoga irei muito mais longe. (Napoleão imperador)

64 É o único segredo, e quando este não basta nada basta. (Cristina da Suécia) – Convém não conhecer outra dependência. (Napoleão imperador)

65 Péssimo para ele. Cumpre não estar nunca enfermo e tornar-se invulnerável em tudo. (Napoleão imperador)

66 Grandes qualidades. (Cristina da Suécia)

não houvesse caído doente, teria triunfado de todas as dificuldades.[67] Que os seus alicerces eram bons, demonstrou-se logo: a Romanha esperou por ele mais de um mês[68]; em Roma, apesar de quase moribundo, permaneceu em segurança;[69] embora os Baglionis, Vitellis e Orsinis fossem ter a Roma, não lograram induzir ninguém a atacá-lo. Se não pôde fazer papa a quem ele quis, impediu ao menos que o fosse quem ele não queria.[70] Mas se, ao morrer Alexandre, o duque não estivesse enfermo, tudo lhe teria sido fácil. Ele próprio me disse durante a eleição do papa Júlio II, que pensara no que podia acontecer morrendo-lhe o pai, e para tudo encontrara remédio. Só nunca lhe ocorrera a possibilidade de estar ele mesmo, por ocasião daquele falecimento, às portas da morte.[71]

Analisados, pois, todos esses atos do duque, não me é lícito condená-lo.[72] Creio antes, conforme disse, dever apresentá-lo como exemplo a quantos pela boa sorte ou com as armas alheias ascenderam ao poder.[73] E que, tendo ele tamanho valor e tamanha ambição, não lhe era possível proceder de forma diversa.[74] O não se haverem cumprido os

---

67 Não duvido. (Cristina da Suécia)

68 Como a França esperou por mim depois do meu desastre em Moscou. (Napoleão em Elba)

69 Bem que, politicamente falando, estivesse quase moribundo em Smolensk, nada tive que recear dos meus. (Napoleão em Elba)

70 Já é muito para um moribundo. (Cristina da Suécia) – Quanto a isso, não tive dificuldades. A notícia do meu desembarque em Fréjus bastava para anular quaisquer escolhas que me houvessem sido contrárias. (Napoleão primeiro-cônsul)

71 Afinal de contas, quando se quer reinar gloriosamente, mais vale, falando de um modo geral, não pensar nisso. Tal pensamento teria paralisado os meus projetos mais arrojados. (Napoleão imperador)

72 A sua malvadez e crueldade; o resto era admirável. (Cristina da Suécia)

73 São bem ignorantes os escritorezinhos que disseram tê-lo ele indicado a todos os príncipes, inclusive aos que não estão nem podem estar no mesmo caso. Não conheço outro em toda a Europa, salvo eu, a quem este modelo pudesse convir. (Napoleão imperador)

74 Não há glória nem riqueza dignas de serem adquiridas ao preço de crimes e nunca ninguém é grande ou feliz por este preço. Os maus governantes tiram benefícios da sua malvadez. (Cristina da Suécia) – O que de análogo fiz era-me imposto como uma necessidade da minha situação e, por conseguinte, como um dever. (Napoleão imperador)

seus intentos, deve-se tão só à brevidade da existência de Alexandre e à sua própria doença.[75] Quem, por conseguinte, em seu novo principado[76] acha necessário precaver-se contra os inimigos, granjear amigos, vencer pela força ou pela fraude, tornar-se amado e temido pelos povos, fazer-se respeitar e seguir pelos soldados, eliminar os que podem ou devem prejudicá-lo, substituir as antigas instituições por outras novas, ser severo e benquisto, magnânimo e liberal, dissolver a milícia infiel, criar uma nova, conservar as amizades dos reis e dos príncipes de maneira que eles tenham de favorecê-lo de bom grado ou combatê-lo com receio[77] – não encontrará exemplos mais recentes do que as ações de César Bórgia.[78]

Só uma censura cabe ao duque. É a de ter concordado com a eleição de Júlio II para papa. Foi uma escolha má,[79] efetivamente. Não lhe era facultado eleger um a seu talante;[80] estando, porém, em condições de obstar à eleição de um que não lhe convinha,[81] nunca devera permitir que cingisse a tiara qualquer dos cardeais por ele ofendidos antes ou dos que, uma vez pontífices, haveriam de olhá-lo com temor.[82] Na verdade, os homens ofendem por medo ou por ódio. Os que ele ofendera eram, entre outros, o titular de São Pedro em Víncula [isto é, Julio della Rovere, que se tornou papa Júlio II, o de Colonna, o de São Jorge e Ascânio.[83] Todos os demais, uma vez assentados no sólio, deviam temê-lo,[84] exceto o de Ruão

---

75 Os meus reveses dependem de causas semelhantes, contra as quais nada podia fazer a minha inteligência. (Napoleão em Elba)

76 É justamente disso que eu preciso. (Napoleão general)

77 Tudo isso se faz melhor por meio da virtude do que do crime. (Cristina da Suécia)

78 Julgo ser eu um exemplo, não apenas mais recente, senão também mais perfeito e sublime. (Napoleão imperador)

79 Estava com a cabeça debilitada, pela enfermidade. (Napoleão imperador)

80 Tê-lo-ia deposto logo, se fosse eleito contra o meu gosto. (Napoleão primeiro-cônsul)

81 Maquiavel engana-se. (Cristina da Suécia)

82 Todos, menos o que foi eleito, sabiam ou previam que tinham de me recear. (Napoleão primeiro-cônsul) – É, sobretudo na eleição dos papas, que Deus zomba da prudência humana. (Cristina da Suécia)

83 Já passou o tempo em que o seu ressentimento podia atemorizar-me. (Napoleão imperador)

84 Bastou o meu nome para fazê-los tremer e obrigá-los-ei a vir como cordeiros até junto do meu trono. (Napoleão primeiro-cônsul)

e os espanhóis: estes por afinidades e obrigações,[85] aquele pelo poderio resultante da sua ligação com o reino de França. Portanto, o duque devera, antes de mais nada, fazer papa a um espanhol ou, não podendo, consentir que fosse eleito o cardeal de Ruão.

Nunca o titular de São Pedro em Víncula. Quem julga que nas grandes personagens os favores recentes dissipem da memória as antigas injúrias,[86] engana-se.[87] Errou, pois, o duque nessa eleição, causa da sua ruína.

---

85 Que belo motivo para, confiar nessa gente! Maquiavel tinha muito boa-fé. (Napoleão imperador)

86 Parecem esquecer quando a paixão deles o quer; mas não nos devemos fiar nisso. (Napoleão imperador)

87 Máxima verdadeira. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo VIII

DOS QUE CHEGARAM AO PRINCIPADO POR MEIO DE CRIMES

HAVENDO AINDA DOIS MEIOS de chegar um simples cidadão ao principado, para os quais não contribui inteiramente a fortuna ou a virtude [*virtù*], não me parece conveniente omiti-los, embora de um deles pudesse discorrer mais largamente caso fosse república o Estado onde tal ocorre.[1] Esses meios são a prática de ações celeradas e nefandas[2] ou o favor dos outros concidadãos.[3] Quanto ao primeiro dos meios esclarecê-lo--ei com dois exemplos, um antigo, o outro moderno, sem descer a outras minúcias, pois, julgo eu, quem precisar dele não terá senão que imitar ditos exemplos.[4]

---

1 Dispenso-o. (Napoleão general)

2 A expressão é sobremaneira condenatória. Que importância tem o caminho, desde que se chegue? Maquiavel comete um erro ao querer fazer o papel de moralista em semelhante assunto. (Napoleão general)

3 Pode em qualquer tempo simular que o teve. (Napoleão general)

4 Discrição de moralista, muito intempestiva em matéria de estudo. (Napoleão general)

O siciliano Agatocles, de condição não só particular, mas baixa e abjeta, tomou-se rei de Siracusa.[5] Filho de um oleiro, em todas as fases da sua vida cometeu perversidades.[6] Apesar disso, acompanhou-as com tanto vigor [*virtù*] corporal e de ânimo[7] que, depois de entrar na milícia, chegou, subindo os postos desta, a ser pretor de Siracusa.[8] Em tal cargo decidiu empunhar o cetro, bem como conservá-lo pela violência sem dar satisfações a quem quer que fosse.[9] Tendo posto a par deste seu desígnio Amílcar, o cartaginês, que à testa dos seus exercícios se achava na Sicília[10] reuniu certa manhã o povo e o Senado de Siracusa, como se houvesse necessidade de resolver questões de interesse do Estado, e a um sinal combinado mandou matar por seus soldados todos os senadores e os mais ricos cidadãos. Uma vez eliminada essa gente, ocupou e manteve o poder sem nenhuma oposição civil.[11] Embora fosse em duas ocasiões vencido pelos cartagineses, e na última delas sitiado, não somente pôde defender a sua cidade, mas também deixando parte das suas tropas em defesa dela, com as demais atacou a África, e em curto lapso de tempo libertou Siracusa do assédio e pôs os cartagineses em tais apuros que eles tiveram necessidade de se entender com ele, deixando-lhe a Sicília[12] e dando-se por satisfeitos com a posse da África.

Quem, pois, examinar as ações e a virtude [*virtù*] desse, nada ou pouco verá em que a fortuna haja intervindo; porque, como acima disse, não foi com a ajuda alheia, mas à custa de mil esforços e perigos que ele

---

5 Esse, vizinho meu, como Hierão, e de época mais próxima do que ele, estará também na genealogia dos meus ascendentes. (Napoleão general)

6 A consciência nestas coisas é o indício mais seguro do meu gênio resoluto e ousado. (Napoleão general)

7 Raramente alguém é malvado se tem inteligência e coração. (Cristina da Suécia) – De ânimo, sobretudo, que é o essencial. (Napoleão general)

8 Chegarei a isso. (Napoleão general)

9 Concedam-me o consulado por dez anos; não tardarei a obtê-lo como vitalício e veremos! (Napoleão general)

10 Prescindo de tal auxílio embora necessite de outros. Mas estes são fáceis de obter. (Napoleão general)

11 Veja-se o meu 18 de Brumário e os seus efeitos! Tem a vantagem de ser um recurso mais amplo, sem nenhum desses crimes. (Napoleão primeiro-cônsul)

12 Consegui muito mais. Agatocles é um simples anão comparado comigo. (Napoleão imperador)

galgou os vários postos da milícia[13] e alcançou a suprema autoridade, onde se manteve por meio de corajosas e arriscadas decisões.[14] Não se pode, é verdade, chamar virtude [*virtù*] matar os próprios concidadãos, trair os amigos, faltar à palavra dada, não ter piedade nem religião, procedimentos esses que talvez abram as portas do poder, mas não as da glória.[15] Se, todavia, considerássemos a virtude [*virtù*] de Agatocles em arrostar e vencer os perigos e a sua força de ânimo em suportar e dominar a adversidade,[16] nenhuma razão acharíamos para o julgar inferior a qualquer dos chefes mais famosos.[17] Contudo, a sua fereza e atroz desumanidade, e os seus infinitos crimes impedem-nos de colocá-lo entre os homens ilustres.[18] Não é lícito, portanto, atribuir à boa sorte ou virtude [*virtù*] o que ele conseguiu sem uma coisa nem outra.[19]

Nos nossos tempos, debaixo do pontificado de Alexandre VI, Oliverotto de Fermo,[20] órfão desde tenra idade, foi criado por um seu tio materno, de nome João Fogliani, e durante os primeiros anos da mocidade adestrado na arte militar sob o comando de Paulo Vitelli para, com os ensinamentos deste, alcançar algum posto importante da milícia.[21] Morrendo Paulo, ficou ele sob o comando de Vitellozzo, irmão do primeiro e, como possuía grande talento e espírito valoroso, tornou-se dentre em breve

---

13 Com o mesmo custo galguei-os eu. (Napoleão imperador)

14 Já fiz as minhas experiências nesta matéria. (Napoleão imperador)

15 Preocupações pueris, isso tudo! A glória acompanha sempre o bom êxito, seja qual for a maneira como o alcancemos. (Napoleão imperador) – Isso está bem dito e é muito verdadeiro. (Cristina da Suécia)

16 Triunfou dela melhor do que eu? (Napoleão imperador)

17 Tenham a bondade de excetuar-me. (Napoleão imperador) – Tudo está bem dito. (Cristina da Suécia)

18 Outra vez, moral! Esse bom homem do Maquiavel carecia de audácia. (Napoleão imperador)

19 Eu tinha a meu favor a cooperação de ambas. (Napoleão imperador) – Ao contrário; todos esses crimes não impediram que ele tivesse virtude e fortuna. Nada se faz sem elas. (Cristina da Suécia)

20 Que personagem astuta! Fez-me conceber excelentes ideias desde a minha meninice. (Napoleão general)

21 Vaubois, foste o meu Vitelli. Sei mostrar-me reconhecido quando chegar a oportunidade. (Napoleão general)

o principal homem da sua milícia. Achando, porém, coisa humilhante estar aos serviços de outrem, concebeu o projeto de se apoderar de Ferme com a aprovação de Vitellozzo e a ajuda de alguns habitantes desta cidade aos quais era mais cara a escravidão do que a liberdade de sua pátria.[22] À vista disso, escreveu ao tio dizendo-lhe que, como tinha estado vários anos fora de casa, queria ir visitá-lo, assim como à sua cidade, e conhecer o estado do seu patrimônio. Acrescentava não se ter empenhado noutra coisa durante a sua ausência senão na conquista de honrarias, e para mostrar aos seus compatriotas que não se esforçava em vão, desejava apresentar-se com a máxima pompa e acompanhado de cem cavaleiros amigos e servidores seus.[23] Pedia-lhe, enfim, que mandasse os habitantes da cidade recebê-lo com todas as honras, o que seria uma distinção dirigida tanto a ele, Oliverotto, como ao próprio tio, na qualidade de seu primeiro mestre. Nada esqueceu João para satisfazer aos desejos do sobrinho, tendo-o feito acolher com toda a cortesia e amabilidade pela população de Fermo, em cujas casas se foi alojar o séquito dele. Alguns dias se passaram. Oliverotto então, depois de preparar tudo o que era necessário para o seu premeditado crime, ofereceu um banquete solene ao tio e a todos os principais vultos de Fermo.[24] Consumidas as iguarias e terminados os passatempos de uso em tais ocasiões, começou propositalmente a falar de certos assuntos sérios, referindo-se à grandeza do papa Alexandre e de seu filho César, às empresas de ambos. Entabulou assim com os seus convidados uma conversação, no meio da qual se levantou de repente e, declarando não ser conveniente falar em tais assuntos senão em lugar mais reservado, retirou-se para um quarto, para onde o acompanharam João e os demais hóspedes. Nem sequer chegaram estes a sentar-se, quando dos esconderijos do aposento saíram soldados, que mataram João e todos os demais.[25] Praticado o homicídio, Oliverotto montou a cavalo, atravessou a cidade e assediou o

---

22 Reflexo de republicano. (Napoleão general)

23 Que esperto! Há, em toda esta história de Oliverotto, muitas coisas que saberei aproveitar no momento oportuno. (Napoleão general)

24 Isso assemelhava-se ao famoso banquete da igreja de Saint-Sulpice, que, ao regressar da Itália, após Frutidor, mandei os deputados oferecerem-me; mas a pera ainda não estava madura. (Napoleão primeiro-cônsul)

25 Ação indigna e malvada. (Cristina da Suécia)

palácio do primeiro magistrado. Ninguém aí ousou resistir-lhe: todos tiveram de obedecer a ele, constituindo um governo do qual ele se fez chefe.[26] Após matar todos os que, por estarem descontentes, podiam prejudicá-lo,[27] consolidou a sua autoridade, criando novas leis civis[28] e militares[29] e assim, durante o ano em que governou,[30] além de desfrutar de segurança na cidade de Fermo, passou, também, a ser temido por todos os seus vizinhos. A sua derrocada teria sido tão difícil como a de Agatocles, se não se houvesse ele deixado enganar por César Bórgia quando este, em Sinigaglia, como se disse no anterior capítulo, agarrou os Orsinis e Vitellis, e também a ele, um ano após a perpetração do parricídio,[31] estrangulando-o junto com Vitellozzo,[32] seu mestre em virtude [*virtù*] e façanhas criminosas.[33]

Talvez pareça estranho que Agatocles e outros semelhantes a ele, após um sem-número de traições e crueldades, conseguissem viver por longo tempo em segurança na sua pátria e defender-se dos inimigos externos, sem que seus súditos conspirassem contra eles, enquanto outros, procedendo de igual forma, não puderam conservar o Estado nem em tempos de guerra, nem sequer em tempos de paz. Por mim, creio ser isto consequência do bom ou mau emprego que se faz das crueldades.[34] Bem empregadas

---

26 Aperfeiçoei bastante esta manobra no dia 18 de Brumário, e principalmente no dia seguinte ao de Saint-Cloud. (Napoleão primeiro-cônsul)

27 Bastava-me, no momento, assustá-los, dispersá-los e fazê-los fugir. Era necessário sustentar o que eu mandara dizer solenemente a Barras: que não me agradava ver correr sangue. (Napoleão primeiro-cônsul)

28 Portanto, que concluam logo esse Código Civil, ao qual quero dar o meu nome! (Napoleão primeiro-cônsul)

29 Isso dependia inteiramente de mim, e providenciei tudo de forma cômoda e aos poucos. (Napoleão primeiro-cônsul)

30 Tolo, que deixa tirarem-lhe a vida junto com a soberania. (Napoleão em Elba)

31 Com tal palavra de reprovação, finge Maquiavel transformar tudo isso num crime. Pobre coitado! (Napoleão primeiro-cônsul)

32 Que horror! Deus pune o malvado por meio do malvado. (Cristina da Suécia)

33 A gente bonachã dirá que Oliverotto bem o merecia e que Bórgia fora o instrumento de um justo castigo. Lastimo-o, no entanto, por Oliverotto. Esse fato não seria de bom agouro para mim se houvesse no mundo outro César Bórgia além de mim. (Napoleão imperador)

34 Isso não está mal dito. (Cristina da Suécia)

podem-se chamar; se é licito dizer bem do mal, às ações que alguém pratica de uma só vez[35] por necessidade de segurança,[36] sem nelas depois insistir,[37] mas antes transformando-as o mais possível em proveito para os súditos.[38] Mal empregadas são as que, embora pouco numerosas no começo, se multiplicam em vez de se extinguirem com o correr do tempo.[39] Os que adotam o primeiro modo de proceder podem, como Agatocles, com o auxílio de Deus e dos homens, prevenir as situações perigosas. Quanto aos outros, é impossível que se mantenham.[40] Daí se infere que, ao deitar a mão a um Estado, deve o conquistador refletir nas ofensas que precisa de fazer; e fazê-las todas de uma vez[41] para não ter de renová-las todos os dias e poder, não as renovando, tranquilizar os cidadãos, bem como, beneficiando-os, ganhá-los para a sua causa. Quem por timidez[42] ou maus conselhos[43] procede de maneira diferente, parece estar sempre de espada em punho[44] e nunca poderá ter confiança nos seus súditos, já que estes, a seu turno, pela força mesma das contínuas e sempre recentes injúrias, igualmente nenhuma poderão ter nele. As injúrias devem, pois, fazer-se todas de uma só vez, para que, durando menos, ofendam menos[45] e os be-

---

35 Se tivesse começado assim, como Carlos II e muitos outros, a minha causa estaria perdida. Todos esperavam por isso; ninguém o teria censurado; em breve o povo não haveria pensado mais no caso e ter-me-ia esquecido. (Napoleão em Elba)

36 Por sorte, isso é o que menos os preocupa. (Napoleão em Elba)

37 Se insistem por muito tempo nessas operações, acabarão prejudicando a si próprios. Quando a lembrança da ação que se deve castigar envelheceu, quem a pune não parecerá mais do que um homem genialmente cruel, porque aquilo que torna o castigo justo estará esquecido. (Napoleão em Elba)

38 Era fácil. (Napoleão em Elba)

39 Este método, o único que resta aos ministros, forçosamente ser-me-á favorável. (Napoleão em Elba) – Há sem dúvida males que só podem ser curados por meio de sangue e de fogo; em política, como em cirurgia, os cirurgiões piedosos não saram as feridas; matam o enfermo. (Cristina da Suécia)

40 Não tardaremos a ter outra prova disso. (Napoleão em Elba)

41 A conclusão é justa, e o preceito excelente. (Napoleão em Elba)

42 Tudo quanto se faz por timidez é malfeito. (Cristina da Suécia)

43 Uma e outra causa de ruína estão ao seu lado; a segunda está quase toda à minha disposição. (Napoleão em Elba)

44 Quando lho permitem. (Napoleão em Elba)

45 Os que, tendo tomado muito tarde pelo caminho das injúrias, começam a fazê-las timidamente, e aos mais fracos, suscitam o protesto e a revolta dos mais fortes. Que isso nos sirva de guia. (Napoleão em Elba)

nefícios aos poucos, para durarem mais.[46] Cumpre, outrossim, a um príncipe manter com os seus súditos relações tais, que nenhum acontecimento bom ou mau faça variá-las.[47] Se assim não for, quando os tempos adversos trouxerem a necessidade imprevista, ele não terá mais tempo para praticar o mal,[48] e o bem que fizer de nada servirá,[49] porque será considerado como uma imposição das circunstâncias e ninguém lho agradecerá.[50]

---

46 Engana-se. É mister fazer-se temer e amar. Toda a questão reside aí (Cristina da Suécia) – Quando os distribuímos a mãos cheias, recebe-os muita gente que é indigna deles, e os outros não os agradecem. (Napoleão em Elba)

47 Punir e recompensar bem; o que significa punir lastimando e recompensar regozijando-se. (Cristina da Suécia) – Como se a gente fosse catavento! (Napoleão em Elba)

48 Podemos sempre vingar-nos. (Cristina da Suécia) – Tentá-lo-ão. (Napoleão em Elba)

49 E então, por mais que se dê e prometa, de nada valerá, porque o povo permanece naturalmente insensível diante de quem cai por motivo de falta de previsão e longanimidade. (Napoleão em Elba)

50 Os homens dificilmente esquecem as ofensas, mas facilmente esquecem os benefícios. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo IX

DO PRINCIPADO CIVIL

TRATEMOS AGORA do outro aspecto da questão, isto é, vejamos o que ocorre quando um cidadão torna-se príncipe de sua pátria, não por meio de crime ou de outra intolerável violência,[1] mas com a ajuda dos seus compatriotas. O principado assim constituído podemo-lo chamar civil, e para alguém chegar a governá-lo não precisa de ter ou exclusivamente virtude [*virtù*] ou exclusivamente fortuna, mas, antes, uma astúcia afortunada[2]. Pois bem, a ajuda nesse caso é prestada pelo povo ou pelos próceres locais.[3] É que em qualquer cidade se encontram estas duas forças contrárias, uma das quais provém de não desejar o povo ser dominado nem oprimido pelos grandes, e a outra de quererem os grandes dominar e oprimir o povo. Destas tendências opostas surge nas cidades, ou o principado ou a liberdade ou a anarquia.

---

1 É o que eu queria; mas é difícil. (Napoleão general)

2 Engana-se. (Cristina da Suécia) – Este recurso não se acha, sem dúvida, fora do meu alcance e já me serviu com bom resultado. (Napoleão general)

3 Com frequência por ambos. (Cristina da Suécia) – Trataremos de reunir, ao menos, as aparências de uma dupla ajuda. (Napoleão general)

O principado origina-se da vontade do povo ou da dos grandes, conforme a oportunidade se apresente a uma ou a outra dessas duas categorias de indivíduos: os grandes, certos de não poderem resistir ao povo,[4] começam a dar força a um de seus pares,[5] fazem-no príncipe,[6] para à sombra dele terem ensejo de dar largas aos seus apetites; o povo, por sua vez, vendo que não pode fazer frente aos grandes, procede pela mesma forma em relação a um deles para que esse o proteja com a sua autoridade.[7]

Quem chega à condição de príncipe com o auxílio dos magnatas conserva-a com maiores dificuldades do que quem chega com o auxílio do vulgo,[8] porque no seu cargo está rodeado de muitos que se julgam da sua iguala,[9] e aos quais, por isso, não pode manejar a seu talante. Aquele, porém, que sobe ao poder com o favor popular[10] não encontra em torno de si ninguém ou quase ninguém que não esteja disposto a obedecer-lhe.[11] Demais, não se pode honestamente satisfazer os poderosos sem lesar os outros,[12] mas pode-se fazer isso em relação aos pequenos,[13] porque o intento dos pequenos é mais honesto que o dos grandes;[14] enquanto estes

---

4 É a situação do partido diretorial; recorramos a ele para aumentar a minha consideração aos olhos do povo. (Napoleão general)

5 Ver-se-ão arrasados. (Napoleão general)

6 Aceito esse vaticínio. (Napoleão general)

7 Fá-lo-emos trabalhar em tal sentido, para que, por um motivo totalmente oposto, dirija-se ao mesmo fim que os diretoriais. (Napoleão general)

8 Simularei tê-lo conseguido só por ele e para ele. (Napoleão general)

9 Sempre me embaraçam terrivelmente. (Napoleão em Elba)

10 Não logrei persuadir que me achava neste caso. Depois do meu regresso, procurarei trabalhar melhor para isso. (Napoleão em Elba)

11 No entanto, eu os havia atraído até este ponto. (Napoleão em Elba)

12 Os meus eram. Esses homens, oriundos de uma revolução, nunca se dão por satisfeitos. Fizeram-na só para enriquecer, e a cobiça cresce-lhes com o que adquirem. Se antecipadamente se põem ao lado do partido que vai triunfar e o favorecem, é apenas para obter os seus favores. Depois, destruirão aquele a quem elevaram, quando ele não tiver mais nada para dar-lhes, porque continuarão a querer receber. Haverá sempre o maior perigo em nos servirmos de tais partidários. Mas, como dispensá-los? Especialmente eu, que careço de outro apoio! Ah, se eu tivesse o título de sucessão ao trono, esses homens não poderiam vender-me nem prejudicar-me! (Napoleão em Elba)

13 Os homens nunca se satisfazem. (Cristina da Suécia)

14 É do que se pode duvidar. (Cristina da Suécia)

desejam oprimir, aqueles não querem ser oprimidos. Acresce ainda que diante de um povo hostil jamais um príncipe poderá sentir-se em segurança, por serem os inimigos demasiado numerosos. O inverso acontece com os grandes, pelo motivo mesmo de serem poucos.[15] De uma plebe adversa, o máximo que um príncipe pode esperar é ser por ela abandonado. Dos magnatas, porém, deve recear não só o abandono, sendo também a revolta. É que eles, sendo mais perspicazes e astutos, ao pressentirem a tempestade, têm sempre tempo de se pôr a salvo, lisonjeando aquele que julgam venha a triunfar.[16] Por outro lado, o príncipe é obrigado a viver sempre com o mesmo povo; mas pode muito bem prescindir dos poderosos do momento, dada a faculdade que tem de fazer outros novos e desfazê-los todos os dias, de tirar-lhes ou dar-lhes autoridade conforme as suas próprias conveniências.[17]

Para melhor esclarecer esta parte, direi que temos de considerar os poderosos sob dois aspectos principais: ou procedem de forma que por suas ações ficam completamente ligados ao destino do príncipe, ou não. Os primeiros, desde que não sejam rapaces,[18] devemo-los honrar e amar.[19] Quanto aos segundos, cumpre-nos distinguir: há os que assim procedem por pusilanimidade e defeito natural de ânimo,[20] e neste caso devemos servir-nos deles, sobretudo quando são bons conselheiros, para que nos queiram bem na prosperidade e não tenhamos de receá-los na

---

15 A questão se resume em ser o mais forte e o mais acautelado. (Cristina da Suécia)

16 Parece incrível não tenha eu previsto que estes ambiciosos, sempre prontos a se anteciparem ao curso da fortuna, me abandonariam e, até, me entregariam ao inimigo, desde que eu caísse na adversidade! Farão a mesma coisa a meu favor, contra ele, enquanto me virem em situação firme, mas sempre dispostos a se recolocarem contra mim oportunamente, se o meu poder se mostrar vacilante. Por que não pude eu formar novos grandes homens? (Napoleão em Elba)

17 Isso não é muito fácil, ou, pelo menos, não tanto quanto eu desejaria. Tentei fazê-lo a respeito de... e de F...; por causa disso, tornaram-se ainda mais perigosos. O primeiro entregou-me aos meus inimigos; o segundo, de quem preciso, conservou-se em situação dúbia, mas hei de trazê-lo para o meu lado de uma ou de outra forma (Napoleão em Elba) – Não raciocina mal de todo. (Cristina da Suécia)

18 Não tenho quase nenhum desta espécie. (Napoleão imperador)

19 Palavras muito úteis. (Cristina da Suécia)

20 O bom conselheiro nunca é tímido. (Cristina da Suécia)

adversidade;[21] mas há também os que, não ligando o seu destino ao do príncipe, o fazem por cálculo e por ambição,[22] sinal de que pensam mais em si do que nele.[23] Contra estes, o príncipe que se acautele. Tema-os como se fossem inimigos declarados, porque no infortúnio contribuirão sempre para causar-lhe a ruína.[24]

Quem, portanto, se tornar príncipe com o favor do povo deve conservá-lo seu amigo; e isto não lhe será difícil, já que o povo só deseja estar livre da opressão. Mas quem chegar a essa altura com o bafejo dos poderosos, e contra a vontade do povo, busque, antes de mais nada, captar as simpatias deste, o que lhe será fácil quando o puser sob a sua proteção.[25] Os homens, quando recebem o bem de quem julgavam receber o ma1,[26] mais agradecidos se mostram ao benfeitor. Por isso, o príncipe que protege o seu povo torna-o mais afeiçoado a si do que se tivesse chegado ao poder com o favor dele.[27] Muitos modos existem de granjear tal afeto. Contudo, variam tanto de povo para povo que não é possível estabelecer-lhe regra segura, e sobre eles guardarei silêncio. Limitar-me-ei a dizer que a um príncipe é forçoso ter a amizade do seu povo.[28] Sem ela, não encontrará salvação na hora da desdita.[29]

Nabis, príncipe dos espartanos, aguentou o assédio de toda a Grécia e de um exército romano cheio de vitórias, defendendo contra eles a sua pátria e o seu Estado, e, para tanto, bastou-lhe, ao chegar o momento do perigo, manter vigilância sobre poucos indivíduos. Isto teria sido insu-

---

21 Isso não está mal dito. (Cristina da Suécia) – Não sofro de semelhante mal. (Napoleão imperador)

22 Assim é a maioria dos meus. (Napoleão imperador)

23 Só um tolo duvidará disso. (Cristina da Suécia)

24 Não conhecera bem esta verdade; o êxito fê-la compreender com dureza. Poderei aproveitar-me dela no futuro? (Napoleão em Elba)

25 Procurarei fazê-lo. (Napoleão general)

26 Preciso, não obstante, de fortes contribuições e de numerosos soldados. (Napoleão general)

27 Deve-se geralmente ser bondoso com todos e só fazer o mal por necessidade evidente. (Cristina da Suécia)

28 Era este o meu ponto fraco. (Napoleão general)

29 Mau recurso. (Cristina da Suécia) – Deram-mo a conhecer cruelmente. (Napoleão cônsul)

ficiente, caso o povo lhe fosse inimigo. Se alguém pretender refutar esta minha opinião citando mau provérbio, segundo o qual *quem constrói sobre o povo, constrói sobre lama,*[30] eu responderei que tal provérbio só é verdadeiro quando um simples cidadão julga poder estribar-se no povo e espera ser por ele salvo quando se vê oprimido pelos inimigos ou pelos magistrados. Em tal eventualidade, é muito comum esse indivíduo enganar-se, como aconteceu em Roma aos Gracos e em Florença a Jorge Scali. Quando, ao contrário, quem se arrima no povo é um príncipe capaz de comandar, um homem resoluto, que não se atemoriza ante a desventura e sabe com o seu valor e as suas leis incutir coragem em todos, nunca será por ele enganado e verá ter construído sobre fundamentos sólidos.[31]

Por via de regra, o governo de um desses Estados começa a vacilar quando da ordem civil passa à monarquia absoluta.[32] O príncipe aí, exercendo a soberania de modo direto ou por meio de magistrados, encontra-se, no último caso, em situação mais débil e perigosa.[33] Depende destes funcionários, os quais, sobretudo nos momentos de adversidade, podem facilmente retirar-lhe o poder, colocando-se contra ele ou a ele desobedecendo.[34] Nos momentos de perigo já não tem o príncipe tempo para assumir autoridade absoluta, porque os cidadãos e os súditos, acostumados a receber as ordens dos magistrados, não estão propensos em tais circunstâncias a obedecer às dele.[35] Nas situações duvidosas faltar-lhe-ão sempre, pois, indivíduos que lhe inspirem confiança.[36] O príncipe não pode, com

30 Bem dito. (Cristina da Suécia) – Sim, positivamente, quando o povo não passa de lama. (Napoleão general)

31 Grandes palavras e belo raciocínio. (Cristina da Suécia) – De tudo isso, faltou-me só a vantagem de ser amado pelo povo, e não obstante... Mas fazer-se amar na situação em que eu me encontrava, com as necessidades que tinha, era muito difícil. (Napoleão general)

32 Isso depende das circunstâncias, e só é verdade quando somos os mais fortes e o queremos ser. (Cristina da Suécia)

33 Raciocina bastante bem. (Cristina da Suécia)

34 Veremos como isto acontece. (Napoleão em Elba)

35 Conto com isso. (Napoleão em Elba)

36 Ninguém deve confiar senão em si mesmo. (Cristina da Suécia) – Onde os encontrará? (Napoleão em Elba)

efeito, estribar-se no que vê em tempos tranquilos, quando os cidadãos precisam do Estado: aí todos se mostram pressurosos, todos prometem e, estando a morte longe, querem morrer por ele.[37] A maioria, porém, desaparece ao chegar a tempestade, justamente quando o Estado precisa dos cidadãos. O risco desta experiência consiste, sobretudo, em não a podermos fazer senão uma vez.[38] Por isso, um príncipe avisado deve proceder de tal forma que os seus súditos tenham sempre necessidade do Estado e dele.[39] Assim, nunca deixarão de lhe ser fiéis.[40]

---

37 Belas palavras. (Cristina da Suécia) – Não o vislumbram nestes protestos de amizade e cartas de felicitações que o tranquilizam. Não sabem, pois, ainda como isto acontece! (Napoleão em Elba)

38 Boa máxima. (Cristina da Suécia)

39 Nunca se pensa bastante nesta verdade. (Napoleão em Elba)

40 Neste mundo todos dependemos uns dos outros. Raramente é indispensável fiarmo-nos em alguém, mas amiúde é indispensável fingir que nos fiamos. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo X

COMO SE DEVEM MEDIR AS FORÇAS DE TODOS OS PRINCIPADOS

AO EXAMINAR ESSES PRINCIPADOS, cumpre não esquecer outra consideração; isto é, saber se um príncipe pode, em caso de agressão, defender sozinho[1] o seu Estado ou se deve recorrer sempre à ajuda alheia.[2] Esclareçamos bem este ponto. Entendo estarem no primeiro caso os príncipes que têm homens e dinheiro suficientes para organizar um bom exército e dar batalha a quem quer que os venha atacar,[3] e no segundo os que não estão em condições de afrontar o inimigo em campanha, sendo forçados a refugiar-se dentro dos muros da sua cidade e a defender estes.[4] Falemos já dos que estão no primeiro caso, e mais adiante acrescentaremos

---

1 Como a França por meio das conscrições, embargos, etc. (Napoleão general)

2 Desgraçados os que precisam dos outros. (Cristina da Suécia) – Isto não vale nada. (Napoleão general)

3 É só o que importa. (Cristina da Suécia) – Com maior razão quando podem atacar e amedrontar os outros. (Napoleão general)

4 Quando isso acontece, estamos perdidos. (Cristina da Suécia) – Coisa bem triste! Não a desejaria para mim. (Napoleão general)

o que ainda for oportuno. Aos do segundo caso, só nos cumpre aconselhá--los a abastecerem e fortificarem a sua cidade, sem se preocuparem com os campos.[5] Quem quer que haja feito isto e tenha procedido para com os seus súditos em conformidade do que dissemos nos antecedentes capítulos e do que ainda diremos nos seguintes será sempre atacado com grande temor. Nem pode ser de outro modo. Os homens repugnam às empresas onde vejam dificuldades, e não é possível achar fácil o ataque a uma cidade cujo chefe a protegeu bem e não é odiado pelo povo.[6] As cidades da Alemanha são libérrimas e têm ao seu redor poucas terras que lhes pertençam. Obedecem ao imperador quando lhes agrada e não receiam nem esse poderoso nem os demais vizinhos,[7] porque estão muito bem fortificadas e sabem que a sua expugnação há de forçosamente parecer sumamente demorada e difícil.[8] Todas, de fato, têm fossos e muros apropriados, suficiente artilharia, e guardam sempre nos depósitos públicos bebidas, comida e combustível para um ano.[9] Além disso, com o fim de poderem alimentar a plebe, sem prejuízo do erário público, têm sempre trabalho para dar-lhe, durante um ano, nas obras que são o nervo e a vida da cidade. Por último, dão grande valor aos exercícios militares, cuja prática mantêm viva por meio de inúmeros regulamentos.[10]

Um príncipe, pois, que tenha a sua cidade fortificada e viva em boas relações com os súditos, dificilmente será atacado. Todavia, se o for, acabará o atacante por retirar-se humilhado. É que as coisas terrenas são tão mudáveis que só raramente pode alguém permanecer um ano ocioso com exércitos diante de uma cidade, a sitiá-la.[11] Talvez me obje-

---

5 Isto não me concerne. (Napoleão general)

6 Achei-me, contudo, em tal caso; mas aproveitarei a primeira ocasião para fortificar a minha capital, sem que adivinhem o verdadeiro motivo disso. (Napoleão em Elba)

7 Isso mudou muito. (Cristina da Suécia)

8 Isso é bom para os tempos idos. Demais, não se trata aqui de atacantes franceses. (Napoleão general)

9 Elas são venais. (Cristina da Suécia)

10 De que serviram, na Alemanha e na Suíça, estas precauções contra o nosso entusiasmo? (Napoleão primeiro-cônsul)

11 Que praça-forte resistirá tanto tempo se for atacada e não receber socorros? (Cristina da Suécia) – Não costumo ficar rondando durante um ano, ociosamente, debaixo dos muros alheios. (Napoleão primeiro-cônsul)

tem que o povo, se possuir propriedades fora dos muros e as vir arder, ficará impaciente, e o seu interesse e o prolongamento do assédio lhe farão esquecer o príncipe. A isto respondo que um príncipe poderoso e destemido triunfará sempre de todas essas dificuldades, ora dando aos súditos a esperança de que o mal não durará muito, ora assustando-os com as crueldades do inimigo, ora tomando hábeis medidas de segurança contra os mais turbulentos.[12] Além disso, é de supor que o inimigo, ao chegar, ou seja, quando os ânimos dos cidadãos estão ainda ardorosos e inclinados à defesa, ateie fogo às terras, devastando-as. Por este motivo, o príncipe deve ter tanto menos receio quanto, depois de algum tempo, ao esfriarem os ânimos, já os prejuízos foram feitos, os males recebidos e nenhum remédio há mais. Então, como é da índole dos homens sentirem-se gratos quer pelos benefícios que fazem quer pelos que recebem,[13] o fato de que as suas casas tenham sido queimadas e as suas propriedades destruídas para a defesa do príncipe[14] leva o povo a achar que este lhe deve ser reconhecido, e mais estreitamente se une a ele.

Em conclusão, não será difícil a um príncipe avisado manter firme o espírito dos seus governados no começo e durante o assédio, desde que não lhes falte com que viver nem com que se defenderem.[15]

---

12 O meio mais eficaz ou, melhor, único, é contê-los a todos empregando o terror; tiranizai-os, e eles não se insurgirão nem ousarão respirar. (Napoleão imperador)

13 Não deixa de ter razão. (Cristina da Suécia)

14 Seja ou não assim, pouco me importa. Não preciso disso. (Napoleão imperador)

15 Com que se defenderem, que é o essencial. (Napoleão imperador)

Capítulo XI

DOS PRINCIPADOS ECLESIÁSTICOS

AGORA SÓ NOS RESTA falar dos principados eclesiásticos. Nesses, todas as dificuldades consistem em adquirir-lhes a posse; porque, para isso, cumpre ter virtude [*virtù*] ou boa sorte. Para conservá-los, porém, nem de uma nem de outra coisa se necessita. As antigas instituições religiosas que lhes servem de base são tão sólidas e de tal natureza, que permitem aos príncipes manterem-se no poder seja qual for o modo como procedam e vivam.[1] Os chefes destes principados são os únicos que têm Estados e não os defendem, que têm súditos e não os governam.[2] Os seus Estados, embora indefesos, ninguém lhos tira, e os seus súditos, conquanto livres da tutela governamental, não se preocupam com isso, nem buscam ou podem subtrair-se à soberania deles.[3] Tais principados são, pois, os únicos seguros e felizes.[4] Mas, sendo eles regidos por causas superiores, impenetráveis à mente humana, deixarei

1 Ah, se eu pudesse, em França, tornar-me o augusto e sumo pontífice da religião! (Napoleão general)

2 Neste ponto, todos os príncipes de hoje são eclesiásticos. (Cristina da Suécia)

3 Toda a Itália se encontra nessa situação, bem como grande parte da Europa. (Cristina da Suécia)

4 Poderá alguém ser mais desditoso do que os povos do Estado eclesiástico sob Inocêncio XI? (Cristina da Suécia)

de fazer-lhes referências. Seria mister de homem presunçoso e temerário o discorrer sobre Estados instituídos e sustentados por Deus.[5]

Contudo, se me perguntassem como se explica que a Igreja, tão desprezada, antes de Alexandre,[6] pelos potentados italianos e, até por qualquer barão ou senhor, ainda o mais insignificante, possua agora tal grau de poderio no domínio temporal,[7] que faz tremer um rei de França,[8] chegando a ponto de o expulsar da Itália, e que arruína os venezianos;[9] se me perguntassem isto, eu julgaria conveniente recordar as razões do fato, embora elas sejam conhecidas.[10]

Antes de Carlos [VIII], rei de França, invadir a Itália, esta província achava-se debaixo do domínio do papa, dos venezianos, do rei de Nápoles, do duque de Milão e dos florentinos.[11] Cada um desses potentados tinha de evitar, primeiro, que um estrangeiro viesse com os seus exércitos à Itália,[12] segundo que qualquer dos outros se engrandecesse territorialmente.[13] Os que a tal respeito causavam maiores apreensões eram o papa e os venezianos. Para refrear os venezianos necessitava-se da união de todos os demais, como ocorreu na defesa de Ferrara; e para conter o papa utilizavam-se, os restantes, dos fidalgos de Roma,[14] os quais, por estarem divididos em duas facções, os partidários dos Orsinis e os dos Colonnas, viviam de armas em punho uns contra os outros aos próprios olhos do pontífice, enfraquecendo-o e conservando-o impotente.[15] Malgrado aparecesse de vez em quando um papa

---

5 Esta ironia, por certo, merecia todos os raios espirituais do poder temporal do Vaticano. (Napoleão general) – Tem razão. (Cristina da Suécia)

6 Digam lá o que quiserem, Alexandre VI foi um grande papa. (Cristina da Suécia)

7 Hoje ninguém mais teme nem o poder temporal nem o espiritual. (Cristina da Suécia)

8 Esse tempo passou. (Cristina da Suécia)

9 Poder-se-ia fazer isso outra vez; bastaria querê-lo. (Cristina da Suécia)

10 Julgas mal os interesses da tua reputação, e a corte de Roma não te perdoará essa história indiscreta. (Napoleão general)

11 Donos em número excessivo. (Cristina da Suécia)

12 Esse cuidado era bem justificado. (Cristina da Suécia)

13 Isto, com o correr do tempo, não era possível. (Cristina da Suécia)

14 Hoje em dia só se utilizam dele mesmo. (Cristina da Suécia)

15 Que não diria atualmente Maquiavel se ainda vivesse! (Cristina da Suécia) – Reflexões judiciosas... dignas de serem ponderadas. (Napoleão general)

corajoso, como foi Sisto [IV], o seu saber e fortuna não lograram, todavia, livrá-lo de tais tropeços. O curto espaço de dez anos, tantos quantos eram em média os do pontificado, dificilmente consentia a um papa desembaraçar-se por completo de uma das facções.[16] Se um, por exemplo, chegava quase a destruir os partidários dos Colonnas, sucedia-lhe outro, inimigo dos Orsinis, que fazia ressurgir os Colonnas, sem ter tempo suficiente de aniquilar os Orsinis. Daí resultava ser a autoridade temporal do papa pouco temida na Itália.[17] Subiu depois ao sólio Alexandre VI, que mostrou, melhor que qualquer dos seus predecessores, quanto pode um papa fazer-se temer por meio da força e do dinheiro.[18] A sua intenção não era aumentar o poder eclesiástico, mas o do filho. Todavia, o que fez redundou no engrandecimento da Igreja,[19] o qual herdou o fruto das suas diligências após a morte dele e do duque. Sucedeu-lhe o papa Júlio [II], e encontrou a Igreja poderosa, dona que era de toda a Romanha e anulada que fora em Roma pelas perseguições de Alexandre à força de todas as facções.[20] Achou, também, o caminho aberto para arranjar dinheiro, coisa jamais ocorrida antes de Alexandre.[21] Tudo isto Júlio não só conservou, mas ainda ampliou. Propôs-se conquistar Bolonha, eliminar os venezianos e expulsar os franceses da Itália;[22] empresas estas que, todas, foram coroadas de bom êxito, e com tanto mais glória para ele quanto tudo o que fez foi para engrandecer a Igreja[23] e não a um particular. Deixou, outrossim, as facções dos Orsinis e dos Colonnas na situação em que as encontrara;[24] e, embora houvesse entre eles algum chefe perigoso,

16 Raciocina bem. (Cristina da Suécia)

17 É duvidoso que tenha sido mais desprezada do que atualmente. (Cristina da Suécia) – Eu também pouco a temo. (Napoleão general)

18 O que não pode fazer um papa engenhoso com dinheiro e armas? (Cristina da Suécia) – A seu tempo e em seu país. (Napoleão general)

19 Realizou, sem dúvida, grandes coisas com instrumentos e meios detestáveis. (Cristina da Suécia)

20 Teria gostado de fazer o mesmo na França. (Napoleão general)

21 É no que não acredito. (Cristina da Suécia)

22 Valoroso papa! (Cristina da Suécia) – Eis o que se chama proceder como grande homem. (Napoleão general)

23 É este o verdadeiro dever dos papas. (Cristina da Suécia)

24 De todas as coisas é a única que me convém fazer na França. (Napoleão primeiro-cônsul)

permaneceram ambas submissas, porque de uma parte receavam a grandeza da Igreja[25] e de outra não tinham entre os seus membros nenhum cardeal, origem das lutas entre elas. Estas facções, na verdade, nunca ficarão quietas, enquanto tiverem no seu meio cardeais,[26] pois são estes que em Roma e fora dela mantêm os partidos de cuja defesa os barões de uma e outra família são obrigados a cuidar. Da ambição dos prelados nascem, assim, as discórdias e as lutas entre os barões.[27]

O domínio papal era, por conseguinte, sobremaneira forte quando Sua Santidade Leão [X] cingiu a tiara. E é de esperar que, assim como Alexandre e Júlio o tornaram grande com as armas, o novo pontífice o tornará grandíssimo e venerando com a bondade e as suas outras infinitas virtudes [*virtù*].[28]

---

25 É o que importa. (Cristina da Suécia)

26 Não seria nada mau ter eu ali cardeais que devessem a mim o seu chapéu encarnado. (Napoleão primeiro-cônsul)

27 Valer-me-ei dela para o triunfo da minha. (Napoleão primeiro-cônsul)

28 É o essencial. (Cristina da Suécia)

. . . .

Capítulo XII

DOS SOLDADOS MERCENÁRIOS E DAS ESPÉCIES DE MILÍCIAS

JÁ FALEI CIRCUNSTANCIADAMENTE de todas as espécies de principados de que me propusera tratar; examinei, ao menos em parte, as causas de uns terem prosperado e outros não, e mostrei os modos pelos quais muitos buscaram adquiri-los e conservá-los. Assim, resta-me agora falar genericamente dos meios de ataque e defesa que pode empregar cada um dos referidos principados.

Dissemos, já antes, que a um príncipe é necessário ter sólidos alicerces, porque, se não, fatalmente ruirá. Os principais alicerces de qualquer Estado, seja ele novo, velho ou misto, consistem nas boas leis e nos bons exércitos. E como não pode haver boas leis onde não há bons exércitos, e onde há bons exércitos é forçoso haver boas leis, eu deixarei de lado o assunto relativo às leis para falar dos exércitos.[1]

As tropas com que um príncipe defende o seu estado são ou próprias ou mercenárias ou auxiliares ou, ainda, mistas. As mercenárias e

---

1 Por que, pois, aquele visionário do Montesquieu falou de Maquiavel em seu capítulo “Dos legisladores”? (Napoleão primeiro-cônsul)

auxiliares são inúteis e perigosas.[2] Se alguém toma por sustentáculo as tropas mercenárias, nunca terá tranquilidade nem segurança, porque elas são desunidas, ambiciosas, sem disciplina, infiéis, corajosas diante dos amigos, covardes diante dos inimigos, e sem temor de Deus. Com semelhantes tropas, um príncipe só poderá evitar a própria ruína enquanto puder evitar um ataque contra si. Será pilhado por elas em tempo de paz, e pelo inimigo em tempo de guerra. A causa disso é que tais tropas não têm outro sentimento nem outro motivo que as faça lutar a não ser um pequeno estipêndio, e este não basta para lhes incutir a vontade de morrer por quem lho paga. Querem ser soldados do seu patrão quando ele não faz a guerra; mas, ao romper esta, querem fugir ou desligar-se do seu compromisso.[3]

Pouco me custaria demonstrar a verdade disso. Aí está o caso da Itália atual, cuja ruína deriva exclusivamente de se ter ela apoiado durante muitos anos nos soldados mercenários. Estes trouxeram, na verdade, algumas vantagens a um ou outro chefe, e pareciam valorosos enquanto combatiam entre si. Apenas, porém, veio um estrangeiro, mostraram logo o que realmente eram. Daí ter podido Carlos VIII tomar a Itália com o giz [isto é, sem luta, na frase atribuída a Alexandre VI]. Havia quem reputasse causa de tal fato os nossos pecados, e tinha razão. Os pecados, todavia, não eram os que ele supunha, mas aqueles a que me estou referindo. E como eram pecados de príncipes, esses também pagaram por eles.[4]

Desejo tornar ainda mais patentes os males que o emprego dessas tropas acarreta. Os capitães mercenários ou são homens de valor ou não. Se o são, ninguém pode confiar neles, pois sempre aspirarão à grandeza própria, seja oprimindo, para isto, o príncipe que lhes paga o soldo, seja oprimindo outros, fora das intenções dele.[5] Mas se o capitão não é

---

2 Quando não se tem tropas próprias ou quando as mercenárias e auxiliares são mais numerosas, é evidente. (Napoleão general)

3 Excetuo, porém, os suíços. (Napoleão em Elba)

4 No tempo do autor, qualquer erro, fosse político, fosse moral, chamava-se pecado, e ninguém era mais indulgente com os erros dos estadistas do que o são hoje em dia os jansenistas com os pecados do vulgo. (Napoleão general)

5 Exércitos formados por um predecessor inimigo, e que só estão realmente a nosso serviço a troco de pagamento, não passam de mercenários. (Napoleão em Elba)

valoroso [*virtuoso*],[6] leva em geral o príncipe à ruína. E se objetarem que quem quer que tenha as armas na mão fará o mesmo, seja ele mercenário ou não, responderei demonstrando a necessidade de um príncipe ou de uma república se utilizar de exércitos próprios. O príncipe deve pôr-se à testa deles e exercer ele próprio o ofício de comandante.[7] A República deve incumbir disso um dos seus cidadãos, e depois substituí-lo, se ele não revelar qualidades militares, ou fizer leis que o inibam de exorbitar da sua autoridade no caso contrário.[8]

A experiência ensina que somente os príncipes e repúblicas com exércitos próprios alcançaram progressos extraordinários; ao passo que as armas mercenárias só trazem prejuízo.[9] Além disto, é mais difícil uma república com exércitos próprios cair sob o jugo de um cidadão seu,[10] do que com tropas alheias.

Roma e Esparta viveram armadas e livres por muitos séculos. Os suíços são armadíssimos e libérrimos. Os cartagineses confiaram a sua defesa a soldados mercenários, e viram-se quase submetidos por eles ao fim da primeira guerra púnica, malgrado tivessem por chefes compatriotas seus. Filipe de Macedônia acabou por tirar a liberdade aos tebanos, de quem havia recebido o cargo de capitão das suas tropas após a morte de Epaminondas. Os milaneses, uma vez falecido o duque Filipe [Maria Visconti], assoldadaram Francisco Sforza para combater contra os venezianos, e este, após derrotar o inimigo em Caravaggio, uniu-se a ele para tiranizar o seus patrões.[11] [Muzio] Sforza, seu pai, abandonou repentinamente a rainha Joana

---

6 Eles o têm entre os seus partidários. (Napoleão em Elba)

7 Sei-o; eles deveriam sabê-lo. Mas pode-o ele? (Napoleão em Elba)

8 Não há decreto nem ordem que possa estorvá-los. Não se faz a lei, mas é ele quem a dita. (Napoleão general)

9 Deve-se esperar por isto, quando não se dispõe senão de mercenários. (Napoleão general)

10 Mas no fim pode cair. (Napoleão general)

11 Pode-se fazer o mesmo com tropas que somente recebem soldo do Estado. Trata-se de infundir nelas o espírito próprio das tropas mercenárias, e isto é fácil quando se tem à disposição o orçamento militar, dadas as contribuições que ele proporciona. A facilidade é ainda maior quando alguém se encontra com as suas tropas em países longínquos onde elas não podem receber outras influências a não ser a do seu general. Que isto nos sirva de norma de proceder. (Napoleão general)

de Nápoles, a cujo soldo estava; de modo que ela, para não perder o reino, foi obrigada a atirar-se nos braços do rei de Aragão.[12] Se os venezianos e florentinos em anos passados dilataram os seus domínios com tropas deste jaez, sem que os capitães delas se fizessem a si mesmos príncipes dos dois Estados, mas, ao contrário, os defendessem,[13] foi, de uma parte, porque os florentinos tiveram o bafejo da sorte, e de outra parte porque dos capitães mais valentes [*virtuosi*], uns não saíram vencedores,[14] outros encontraram oposições,[15] e ainda outros volveram a sua cobiça para outras bandas.[16] Entre os primeiros está João Aucut [o chefe inglês, de tropas mercenárias, John Hawkwood]. Este, justamente por falta de triunfos, não nos deixou ver até onde ia a sua fidelidade; mas é fácil prever que, se os houvera conseguido, teria feito dos florentinos o que bem quisesse. Sforza esbarrou sempre na oposição dos Bracceschi [as tropas mercenárias de Andrea Braccio de Montone], e um e outro mutuamente se vigiavam.[17] Francisco[18] voltou as suas miras para a Lombardia, e Braccio para a Igreja e o reino de Nápoles.

Vamos, porém, ao que sucedeu não há muito tempo.[19] Os florentinos fizeram seu capitão a Paulo Vitelli, homem prudentíssimo, que de condição modesta tornara-se figura de grande fama. Se este houvesse tomado Pisa, evidentemente nada mais restaria aos florentinos senão apoiá-lo e obedecer-lhe, para evitar que ele passasse ao serviço do inimigo, colocando-os em situação irremediáve1.[20]

---

12 Sejam quais forem os braços a que nos atiremos, ainda quando realizem o nosso principal desejo, acabarão por fazer-nos mais mal que bem. (Napoleão em Elba)

13 Quase não teve outro título senão o de homem honrado, aquele famoso Bartolomeu Colleoni que, com tantas oportunidades para se tornar rei de Veneza, não o quis. Que tolice haver aconselhado, já moribundo, os venezianos a nunca deixarem nas mãos de outrem tanto poder militar com o que tinham conferido a ele! (Napoleão general)

14 É com isto que convém principiar. (Napoleão general)

15 Veremos depois se há oposições insuperáveis. (Napoleão general)

16 Importante é ver o que promete mais. (Napoleão general)

17 Era mister saber destruí-los. (Napoleão general)

18 Sublime! É o melhor modelo. (Napoleão general)

19 Porque não pudeste servir-me! (Napoleão primeiro-cônsul)

20 O diretório murmurará e decretará o que lhe aprouver; eu, porém continuarei sendo o que sou; e haverá mister, em verdade, que o meu exército me obedeça. (Napoleão general)

Examinando os feitos dos venezianos, veremos terem eles procedido segura e gloriosamente enquanto fizeram a guerra com a sua própria gente. Deu-se isto durante o tempo em que, limitando as suas ações à esfera marítima, seguiam com os seus gentis-homens e plebe armada os ditames da virtude [*virtù*].[21] Mas assim que começaram a combater em terra, puseram de lado essa virtude e adotaram os costumes existentes na Itália. No princípio das suas conquistas terrestres, como não possuíam domínio muito extenso e gozavam de grande renome, pouco receio tinham dos seus capitães. Quando, porém, ampliaram o território, o que ocorreu foi por obra de [Francisco, conde de] Carmagnola, então caíram em si. Conhecendo o alto valor [*virtù*] deste homem e vendo-o combater com pouco entusiasmo após terem vencido sob o seu comando o duque de Milão, compreenderam não lhes ser possível vencer com ele.[22] Todavia, não querendo nem podendo despedi-lo para não perderem o que haviam conquistado, tiveram de se livrar dele, matando-o.[23] Seguiram-se, como capitães, Bartolomeu de Bérgamo [Colleoni], Ruperto de São Severino, o conde Gitigliono e outros. Esses não inspiravam receio pelas vitórias, mas pelas derrotas: haja vista a batalha de Vailate [ou de Aquadello], onde num só dia os venezianos perderam o que tão penosamente tinham conquistado em oitocentos anos.[24] Na verdade, destas armas nascem apenas conquistas vagarosas, tardias e insignificantes, e perdas repentinas e fabulosas.

E já que estes exemplos me levaram a falar da Itália, a qual desde muitos anos é governada pelas tropas mercenárias, quero destas falar partindo de época mais remota, para, conhecida a origem e os progressos delas, melhor se poder corrigir o erro.[25]

No tempo em que o imperador [do Santo Império romano-germânico] começou a ser expulso da Itália[26] e o papa a adquirir enorme autoridade do domínio temporal, este país subdividiu-se em numerosos

---

21 Eis o grande benefício das conscrições. (Napoleão primeiro-cônsul)

22 Eu teria compreendido muito mais depressa. (Napoleão imperador)

23 É realmente o meio seguro. Devia eu tê-lo feito com mais frequência do que o fiz. Duas vezes não bastavam; tudo me pode acontecer por não o ter feito pelo menos três vezes. (Napoleão imperador)

24 Tanto pior para eles; e ainda não viram tudo. (Napoleão general)

25 Digressão supérflua para mim. (Napoleão general)

26 Restabelecerei ali o império. (Napoleão general)

Estados.[27] Isso ocorreu porque as populações de muitas das grandes cidades se revoltaram contra os nobres, que antes, ajudados pelo imperador, as mantinham oprimidas, e o papa favoreceu-as para ganhar autoridade do domínio temporal.[28] De algumas dessas cidades os próprios habitantes se tornaram príncipes.[29] Veio assim a Itália a ficar inteiramente nas mãos dos da Igreja e de algumas repúblicas.[30] Como os novos governantes eram ou padres ou cidadãos não afeitos ao conhecimento das armas, uns e outros se puseram a assoldadar capitães mercenários. O primeiro que deu fama a tal tipo de milícia foi Alberico de Conio, natural da Romanha. Da escola deste descenderam, entre outros, Braccio e Sforza, que no seu tempo foram os árbitros da Itália. Depois vieram todos os demais, que até os nossos dias comandaram tais milícias.[31] E o resultado das suas qualidades militares [*virtù*] foi Carlos [VIII] invadir a Itália, Luís [XII] depredá-la, Fernando [o Católico] violá-la e os suíços vituperarem-na.[32] O método por eles adotado consistiu, antes de mais nada, em privar a infantaria de todo o valor, para aumentarem o próprio. Assim fizeram porque, não possuindo estado seu e vivendo da indústria da guerra, não podiam ganhar renome com poucos infantes, nem estavam em condições de sustentar muitos.[33] Limitaram-se à cavalaria, pois uns poucos cavaleiros lhes proporcionavam honrarias, sem os obrigar a grandes despesas. As coisas chegaram a ponto que, num exército de vinte mil soldados, nem sequer dois mil eram infantes.[34] Demais, tinham usado todos os meios para tirar a si mesmos e aos seus subordinados as fadigas e o medo, deixando de se matarem nos combates corpo a corpo, mas fazendo prisioneiros sem prêmio, de captura.[35] À noite os

---

27 A divisão desaparecerá. (Napoleão general)

28 Gregório VII, sobretudo, foi habilíssimo em tal matéria. (Napoleão general)

29 Farei essas três forças atuarem simultaneamente para o meu exclusivo benefício. (Napoleão general)

30 Tudo isso mudará. (Napoleão primeiro-cônsul)

31 Pobres chefes de foragidos! (Napoleão general)

32 A esses faço-os tremer, depois de ter feito, eu sozinho, tanto quanto estes três monarcas juntos; e isso contra exércitos muito mais formidáveis. (Napoleão primeiro-cônsul)

33 Miserável! Lastimoso! (Napoleão general)

34 Carece de sentido comum. E os elogiam! (Napoleão general)

35 Covardia! Idiotice! Apunhalar, fazer em pedaços, estraçalhar, destruir, aterrar... (Napoleão general)

soldados acampados nas cidades não atacavam os das terras, e estes por sua vez abstinham-se de atacar aqueles. Não faziam ao redor do acampamento paliçadas nem fossos, assim como não acampavam durante o inverno. Tudo isto, permitido pelos seus regulamentos militares, haviam-no eles imaginado para evitar, como se disse, a fadiga e os perigos.[36] Desta maneira levaram a Itália à escravidão e à vergonha.[37]

---

36 Quando é possível, cumpre fazer o contrário, para ter boas tropas. (Napoleão general)

37 Tinha forçosamente de acontecer. (Napoleão general)

. . . .

Capítulo XIII

DAS TROPAS AUXILIARES, MISTAS E PRÓPRIAS

AS TROPAS AUXILIARES, o outro tipo de armas inúteis, são as que um príncipe pede emprestadas a outro poderoso para o virem ajudar e defender.[1] Assim fez em tempos recentes o papa Júlio II, o qual, após os tristes resultados colhidos com as tropas mercenárias na empresa de Ferrara, decidiu-se pelas auxiliares e obteve a ajuda dos exércitos do rei Fernando de Espanha. Semelhantes tropas podem ser úteis e boas para os seus chefes,[2] mas são sempre perniciosas a quem as chama, porque, se forem derrotadas, ele também o será, e se vitoriosas, tê-lo-ão à sua mercê.[3] Embora não faltem na história antiga exemplos disto,[4] eu quero deter-

---

1 Inúteis! É um terno forte demais. Devemos imaginar o meio de incutir-lhes a ideia de uma incorporação nas nossas tropas, por meio de estratagema de uma confederação ou de união com o grande império. (Napoleão primeiro-cônsul)

2 É o que me basta. (Napoleão, primeiro-cônsul)

3 O meu sistema de aliança deve prevenir estes dois inconvenientes. (Napoleão primeiro-cônsul)

4 Eu, que devia confirmá-la, vi-me na realidade destinado a desmenti-la. (Napoleão em Elba)

-me nesse de Júlio II. Se a resolução por este papa adotada, de se entregar completamente nas mãos de um forasteiro para tomar Ferrara, não lhe foi funesta, deve-o à sua boa fortuna, que fez nascer uma terceira solução.[5] De fato, tendo sido as suas tropas auxiliares derrotadas em Ravena, entraram em campo os suíços que, contra a expectativa dos demais e dele próprio, arrebataram a vitória aos vencedores. Isso o livrou de cair prisioneiro dos inimigos ou das suas próprias tropas: daqueles, por terem fugido; destas, porque não tinham sido elas quem conquistaram a vitória.[6]

Vejamos outros exemplos. Achando-se inteiramente desarmados, os florentinos levaram consigo dez mil franceses para tomar Pisa, decisão que lhes acarretou maiores perigos do que os experimentados em qualquer outra época da sua história. O imperador de Constantinopla, para se opor aos seus vizinhos, colocou na Grécia dez mil turcos, os quais, acabada a guerra, não quiseram mais ir-se embora,[7] vindo isto, assim, a constituir o princípio de escravidão da Grécia debaixo dos infiéis.[8]

Por conseguinte, só quem não quer vencer[9] pode pensar em servir-se de tais tropas muito mais perigosas do que as mercenárias. É que, pelo fato de estarem unidas e de obedecerem a outrem, elas nos trazem inevitavelmente a ruína. Já as mercenárias, não constituindo um corpo só e tendo sido, além disso, procuradas e pagas por quem as emprega, precisam, após a vitória, de mais tempo e oportunidade para se volverem contra ele; e o próprio chefe que, por incumbência do príncipe, as comanda, não pode adquirir logo autoridade suficiente para o prejudicar. Em suma, nas tropas mercenárias o mais perigoso é a covardia, nas auxiliares o valor [*virtú*].[10]

Todos os príncipes ajuizados sempre evitaram tropas desta espécie, recorrendo às próprias e preferindo perder com estas a vencer com as alheias.

---

5 Essas terceiras soluções não causarão senão pesados contratempos à minha boa fortuna. (Napoleão em Elba)

6 Isso é que se chama ser afortunado e vencer como papa. (Napoleão general)

7 Por certo faremos o mesmo na Itália, onde só entramos expulsando os coligados. (Napoleão general)

8 Nisso a Itália teve mais sorte. (Napoleão imperador)

9 Tolo! Poderá haver outros dessa força? (Napoleão imperador)

10 Sublime e muito profundo. (Napoleão imperador)

Nunca se lhes afigurou verdadeiro triunfo o conquistado com as armas de outrem. A este respeito, jamais vacilarei[11] em mencionar César Bórgia e as suas ações. O duque entrou na Romanha com tropas auxiliares compostas de franceses, e com elas tomou Imola e Forli.[12] Mas em seguida, não reputando seguras tais tropas e achando que corria menos riscos com as mercenárias, assoldadou os Orsinis e os Vitellis. Mais tarde, porém, como verificasse que a lealdade destas era igualmente duvidosa, dissolveu-as e passou a fazer uso das próprias.[13] Para bem aquilatarmos as consequências do emprego de uma ou outra dessas armas, basta-me comparar a autoridade desfrutada pelo duque enquanto teve os Orsinis e Vitellis ao seu serviço com a quem granjeou, ao se apoiar nos seus próprios soldados e em si mesmo. Veremos ter sido esta muito superior à precedente e haver chegado ao mais alto grau quando todos se capacitaram de que ele era inteiramente senhor dos seus exércitos.

Eu não queria afastar-me dos exemplos italianos e recentes; todavia, sou obrigado a lembrar Hierão de Siracusa, do qual já antes falei.[14] Este, conforme disse, depois de escolhido pelos siracusanos para chefe dos exércitos, compreendeu logo que aquela milícia mercenária de pouco lhe valeria, justamente pelas qualidades dos seus comandantes, do mesmo tipo dos nossos italianos; e parecendo-lhe que não era possível nem conservá-los nem despedi-los, mandou matar todos.[15] Depois disso fez a guerra com as armas próprias e não com as alheias.[16]

Quero ainda lembrar uma passagem do Velho Testamento, bem apropositada.[17] Oferecendo-se Davi a Saul para ir combater contra Golias, provocador filisteu, Saul, para lhe dar coragem, armou-o com as suas pró-

11 Por que vacilar? Porque não apreciavas os seus dotes morais, odiados por muitos tolos. Mas que relação tem isto com a política? (Napoleão general)

12 O que é que não se toma com essas tropas? Mas quanto a conservá-lo, não sei. (Napoleão general)

13 Sempre estas, de preferência a quaisquer outras. (Napoleão general)

14 Maquiavel lisonjeia-me, recordando outra vez este herói da minha genealogia. (Napoleão general)

15 Feliz por tê-lo podido fazer e mais ainda por tê-lo feito. (Napoleão imperador)

16 É sempre mau dividir com outrem, por dever, qualquer parcela de glória ou de poder adquiridos. (Napoleão general)

17 A escolha deste exemplo é uma ingenuidade. (Napoleão general)

prias almas. Davi, porém, mal as empunhou, restituiu-lhas, dizendo que elas lhe impediam o livre uso das suas forças, razão pela qual preferia ir ao encontro do inimigo com a sua funda e a sua faca.

A realidade é que as armas alheias ou nos caem das mãos ou pesam sobre os nossos ombros ou nos apertam.

Carlos VII, pai de Luís XI, depois de ter com a sua fortuna e virtude [*virtú*] libertado a França dos ingleses, compreendeu esta necessidade de se armar com armas próprias,[18] e ordenou em seu reino a criação de milícias de cavalaria e infantaria. Mais tarde o rei Luís, seu filho, dissolveu a de infantaria e começou a assoldadar os suíços.[19] Este erro, repetido por outros, é, como se vê agora, origem dos perigos que ameaçam aquele reino. De feito, com a extinção da infantaria e com a força dada aos suíços, Luís humilhou as suas próprias armas, pois colocou na dependência das tropas alheias a sua cavalaria, a qual, habituando-se a travar batalha ao lado dos suíços, acabou por persuadir-se de que não pode vencer sem eles.[20] Daí serem os franceses maus soldados diante dos suíços, e sem os suíços não saberem pelejar contra os outros.

Os exércitos da França eram, como se viu, mistos, isto é, em parte mercenários e em parte próprios; exércitos esses que em conjunto são muito melhores que os simplesmente mercenários ou os simplesmente auxiliares, mas muito inferiores aos próprios.[21] Se as instituições militares de Carlos tivessem sido conservadas e ampliadas, o reino de França seria invencível.[22] O homens, porém, são pouco prudentes e começam certas coisas aparentemente promissoras sem darem tento da peçonha que nelas

---

18 Necessitam de tempo e de experiências funestas para compreender o que lhes é indispensável. (Napoleão em Elba)

19 Tolo! Nem sempre, porém. Via as coisas a seu modo. Olhava para a França como para um prado que podia ceifar todos os anos, tão rente como quisesse. Teve também o seu homem de Saint-Jean d'Angeli e houve-se muito bem na questão de Odet. (Napoleão primeiro-cônsul)

20 Que diferença! Não há um único soldado meu que não se julgue capaz de vencer sozinho. (Napoleão imperador)

21 Em grandíssima parte. (Napoleão general)

22 É invencível porque lhe dei outras ainda melhores. (Napoleão imperador)

se encerra, tal como já disse ao falar das febres da tuberculose. Quem num principado só conhece os males quando eles surdiram à superfície, não é verdadeiramente sábio; e só a poucos é dado sê-lo.[23] Se procurarmos o germe da queda do Império Romano, achá-lo-emos no assalariamento dos godos para o serviço das armas. Desde que isso começou, começaram também a debilitar-se as forças desse império,[24] adquirindo os outros todos aquele vigor [*virtú*] que ele perdia.

Do exposto concluo que, sem possuir exércitos próprios, nenhum principado está seguro[25] e, ao contrário, fica dependente de destino, por não ter quem o defenda na adversidade. Recordemos aqui que a opinião e sentença dos homens atilados sempre foi *quod nihil sit tam infirmum aut instable, quam fama potentiae nun sua vi nixa* [que nada há tão débil e instável como a fama do poder que não assenta na força própria].

As armas próprias são as formadas ou por súditos ou por servidores do príncipe. Todas as outras são mercenárias ou auxiliares. Será fácil achar a maneira de as constituir,[26] em se refletindo nos exemplos que citei e observando como procederam Filipe, pai de Alexandre Magno, e muitas repúblicas e príncipes. Deixarei que esse procedimento fale por si mesmo.[27]

---

23 Ainda neste século de tantas luzes... (Napoleão em Elba)

24 O mesmo pensei eu, lendo pela primeira vez, quando menino, a história dessa decadência. (Napoleão general)

25 Os vossos não são vossos, porém meus. (Napoleão em Elba)

26 Não para eles. Ou, pelo menos, não tão cedo. (Napoleão em Elba)

27 Está bem. O meu procedimento, porém, talvez fale ainda melhor. (Napoleão primeiro-cônsul)

. . . .

Capítulo XIV

DOS DEVERES DE UM PRÍNCIPE NO TOCANTE À MILÍCIA

DO PRECEDENTE CAPÍTULO se deduz que um príncipe não deve ter outro fito ou outro pensamento, nem cultivar outra arte, a não ser a da guerra, juntamente com as regras e a disciplina que ela requer;[1] porque, só esta arte se espera de quem manda, e é tão útil que, além de conservar no poder os príncipes de nascimento, com frequência eleva a tal altura simples cidadãos.[2] Em contraste, os príncipes que cuidaram mais das delícias da vida do que das armas perderam os seus estados.[3] E como o desprezo da arte da guerra determina esta perda, assim o estar nela bem adestrado determina aquela ascensão.

Francisco Sforza, pelo fato de possuir bons exércitos, de particular tornou-se duque de Milão,[4] e seus filhos, por desejarem fugir às

---

1 Dizem que vou pegar da pena para escrever as minhas "Memórias". Escrever, eu? Tomar-me-iam por néscio. Já é bastante que meu irmão Luciano faça versos. Entreter-se com mais puerilidades é renunciar ao cetro. (Napoleão imperador)

2 Demonstrarei uma coisa e outra. (Napoleão imperador)

3 É inevitável. (Napoleão em Elba)

4 E eu então! ... (Napoleão em Elba)

fadigas e aos incômodos das armas, de duques tornaram-se particulares.[5] Entre as causas do mal resultante de se estar desarmado inclui-se o desprezo que isto suscita, desprezo[6] que é uma das vergonhas de que um príncipe se deve resguardar, como veremos mais adiante. Um príncipe armado não pode comparar-se com um desarmado. Diz-nos a razão que quem está armado obedece com relutância a quem o não está,[7] e que o desarmado não se encontra seguro entre servidores armados.[8] O desdém de uns e a desconfiança dos outros impedem qualquer cooperação proveitosa.[9] Por isso um príncipe que não entenda de milícia, além de outras infelicidades já mencionadas, tem a de não ser estimado por seus soldados nem poder fiar-se neles.[10] Como consequência, ao regente de um principado cumpre dedicar-se com afinco aos misteres da guerra, sobretudo em tempos de paz. Pode-se fazer de duas maneiras: pelas ações e pelo estudo. Pelas ações, conservando os seus exércitos, bem disciplinados e adestrados, entregando-se às caçadas, com as quais acostumará o corpo às fadigas e, ao mesmo tempo, aprenderá a conhecer a natureza dos lugares, os pontos onde nascem as serras e onde se abrem os vales; vendo como se apresentam as regiões de planícies, e esforçando-se por reter na memória o curso dos rios e a configuração dos pântanos.[11] Tais conhecimentos dão-lhe uma noção mais perfeita do território do seu estado e permitem-lhe organizar melhor a defesa dele. Outrossim o príncipe, mediante o conhecimento e a frequentação desses lugares, fará prontamente ideia de como há de ser a natureza de outras regiões que precise de estudar. É que, como as colinas, os vales, as planícies, os rios, os pântanos existentes, por exemplo, na Toscana, têm certa semelhança com os de outras regiões, o

---

5 Como eles ficarão dentro em breve. (Napoleão em Elba)

6 A espada e as dragonas por si sós não o evitam, se não há mais alguma coisa. (Napoleão imperador)

7 Pois não o estais vendo? (Napoleão em Elba)

8 E eles pensam que o estão! (Napoleão em Elba)

9 Ainda que eu não me intrometesse nisso. (Napoleão em Elba)

10 Que segredo lhes revelas, Maquiavel! Mas eles não te leem nem te lerão nunca! (Napoleão em Elba)

11 Aproveitei-me dos conselhos. (Napoleão imperador)

conhecimento dos lugares de uma região facilita o conhecimento dos de outra.[12] Ao príncipe não possuidor desta ciência prática faltará o predicado indispensável a todo o cabo de guerra; porque ela é quem ensina a achar o inimigo, a tomar os alojamentos, a dirigir os exércitos e regular as marchas, a apossar-se do terreno mais vantajoso.[13]

Filipômenes, príncipe dos acaianos, entre os demais louvores que mereceu aos escritores, tem o de não haver pensado noutra coisa em tempos de paz senão nos modos de fazer a guerra.[14] Quando andava pelas campinas com os amigos, detinha-se frequentemente a refletir com eles. Se os inimigos estivessem em cima daquela colina, e nós nos encontrássemos aqui, qual dos dois teria vantagem? Como poderíamos ir atacá-los mantendo as tropas ordenadas? Se nos quiséssemos retirar, como deveríamos proceder? Se fossem eles que se retirassem, qual a melhor forma de lhes seguirmos no encalço?[15] E enquanto caminhava, ia-lhes apresentando todas as conjunturas em que se pode achar um exército: ouvia-lhes os pareceres, dizia o seu, ajuntando as razões. Assim, mercê dessa constante reflexão sobre a arte da guerra, ficou habilitado a resolver qualquer situação que durante as campanhas se lhe deparasse.[16]

Quanto, porém, ao estudo, deve o príncipe ler a História,[17] meditar nas ações dos homens ilustres, examinar como se portaram nas guerras, investigar as causas das suas vitórias e derrotas, para fugir destas e obter aquelas. Releva-lhe, sobretudo, escolher entre os mais celebrados heróis da Antiguidade um modelo, cujas façanhas lhe estejam sempre vivas na memória,[18] fazendo, destarte, como se diz terem feito Alexandre Magno com

---

12 Acrescentem-se a isto boas cartas topográficas. (Napoleão general)
13 Utilizei bem os teus conselhos? (Napoleão general)
14 Nela penso até dormindo... se é que alguma vez durmo. (Napoleão general)
15 Quantas vezes fiz eu o mesmo desde a minha mocidade! (Napoleão imperador)
16 Nunca se preveem todas; porém, ainda que não seja fácil, acaba-se encontrando de súbito o remédio. (Napoleão general)
17 Desgraçado o estadista que não a lê! (Napoleão em Elba)
18 Por que não escolher mais de um, que porventura seja superior a todos os outros? Gostei de Carlos Magno, mas César, Átila, Tamerlão não são para desprezar. (Napoleão general)

respeito a Aquiles, César com respeito a Alexandre, e Cipião [o Africano] com respeito a Ciro. Quem quer que leia a vida de Ciro, escrita por Xenofonte, reconhece, lendo depois a de Cipião, quanto este se cobriu de glória por haver imitado aquele e quanto seguiu, na castidade, no trato afável, na clemência e generosidade, tudo o que de Ciro escreveu Xenofonte.[19]

São estas as regras que a um príncipe avisado convém observar. Em vez de permanecer ocioso durante os anos de paz, deve esforçar-se por acumular cabedais que lhe sejam úteis no infortúnio, a fim de, em mudando a sorte, estar preparado para resistir-lhe aos golpes.

---

19 Observação tola. (Napoleão general)

. . . .

Capítulo XV

DAS COISAS PELAS QUAIS OS HOMENS, E MORMENTE OS PRÍNCIPES, SÃO LOUVADOS OU CENSURADOS

RESTA-NOS AGORA ver de que forma deve um príncipe proceder para com os amigos e súditos. Como não ignoro terem muitos escrito a esse respeito, receio que, ao fazê-lo também, me tachem de presunçoso, por eu divergir, especialmente nesta matéria, das opiniões dos outros.[1] Em todo o caso, sendo minha intenção escrever coisa útil para quem saiba entendê-la, julguei mais conveniente ir atrás da verdade efetiva[2] do que das aparências,[3] como fizeram muitos imaginando repúblicas e principados que nunca se viram nem existiram[4]. Entre como se vive e como se devia viver há tamanha diferença, que aquele que despreza o que se faz pelo que

---

1 Primeira advertência necessária para se compreender bem Maquiavel. (Napoleão primeiro-cônsul)

2 Ver sempre as coisas como são. (Napoleão primeiro-cônsul)

3 As fantasias de Platão valem, na prática, quase tanto como as de Jean-Jacques Rousseau. (Napoleão primeiro-cônsul)

4 É a esse respeito que os estadistas julgam os visionários da moral e da filosofia. (Napoleão primeiro-cônsul)

se deveria fazer aprende antes a trabalhar em prol da sua ruína do que da sua conservação. Na verdade, quem num mundo cheio de perversos pretende seguir em tudo os ditames da bondade, caminha para a própria perdição.[5] Daí se infere que o príncipe desejoso de manter-se no poder tem de aprender os meios de não ser bom e a fazer uso ou não deles, conforme as necessidades.[6]

Deixando, pois, de lado as coisas imaginárias para só falar das verdadeiras, tenho a dizer que o julgamento dos homens, sobretudo dos príncipes, pela sua mais elevada condição, se faz de acordo com algumas dessas qualidades que lhes valem ou censura ou louvor. A um chamam liberal, a outro mesquinho (empregando o termo no sentido toscano, porque, na língua nossa, avarento é também o que deseja enriquecer por meio de rapina, e mesquinho unicamente o que evita em demasia gastar os seus haveres), a um reputam-no dadivoso, a outro rapace, a este cruel, àquele piedoso, a este outro desleal, àquele outro fiel, a um efeminado e pusilânime, a outro feroz e destemido, a um modesto, a outro soberbo, a um lascivo, a outro casto, a um íntegro, a outro astuto, a um inflexível, a outro brando, a um austero, a outro leviano, a um religioso, a outro ímpio, e assim por diante.[7] Todos hão de achar, bem sei, que seria muito louvável possuísse um príncipe, dentre as qualidades mencionadas, somente as boas.[8] Não sendo, porém, possível tê-las todas nem observá-las integralmente, porque não o permitem as condições humanas, cumpre-lhe ser bastante cauteloso para saber furtar-se à vergonha das que lhe ocasionariam a perda do estado e, em certos casos, também à daquelas que não lha ocasionariam,[9] embora estas menos receio lhe devam inspirar.[10] Releva, outrossim, que não

---

5 Se nem todos são maus, os que não possuem tais recursos e atividade que é como se todos o fossem. Os mais perversos são, em geral, os que ao nosso lado afetam ser os melhores. (Napoleão imperador)

6 Digam o que quiserem. O essencial é a gente manter-se e conservar a boa ordem do estado. (Napoleão primeiro-cônsul)

7 Escolhei, se puderdes. (Napoleão primeiro-cônsul)

8 Sim, como Luís XVI. Mas acaba-se também perdendo o reino e a cabeça. (Napoleão imperador)

9 Conselho de moralista. (Napoleão imperador)

10 Quanto a isto, pouco se me dá o "que dirão". (Napoleão imperador)

tema incorrer no opróbrio dos defeitos mencionados, se tal for indispensável para salvar o Estado. É que, ponderando bem, encontrará algo com aparências de virtude [*virtú*], cuja adoção lhe trará a ruína, e algo com aparência de defeito, que o conduzirá a uma situação de segurança e de bem-estar.

. . . .

Capítulo XVI

DA PRODIGALIDADE E DA PARCIMÔNIA

COMECEMOS, POIS, pelas primeiras dentre as qualidades referidas. Direi que seria bom passar por liberal. Contudo, a liberalidade exercida sem que se tire fama de liberal prejudica-nos, porquanto, se dela usamos com sabedoria [virtuosamente], como convém, não a tornaremos conhecida,[1] e não impedirá que nos atribuam o vício contrário. Efetivamente, quem deseja ter entre os homens a fama de liberal não deve omitir nenhuma espécie de suntuosidade; e um príncipe que proceder desta forma consumirá todas as suas posses, vendo-se no fim obrigado, se quiser conservar essa fama, a sobrecarregar o povo de impostos, a fiscalizar bem a cobrança, a empregar, em suma, todos os meios úteis à obtenção de dinheiro. Isso começará por torná-lo odioso aos olhos dos súditos,[2] e, como ficou pobre, perderá a estima de todos. Destarte, após ter lesado muitas pessoas para dar

---

1 És também muito evangélico. De que valeria ser liberal, se não fosse para satisfazer o interesse e a vaidade? (Napoleão primeiro-cônsul)

2 Isso me diz respeito até certo ponto; mas recobrarei a estima com façanhas enganadoras. (Napoleão imperador)

largas à sua prodigalidade, com a qual só beneficiou poucas, ver-se-á, em apuros ao menor embaraço[3] e o seu domínio correrá perigo.[4] Se, caindo então em si, quiser emenda a mão, será acoimado de sovina.[5]

Por conseguinte, já que não pode, sem prejuízo próprio, entregar-se à liberalidade de forma notória, um príncipe sábio pouca importância deve dar ao epíteto de sovina. Com o correr do tempo, e à medida que por meio de parcimônia ele for deixando patente que as suas receitas lhe bastam, será tido cada vez mais na conta de dadivoso, podendo assim defender-se de quem lhe faz guerra, bem como atirar-se a empresas, sem onerar o povo.[6] Desta maneira parecerá de fato liberal aos olhos de todos aqueles de quem nada tira, que são numerosíssimos, enquanto apenas aqueles a quem não dá, que são poucos, lhe imputarão a qualidade de miserável.[7]

Nos nossos tempos, só vimos fazerem grandes coisas os que passaram por avarento. Os demais foram personagens sem relevo. Tendo-se valido da nomeada de liberal para subir ao sólio,[8] o papa Júlio II absteve-se, depois de alimentar essa fama, porque desejava preparar-se para atacar o rei de França. Por meio de economia pôde fazer muitas guerras sem lançar um imposto extraordinário sobre os seus súditos.[9] O atual rei de Espanha [Fernando, o Católico], se gozasse da reputação de generoso não teria realizado vitoriosamente tantas empresas.[10]

Um príncipe, portanto, que queira fugir à necessidade de roubar os súditos e ter sempre com que se defender, que não deseje tornar-se pobre e desprezado, nem ser compelido à rapacidade, mantenha-se

3 Irei em busca de dinheiro em todos os países estrangeiros. (Napoleão imperador)

4 Ave de mau agouro, espero que nisto tenhas mentido! (Napoleão imperador)

5 A mim pouco me inquietaria. (Napoleão imperador)

6 Espírito medroso! (Napoleão imperador)

7 Pobre coitado! (Napoleão imperador)

8 A palavra “liberal”, entendida metafisicamente, serviu-me quase que da mesma forma. As expressões “ideias liberais”, “modo de pensar liberal”, que pelo menos não arruínam e aformoseiam os ideólogos, são, contudo, de minha invenção. Ideado por mim, este talismã aproveitará à minha causa e falará sempre a favor do meu reinado, ainda que em poder dos que me destronaram. (Napoleão em Elba)

9 Ideia mesquinha. (Napoleão imperador)

10 Tolice. (Napoleão imperador)

indiferente às acusações de sovina, pois a avareza é um dos defeitos que o fazem reinar.[11] Mas, objetar-me-ão, César com a liberalidade chegou ao império,[12] e muitos outros, por terem sido e passado por liberais, alcançaram posições altíssimas. A isso responderei: ou já somos príncipes ou estamos a caminho de o ser. No primeiro caso, tal liberalidade é nociva; no segundo, todavia, convém-nos sermos tomados por liberais.[13] César era um dos que aspiravam ao principado de Roma; mas se tivesse vivido após o haver alcançado e continuasse a exceder-se nas despesas, teria destruído aquele império. E se alguém replicasse: – muitos foram os príncipes que tinham fama de liberalíssimos e que com os exércitos fizeram grandes coisas,[14] – responderia: o príncipe gasta o dinheiro seu e dos súditos, ou de outrem. No primeiro caso cumpre-lhe ser parcimonioso; no segundo, não deve omitir a menor munificência.[15] O príncipe que comanda os seus exércitos, que se nutre de presas de guerra, de saques e de prêmios de resgate e maneja dinheiro alheio precisa de ser liberal, pois, sem isso, os seus soldados não o seguirão.[16] Daquilo que não é nosso ou dos nossos súditos, bem podemos ser generosos doadores, como eram Ciro, César e Alexandre;[17] porque gastar o alheio não diminui, antes aumenta a reputação.[18] Só gastar o próprio é que prejudica. Nada se consome tão depressa como a liberalidade. Cada vez que a praticamos, reduzimos a possibilidade de praticá-la depois, tornando-nos pobres e desprezíveis[19] ou, para escapar à pobreza, rapaces e odiosos.[20] Ora, as principais coisas de que um príncipe se deve resguardar são o desprezo

---

11 Não é este defeito com que eu mais contaria. (Napoleão imperador)

12 Os meus generais sabem o que lhes dei antes e aonde teria que chegar para lhes conferir ducados e bastões de marechal. (Napoleão imperador)

13 Fui liberal em atos e palavras, Quantos tolos a gente não consegue iludir com o falso ouropel das ideias liberais! (Napoleão primeiro-cônsul)

14 Hás de julgar-me. (Napoleão primeiro-cônsul)

15 Quem o fez melhor do que eu? (Napoleão imperador)

16 Eis a razão por que consenti nos saques e pilhagens. Dava-lhes tudo quanto podiam tomar; daí o seu imutável apego à minha pessoa. (Napoleão em Elba)

17 E eu. (Napoleão imperador)

18 Que serve para aumentar a outra. (Napoleão imperador)

19 Quando não se conhecem outros meios para sustentá-la. (Napoleão imperador)

20 Isso, a bem dizer, não me inquieta. (Napoleão imperador)

e o ódio. E, conduzindo a liberalidade tanto a um como a outro, é mais sábio deixar-se passar por avarento, o que importa uma vergonha sem ódio, do que, para ganhar fama de liberal, ser compelido a arrostar a de rapace, que traz uma vergonha com ódio.[21]

21 No final das contas, pouco me importa. Terei sempre a estima e o amor dos meus soldados..., dos meus senadores, prefeitos, etc. (Napoleão imperador)

. . . .

Capítulo XVII

DA CRUELDADE E DA CLEMÊNCIA, E SOBRE SE É MELHOR SER AMADO OU TEMIDO

PASSEMOS A TRATAR DAS DEMAIS qualidades mencionadas. Todo príncipe deve desejar que o achem clemente e não cruel. Todavia, cumpre-lhe evitar o mau emprego dessa clemência.[1] César Bórgia era reputado cruel; não obstante, a sua crueldade pusera a Romanha nos eixos, dera-lhe unidade, trouxera-lhe a paz e a fé.[2] Se tivermos presentes esses resultados, veremos ter ele sido mais piedoso do que o povo florentino, que, para fugir à fama de truculento, deixou destruir Pistoia. Daí resulta que um príncipe não se deve afligir se, por motivo da violência com que procura manter os seus súditos unidos e fiéis, ganhar reputação de sanguinário.[3] De fato, com

---

1 Isso ocorre sempre quando alguém chega com grandes pretensões à glória da clemência. (Napoleão em Elba)

2 Não cesseis de clamar que esse Bórgia era um monstro do qual cumpre desviar os olhos; não cesseis, para que não aprendam com ele aquilo que poderia estragar-me os planos. (Napoleão em Elba)

3 Evita dizer-lho. Eles, de resto, não parecem inclinados a compreender-te. (Napoleão em Elba)

pouquíssimos exemplos de severidade será mais indulgente do que aqueles que, por excessiva piedade, deixam pulular as desordens, causas de mortes e de rapinas; pois, enquanto estas costumam ofender uma sociedade inteira, as execuções ordenadas pelo príncipe ofendem apenas um particular.[4]

O príncipe novo é, entre todos os outros, o que menos pode evitar a fama de cruel,[5] por serem os estados recém-constituídos cheios de perigos. Dai Virgílio afirmar, pela boca do Dido, para desculpar a desumanidade desta:[6]

Res dura et regni notitas me talia cogunt
Moliri, et late fines custode tueri.

["A difícil empresa e a novidade do reino me obrigam proceder assim e a conservar bem vigiado o país." *Eneida*, livro I.]

Isso, contudo, não deve impedir que um tal príncipe seja cauteloso no formar as suas opiniões e no traduzi-las em atos, e que não se alarme sozinho, levado pela própria imaginação.[7] Incumbe-lhe proceder sem excessos, para que a demasiada confiança não o tome imprudente e a demasiada desconfiança intolerável.[8] Daqui nasce uma questão: é melhor ser amado ou temido?[9] Na minha opinião, conviria ser ambas as coisas. Dada, porém, a dificuldade de preencher alguém esse duplo requisito, o mais vantajoso é ser temido.[10] Assim no-lo faz concluir a própria a natureza dos homens. Estes são geralmente ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro.[11] Nos tempos de bonança, e enquanto lhes fazemos o bem, estão todos, como já tive ocasião de dizer, ao nosso lado, oferecem-nos o sangue, os haveres, a vida, os filhos;[12] mas quando

---

4 Convém-me que todos fiquem ofendidos, ainda quando não seja senão com a impunidade de alguns. (Napoleão em Elba)

5 São novos; o estado é novo para eles; só desejam ser clementes. (Napoleão em Elba)

6 Felizmente, porém, Virgílio não é o poeta mais apreciado. (Napoleão em Elba)

7 É fácil de dizer. (Napoleão primeiro-cônsul)

8 Perfeito! Sublime! (Napoleão primeiro-cônsul)

9 Para mim não é uma questão. (Napoleão primeiro-cônsul)

10 Não preciso senão de um. (Napoleão primeiro-cônsul)

11 Os que diziam serem bons todos os homens queriam iludir os príncipes. (Napoleão primeiro-cônsul).

12 Conta com isso. (Napoleão em Elba)

a tormenta se aproxima, revoltam-se. Então o príncipe que se apoiou inteiramente nas palavras deles,[13] achando-se desprovido de outro qualquer amparo, rui por terra. Nem pode deixar de ser assim. As amizades que se obtêm com favores e não com magnanimidade e a nobreza de alma[14] são indubitavelmente merecidas, mas de nada valem nos tempos adversos. Os homens, além disso, têm menos receio de ofender alguém que se faça amar do que alguém que se faça temer.[15] É que o amor se mantém por meio de vínculo de dever, e este vínculo os homens o rompem, levados pela sua índole perversa, sempre que de tal lhes resulte proveito. Já o temor é mantido por medo ao castigo, e este medo jamais abandona os indivíduos.[16]

O príncipe deve, todavia fazer-se temer de modo que, se não conquista o amor, evite o ódio;[17] pois, ser temido e não odiado podem muito bem associar-se. Basta para isso que se abstenha de deitar mão aos haveres e às mulheres dos seus súditos.[18] Se lhe for necessário tirar a vida a alguém, não deve fazê-lo sem justa e causa manifesta.[19] Em qualquer caso, porém, evite apoderar-se dos bens dos súditos,[20] porque os homens mais facilmente esquecem a morte do pai do que a perda dos haveres.[21] Acresce que para se apossar do alheio nunca faltam pretextos,[22] e o príncipe que comece a viver da rapina encontrá-los-á sempre; ao passo que motivos para tirar a vida são mais raros e diminuem cada vez mais.[23]

---

13 Que bom bilhete tem La Châtre! (Napoleão em Elba)

14 É mister, porém, saber em que consiste ela num príncipe de Estado tão difícil de governar. (Napoleão em Elba)

15 Creem justamente o contrário. (Napoleão em Elba)

16 É preciso castigá-lo continuamente. (Napoleão primeiro-cônsul)

17 Isto é sumamente difícil. (Napoleão imperador)

18 Já é restringir muito as prerrogativas dos príncipes. (Napoleão imperador)

19 Quando não os temos reais, fabricamo-los. Para as minhas importantes providências governativas tenho homens mais sábios do que Gabriel Mandé. (Napoleão primeiro--cônsul).

20 É a única mistificação pérfida que me fez a sua carta. (Napoleão em Elba)

21 Observação profunda, que ainda não me havia ocorrido. (Napoleão em Elba)

22 Esta facilidade em achar pretextos é uma das vantagens da minha autoridade. (Napoleão primeiro-cônsul)

23 Ignorante! Não sabia que os engendramos. (Napoleão primeiro-cônsul)

Quando, porém, um príncipe está com os seus exércitos em campanha e tem de dirigir grande quantidade de soldados, então é absolutamente necessário não se preocupar com a reputação de cruel, pois que sem ela jamais se conseguiu manter um exército unido e propenso à luta.[24] Na vida de Aníbal é digno de menção o fato de que, tendo ele levado um exército numerosíssimo, constituído das mais diversas raças, a combater em terras estranhas,[25] nunca surgisse, quer na boa quer na má sorte, a mínima desavença entre elas ou a menor revolta contra o seu chefe.[26] Isto só foi possível porque a extrema crueldade do cartaginês, aliada aos seus muitos predicados [*virtú*], o tornou venerado e temido pelas tropas, efeito que não teriam podido produzir por si sós as suas outras qualidades [*virtú*].[27] É certo que alguns escritores superficiais admiram de um lado as ações de Aníbal, e de outro condenam a principal origem delas.[28] Todavia, para demonstrar a verdade daquela minha asserção, sirva o exemplo de Cipião, homem de méritos excepcionais tanto para os seus tempos como para quaisquer outros da História,[29] cujos exércitos se insurgiram na Espanha contra ele por causa unicamente de sua excessiva clemência, a qual dera aos seus soldados mais liberdade do que a conveniente à disciplina militar.[30] Isto lhe valeu no Senado as censuras de Fábio Máximo, que o chamou corruptor da milícia romana. Após terem sido os lócrios destruídos por um enviado de Cipião, este não se vingou, nem puniu a insolência daquele enviado, porque se deixou levar pela sua natureza indulgente. Tanto que alguém, querendo desculpá-lo perante o Senado, declarou ser ele um desses homens que mais sabiam evitar erros próprios do que corrigir os alheios.[31] Semelhante natureza teria, com o tempo, embaciado a glória de Cipião,

---

24 Principiei por aí com o fim de fazer marchar para a Itália o exército cujo comando me foi conferido em 1796. (Napoleão general)

25 O meu não apresentava menos elementos de discórdia e de rebelião quando o fiz entrar na Itália. (Napoleão general)

26 Outro tanto se pode dizer do meu. (Napoleão general)

27 Sem dúvida alguma. (Napoleão general)

28 Assim nos julgam sempre. (Napoleão general)

29 Admiração sobremaneira tola. (Napoleão general)

30 Ninguém deve dá-la senão quando isso lhe traz proveito. (Napoleão general)

31 Mais vale a segunda qualidade do que a primeira. (Napoleão general)

se ele houvesse persistido em governar com ela. Como, porém, ele viveu sob a autoridade do Senado, esse predicado nocivo permaneceu oculto e converteu-se em motivo de glória.[32]

Voltando à questão de ser temido ou amado concluo que, visto depender o amor dos homens da vontade deles mesmos e o seu temor da vontade do príncipe, deve este, se é sábio, estribar-se no que depende dele[33] e não no que depende de outros, procurando apenas, como já disse, evitar o ódio.[34]

32 Glória extravagante, na verdade! (Napoleão general)

33 É sempre o meio mais seguro. (Napoleão primeiro-cônsul)

34 A não ser que isso dê muito trabalho e crie grandes tropeços. (Napoleão primeiro-cônsul)

Capítulo XVIII

DE QUE MANEIRA OS PRÍNCIPES DEVEM CUMPRIR AS SUAS PROMESSAS

TODOS COMPREENDEM como é digno de encômios um príncipe quando cumpre a sua palavra e vive com integridade e não com astúcia.[1] No entanto, a experiência de nossos dias mostra haverem realizado grandes coisas[2] os príncipes que, pouco caso fazendo da palavra dada e sabendo com astúcia iludir os homens,[3] acabaram triunfando dos que tinham por norma de proceder a lealdade.

Saiba-se que existem dois modos de combater: um com as leis, outro com a força. O primeiro é próprio do homem,[4] o segundo dos animais. Não sendo, porém, muitas vezes suficiente o primeiro, convém recorrer ao

---

1 Admirando até este ponto a lealdade, a honradez, a sinceridade, Maquiavel nem parece estadista. (Napoleão general)

2 Os grandes exemplos obrigam-no a falar conforme o meu modo de dar outros semelhantes. (Napoleão general)

3 Arte que ainda se pode aperfeiçoar. (Napoleão general)

4 Os tolos estão neste mundo para nos servirmos deles. (Napoleão general)

segundo.[5] Por conseguinte, a um príncipe é mister saber comportar-se como homem e como animal. Isto ensinaram veladamente os autores da Antiguidade, ao escreverem que Aquiles e muitos outros príncipes daquela era foram confiados ao centauro Quíron para que os educasse e criasse.[6] Esta parábola não significa senão que é necessário ter-se por preceptor um ser meio homem e meio animal; ou, por outras palavras, que a um príncipe incumbe saber usar dessas duas naturezas, nenhuma das quais subsiste sem a outra.

Tendo, portanto, necessidade de proceder como animal, deve um príncipe adotar a índole ao mesmo tempo do leão e da raposa; porque o leão não sabe fugir das armadilhas e a raposa não sabe defender-se dos lobos. Assim cumpre ser raposa para conhecer as armadilhas e leão para amedrontar os lobos.[7] Quem se contenta de ser leão demonstra não conhecer o assunto.[8]

Um príncipe sábio não pode, pois, nem deve manter-se fiel às suas promessas quando, extinta a causa que o levou a fazê-las, o cumprimento delas lhe traz prejuízo.[9] Este preceito não seria bom se os homens fossem todos bons.[10] Como, porém, são maus[11] e, por isso mesmo, faltariam à palavra que acaso nos dessem, nada impede venhamos nós a faltar também à nossa.[12] Razões legítimas para encobrir esta inobservância, tê-las-á sempre o príncipe, e de sobra.[13] Disto se poderiam dar infinitos exemplos modernos para mostrar quantos tratados de paz, quantas promessas se tornaram nulas e sem valor unicamente pela deslealdade dos príncipes.[14] O que dentre estes melhor soube imitar a raposa, mais proveito

---

5 É o melhor, considerando que só temos de tratar com animais. (Napoleão primeiro-cônsul)

6 Explicação que ninguém soube dar antes de Maquiavel. (Napoleão general)

7 Tudo isso está muito certo quando aplicado à política pela forma como o faz Maquiavel. (Napoleão general)

8 O modelo, contudo, é admirável. (Napoleão general)

9 Não há outro partido a tomar. (Napoleão general)

10 Pública retratação de moralista. (Napoleão general)

11 Isto basta para não confiar, mas não serve de desculpa aos que são como o resto: malvados e falsos. (Cristina da Suécia)

12 *Par pari refertur*. (Napoleão general)

13 Tenho para isto homens de talento. (Napoleão imperador)

14 Em geral, há nisso para os vassalos mais benefício do que escândalo. (Napoleão imperador)

tirou. Mas é preciso saber mascarar bem esta índole astuciosa, e ser grande dissimulador.[15] Os homens são tão simplórios e obedecem de tal forma às necessidades presentes, que aquele que engana encontrará, sempre quem se deixe enganar.[16]

Dos exemplos recentes, um existe sobre o qual não quero guardar silêncio. Alexandre VI durante a sua vida só fez enganar os homens, só pensou nos meios de os induzir em erro, e sempre achou oportunidades para isso.[17] Nunca houve quem com maior eficácia e mais solenes juramentos soubesse afirmar uma coisa e que menos a observasse do que ele. Apesar disso, as suas tramoias sempre surtiram efeito porque ele conhecia bem aquele aspecto da humanidade.[18]

Não é necessário a um príncipe ter todas as qualidades mencionadas, mas é indispensável que pareça tê-las. Direi, até, que se as possuir, o uso constante delas resultará em detrimento seu, e que, ao contrário, se não as possuir, mas afetar possuí-las, colherá benefícios.[19] Daí a conveniência de parecer clemente, leal, humano, religioso, íntegro e, ainda de ser tudo isso,[20] contanto que, em caso de necessidade, saiba tornar-se inverso. Tenha-se presente que sendo frequentemente forçoso, para manter um estado, quebrar a palavra empenhada e infringir os preceitos da caridade, da clemência, da religião,[21] não pode um príncipe, máxime, um príncipe novo, respeitar tudo quanto dá aos homens a reputação de bons. Por isso, é mister que ele tenha um espírito pronto a se adaptar às variações das

---

15 Os mais hábeis não são capazes de superar-me. O papa poderá dar disso testemunho. (Napoleão primeiro-cônsul)

16 Mentes atrevidamente. O mundo está constituído por tolos. Entre a multidão, essencialmente crédula, contar-se-ão pouquíssimos indivíduos cépticos, e estes mesmos não ousarão confessar que o são. (Napoleão primeiro-cônsul)

17 Não faltam. (Napoleão primeiro-cônsul)

18 Que homem terrível! Se não honrou o sólio, pelo menos estendeu os seus domínios, e a Santa Sé muito lhe deve. Soou a hora do contraponto. (Napoleão imperador)

19 Os tolos que julgarem ser este um conselho para todos não sabem a enorme diferença que há entre um príncipe e os vassalos. (Napoleão imperador)

20 Nos tempos de hoje vale mais parecer honrado do que sê-lo realmente. (Napoleão imperador)

21 Maquiavel é severo. (Napoleão primeiro-cônsul)

circunstâncias e da fortuna e, como disse antes, a manter-se tanto quanto possível no caminho do bem,[22] mas pronto igualmente a enveredar pelo do mal, quando for necessário.

Um príncipe deve ser extremamente cuidadoso em só pronunciar palavras bem repassadas das cinco qualidades referidas, para que todos, ouvindo-o e vendo-o, o creiam a personificação da clemência, da lealdade, da brandura, da retidão e da religiosidade.[23] Nada há que mais devamos dar a impressão de possuir do que esta última.[24] Os homens em geral formam as opiniões guiando-se antes pela vista do que pelo tato; pois todos sabem ver, mas poucos sentir. Cada qual vê o que parecemos ser; poucos sentem o que realmente somos.[25] E estes poucos não ousam opor-se à opinião dos muitos que, atrás de si, têm a defendê-los a majestade do poder.[26] Quando não há possibilidade de alterar o curso das ações dos homens e, sobretudo, dos príncipes, procura-se distinguir sempre o fim a que elas tendem.

Busque, pois, um príncipe triunfar das dificuldades e manter o estado, que os meios para isso nunca deixarão de ser julgados honrosos, e todos os aplaudirão. Na verdade o vulgo sempre se deixa seduzir pelas aparências e pelos resultados.[27] Ora; no mundo não existe senão vulgo, já que as poucas inteligências esclarecidas só têm influência quando à multidão falta um arrimo onde se apoiar.[28] Há nos nossos tempos um príncipe, cujo nome prefiro omitir [alusão a Fernando o Católico], que só faz pregar a paz e o respeito à palavra dada. Todavia, é inimigo decidido de uma e outra coisa, e já teria perdido a autoridade e o estado, se houvera seguido os seus próprios conselhos.

---

22 Caso tenha um. (Napoleão primeiro-cônsul)

23 Isto também é exigir muito. A coisa não é tão fácil. Faz-se o que é possível. (Napoleão primeiro-cônsul)

24 Bom conselho para o tempo dele. (Napoleão primeiro-cônsul)

25 Não se pode fingir por muito tempo o que se não é. (Cristina da Suécia) – Ah! Ainda que eles o sentissem... (Napoleão primeiro-cônsul)

26 Justamente nisso confio eu. (Napoleão primeiro-cônsul)

27 Triunfai sempre, pouco importa como, e nunca deixareis de ter razão. (Napoleão imperador)

28 Fatal, mil vezes fatal a retirada de Moscou! (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XIX

COMO SE DEVE EVITAR O DESPREZO E O ÓDIO

TENDO FALADO JÁ DAS QUALIDADES mais importantes dentre as que mencionei, quero examinar sucintamente as outras. Começarei por dizer que o príncipe deve em geral abster-se de praticar o que quer que o torne malquisto ou desprezível.[1] Assim fazendo, cumprirá a sua missão e eliminará o risco porventura resultante dos seus outros defeitos.[2]

O que acima de tudo acarreta ódio ao príncipe é, como disse, ser ele rapace, é usurpar os bens e as mulheres dos súditos. Como a maioria dos homens vive contente enquanto ninguém lhes toca nos haveres e na honra, o príncipe que de tal se abstiver[3] só terá de arrostar a ambição de poucos, e esta ele reprimirá facilmente e de muitos modos.[4] No desprezo

---

1 Não preciso de recear menosprezo. Realizei grandes coisas e de bom ou malgrado admirar-me-ão. Quanto ao ódio, hei de opor-lhes vigorosos contrapesos. (Napoleão primeiro-cônsul)

2 Isto me é necessário. (Napoleão primeiro-cônsul)

3 *Modus est in rebus*. (Napoleão primeiro-cônsul)

4 Não é tão fácil assim. (Napoleão imperador)

incorre quando os seus governados o julgam inconstante, leviano, pusilânime, irresoluto. Ponha o máximo cuidado em preservar-se de semelhante reputação, muito perigosa, e proceder de forma que as suas ações se revistam de grandeza, coragem, austeridade e vigor.[5]

No tocante aos assuntos particulares dos súditos, cumpre-lhe dar às suas decisões o caráter de irrevogáveis.[6] É-lhes mister, também, incutir no ânimo do povo uma tal opinião a respeito da sua pessoa, que ninguém tenha o pensamento de o enganar ou embair.[7] Isto lhe trará grande autoridade, e esta autoridade, por sua vez, se estiver acompanhada da veneração e amor dos súditos, fará com que dificilmente alguém conspire contra ele ou venha a atacá-lo.[8]

Dois perigos, com efeito, devem merecer a atenção de um príncipe: o perigo interior, nascido dos súditos, e o externo, oriundo dos potentados estrangeiros. Destes se defenderá por meio das boas armas, assim como por meio de bons aliados, os quais nunca lhe faltarão, desde que possua aquelas.[9] Permanecendo inalterada a situação exterior, igualmente permanecerá a interior, salvo se já estiver perturbada por alguma conspiração.[10] Mas ainda quando surjam complicações exteriores, se o príncipe for homem previdente, se tiver sempre vivido em conformidade com as regras por mim explicadas, e não perder o ânimo, resistirá vantajosamente a toda acometida, tal como eu já disse que fez Nabis, o tirano de Esparta. No concernente, porém, aos súditos, há que temer-lhes as conspirações, mesmo em plena situação de tranquilidade exterior. Desse perigo estará, todavia, livre o príncipe que houver sabido, como acima disse, evitar o ódio e o desdém do povo e lhe tiver captado a amizade.[11]

---

5 De que vale esse cuidado, se não o tomamos logo no início? (Napoleão em Elba)

6 Essencial para tirar toda a esperança de perdão aos conspiradores; sem o que perecerás. (Napoleão primeiro-cônsul)

7 Tem-se muito mais do que o pensamento: tem-se a esperança e a facilidade, com a certeza do triunfo. (Napoleão em Elba)

8 Há sempre valentões que não o estimam. (Napoleão em Elba)

9 Disso dei provas admiráveis, e o meu casamento é a sua mais alta expressão. (Napoleão imperador)

10 Esmaguei as que se tramarem. (Napoleão imperador)

11 Tolice. (Napoleão imperador)

Num Estado onde o príncipe não é malquisto e desprezado pela maioria dos cidadãos, dificilmente podem medrar as conspirações. E o motivo é este: quem prepara uma rebelião afaga sempre a esperança de, com a morte do príncipe, satisfazer o povo.[12] Mas quando lhe parece que, em vez de o contentar, irá irritá-lo, não tem coragem para levar por diante os seus intentos, em vista das inúmeras dificuldades que se opõem a todos os conspiradores.[13] Ensina-nos a experiência terem sido muitas as conspirações urdidas; poucas, porém, as coroadas de bom êxito. Nada mais natural. Quem conspira não pode, nem fazê-lo sozinho nem escolher para asseclas senão os que se lhe afiguram descontentes.[14] Ora, manifestar o seu propósito a um descontente[15] equivale a ministrar-lhe razões para ficar contente, a fornecer-lhe oportunidade para que, denunciando-o, obtenha grandes recompensas. O indivíduo posto, assim, a par da trama, vendo os lucros de uma parte[16] e os perigos da outra,[17] só não trairá o conjurado se lhe votar extraordinária amizade ou se for inimigo ferrenho do príncipe. Para resumir tudo, direi que do lado do conspirador não há senão riscos, suspeitas, temor ao castigo, que o fazem vacilar, ao passo que do lado do príncipe há a majestade do poder, as leis, os amigos, a organização do Estado, que o defendem.[18] Junte-se a isto a simpatia popular, e facilmente se concluirá pela impossibilidade de existir alguém tão temerário que pretenda conspirar.[19] É que ao receio de não vencer na empresa, comum a todo conjurado, se associa no caso presente o receio de, após a vitória, não ter onde se apoiar, pela razão mesma da inimizade que lhe vota o povo.[20]

---

12 Não me diz respeito. (Napoleão primeiro-cônsul)

13 Tranquilizas-me. (Napoleão primeiro-cônsul)

14 Atira-se-lhe nos braços um suposto descontente; e, depois, atribui-se tudo à Providência. (Napoleão primeiro-cônsul)

15 Especialmente se o comprei antes. (Napoleão primeiro-cônsul)

16 Pode contar com boas gratificações. (Napoleão primeiro-cônsul)

17 De um lado só perigos; do outro, só vantagens. (Napoleão primeiro-cônsul)

18 Quanto a isso, as minhas precauções chegam ao mais alto grau de eficácia. (Napoleão imperador)

19 Ficam sempre, de certo, bastantes êmulos; mas a policia se encarregará deles. (Napoleão imperador)

20 O povo! Não é ele ingrato e não se coloca sempre ao lado de quem vence, sobretudo quando este o deslumbra? (Napoleão imperador)

Sobre tal matéria muitos exemplos poderia eu dar.[21] Basta-me, porém, um, ainda vivo na memória de nossos pais.

Aníbal Bentivoglio, príncipe de Bolonha, avô do atual Aníbal, foi assassinado pelos Canneschis, que contra ele conspiravam. Da sua família só ficou vivo João, nessa época ainda criança. Logo após o homicídio, o povo revoltou-se e matou todos os Canneschis. Proveio isto das simpatias populares de que a casa dos Bentivoglios então gozava em Bolonha. Tão grandes eram essas simpatias que os bolonheses, sabendo não restar na cidade, após a morte de Aníbal, ninguém daquela família capaz de reger o estado e tendo notícia de que em Florença existia um descendente dos Bentivoglios, até então julgado filho de um ferreiro, foram buscá-lo e lhe entregaram o governo da cidade, no qual ele permaneceu até que João chegou à idade apropriada para exercer o governo.[22]

De tudo isso concluo que um príncipe pouco importância deve dar às conspirações quando tem a estima do povo,[23] mas que não pode deixar de recear tudo de todos,[24] quando este lhe é inimigo e o odeia.

Os estados bem organizados e os príncipes sábios puseram sempre a máxima diligência em não fazer desesperar os grandes[25] e em satisfazer o povo[26], nisso consistindo uma das mais importantes tarefas de um príncipe. Entre os reinos bem organizados e bem dirigidos dos nossos tempos há o de França e nele se encontram muitas instituições excelentes das quais dependem a liberdade e a segurança do rei, sendo a principal delas o parlamento com a sua ampla autoridade.[27] O organizador desse reino, conhecendo por

---

21 O espírito efeminado da nossa época não permite que eles se renovem. (Napoleão primeiro-cônsul)

22 Fossem eles capazes de ir fazer coisas semelhantes em Viena, já que não o foram de me vir buscar *cannus et non*! (Napoleão em Elba)

23 Aqui Maquiavel esquece ter ele mesmo dito que os homens são maus. (Napoleão imperador)

24 O sono afasta-se de mim. (Napoleão imperador)

25 Mas os grandes que me vi obrigado a fazer irritam-se quando por um momento deixo de enriquecê-los. (Napoleão imperador)

26 Não é possível aplacar esses ambiciosos sem descontentar o povo. (Napoleão imperador)

27 Tens razão de admirar-te disto; mas era mister dissolvê-lo para conseguir a destruição do trono dos Bourbons, sem o que, afinal de contas, não teria podido erguer-se o meu. Farei o mesmo estatuto o mais cedo possível. (Napoleão imperador)

um lado a ambição e a insolência dos poderosos e julgando ser necessário um freio para os conter, e sabendo por outro lado que a aversão do povo aos grandes tem por causa o medo, não quis deixar o remédio desse duplo mal a cargo exclusivo do rei. Entendeu que o soberano poderia, no desempenho de tal função, vir a incorrer no desagrado dos poderosos se favorecesse o povo, e no do povo se os favorecidos fossem aqueles. Criou por isso um terceiro poder, o qual, sem responsabilidade para o rei, ficava incumbido de punir os grandes e de favorecer os pequenos.[28] Não poderia haver organização melhor e mais sábia do que esta, nem tão eficaz para a segurança do rei e do reino. Daí se pode deduzir esta consequência digna de menção: os príncipes devem atribuir a outrem a imposição de castigos, e tomar a seu cargo a distribuição de benefícios.[29] Concluo mais uma vez que a um príncipe é necessário estimar os grandes, mas sem provocar a inimizade do povo.

Talvez muita gente, depois de meditar na vida e na morte de vários imperadores romanos, ache errônea esta minha opinião, visto que alguns dentre eles, apesar de terem vivido dignamente e patenteado grande valor [*virtù*], perderam o império ou foram assassinados por compatriotas seus. Como desejo rebater estas objeções, falarei dos méritos de alguns imperadores, mostrando que as causas da sua queda não são diferentes das por mim apontadas, e aproveitarei o ensejo para fazer considerações acerca de fatos notáveis da história daquela era.[30]

Limitar-me-ei a passar revista a todos os imperadores que se sucederam no império desde Marco, o filósofo [isto é, Marco Aurélio], até Maximino. Foram eles Marco, seu filho Cômodo, Pertinax, [Dídio] Juliano, [Sétimo] Severo, seu filho Antonino Caracala, Macrino, Heliogábalo, Alexandre [Severo] e Maximino. Releva notar antes de mais nada que os imperadores da antiga Roma tinham não só de fazer frente à ambição dos grandes e à insolência do povo, como acontece nos demais principados, mas também de lutar com a cobiça e a crueldade dos soldados. Isto era

---

28 Admirável. (Napoleão imperador)

29 No atual estado tocam-lhe a ele todos os assuntos que exigem rigor, e os seus ministros reservam para si próprios a concessão de todas as graças. Às mil maravilhas. (Napoleão em Elba)

30 Que a gente lê como se fosse uma simples novela. (Napoleão primeiro-cônsul)

tão árduo que deu causa à ruína de muitos deles. Não é fácil,[31] de feito, contentar simultaneamente os soldados e o povo. Ao passo que este tinha horror à intranquilidade e por isso amava os imperadores sem ambições guerreiras,[32] os soldados gostavam dos imperadores de espírito belicoso e que se mostrassem arrogantes, desumanos e rapaces para com os povos submetidos, porque assim podiam ter soldo dobrado, bem como saciar a própria avidez e ferocidade.[33] Daí resultava virem sempre a cair os imperadores que, por natureza ou educação, careçam de força bastante para refrear uns e outros.[34] A maior parte deles, e principalmente os que ascendiam ao império como homens novos, ante a dificuldade de conciliar estas duas opostas tendências, preferiam satisfazer os soldados,[35] pouco se importando com prejudicar o povo. Nem outra forma de proceder lhes restava.[36] Já que um príncipe não pode evitar totalmente o ódio dos súditos,[37] deve pelo menos fugir ao das organizações mais poderosas.[38] Por isso os imperadores que, sendo novos, tinham necessidade de apoios extraordinários, favoreciam antes os soldados do que o povo; e, ainda assim, retiravam ou não benefícios desse procedimento, conforme a autoridade que lograssem alcançar sobre eles.[39]

Pelas razões acima expostas aconteceu que dos três imperadores, Marco, Pertinax e Alexandre, todos de vida modesta, amantes da justiça, inimigos da crueldade, humanos e benignos,[40] só o primeiro viveu e

---

31 Bem sei. (Napoleão imperador)

32 A minha situação é difícil. E não se deve imputar ambição guerreira a mim, mas aos meus soldados e generais, que a transformam em gênero de primeira necessidade. Matar-me-iam se os deixasse mais de dois anos sem lhes apresentar a isca de uma guerra. (Napoleão imperador)

33 A isso me obrigam idênticos motivos. Os soldados são iguais em toda a parte, quando se depende deles. (Napoleão imperador)

34 Logrei conter ambos; mas ainda não é suficiente. (Napoleão imperador)

35 Não há necessidade de me fazer desentendido; todavia, sob todos os aspectos, acho-me no mesmo caso. (Napoleão imperador)

36 É esta a minha desculpa aos olhos da posteridade. (Napoleão imperador)

37 Eis uma grande verdade. (Napoleão imperador)

38 É sempre o exército, quando tem tantos soldados como o meu. (Napoleão imperador)

39 Hei de fazer tudo para consegui-lo. Assim me vejo forçado. (Napoleão imperador)

40 Virtudes intempestivas, nesse caso. É digno de compaixão quem não sabe aplicar as virtudes de acordo com as circunstâncias. (Napoleão imperador)

morreu amado. Os outros dois tiveram triste fim.[41] É que Marco chegou ao império por direito hereditário e não tinha de agradecê-lo nem aos soldados nem ao povo.[42] Demais, possuindo muitas virtudes [*virtù*], que o tornavam digno de respeito, manteve sempre, enquanto viveu, tanto uma como outra daquelas duas categorias de indivíduos dentro dos limites devidos, e nunca suscitou aversão nem menosprezo.[43] Pertinax, porém, foi feito imperador contra a vontade dos soldados, os quais, habituados como estavam a viver licenciosamente sob Cômodo, não podiam tolerar aquela vida honesta a que o novo senhor pretendia reduzi-los[44]. Daí passarem a odiá-lo,[45] a esse ódio se acrescentou o desprezo por ele ser velho,[46] e acabarem tirando-lhe a vida logo no início do seu governo. Deve-se aqui notar que o ódio é resultado quer das obras boas quer das más. Por isso, como disse antes, um príncipe é muitas vezes obrigado, para se conservar no governo, a não ser bom.[47] Tal se dá quando o grupo do qual julga ter necessidade para se manter, seja ele constituído de povo, de soldados ou de próceres, é corrupto. Convém-lhe então adaptar-se aos seus caprichos,[48] e nesse caso as boas voltam-se contra ele.[49]

Mas passemos a Alexandre. Este foi tão bondoso que entre outros mereceu o seguinte elogio: nos quatorze anos do seu reinado não mandou matar ninguém sem julgamento. Apesar disso, tendo fama de homem efeminado[50] e de simples títere nas mãos de sua mãe,[51] caiu no desprezo geral e foi morto por seus soldados.

---

41 Nem podia ser de outro modo. Eu tê-lo-ia previsto. (Napoleão imperador)
42 Este destino está reservado somente a meu filho. (Napoleão imperador)
43 Se me fosse dado ressuscitar para suceder a meu filho seria adorado. (Napoleão imperador)
44 É natural que assim seja. (Napoleão em Elba)
45 É inevitável. (Napoleão em Elba)
46 Não me diz respeito. (Napoleão em Elba)
47 E eles não sabem deixar de o ser. (Napoleão em Elba)
48 É, certamente, o que desejam fazer; mas corrompem e desconhecem a força dos seus partidários. (Napoleão em Elba)
49 Não podem deixar de acontecer-lhes isso. (Napoleão em Elba)
50 Quem é sempre bom não pode evitar essa reputação. (Napoleão em Elba)
51 Pior ainda quando alguém é obrigado a sê-lo nas mãos de ministros ineptos e antipatizados. (Napoleão imperador)

Se, em contraposição, observarmos agora Cômodo, Severo, Caracala e Maximino, achá-los-emos dotados de um singular espírito de crueldade e de rapina. Esses, para satisfazerem os soldados, não impediram nenhuma espécie de ofensa que se pudesse praticar contra o povo, e todos, com exceção de Severo, tiveram fim desditoso. Severo, com os seus dotes [*virtù*] extraordinários,[52] embora mantivesse o povo oprimido, pôde, conservando a amizade das tropas, reinar sempre venturosamente. É que esses dotes [*virtù*] o faziam tão admirável aos olhos dos soldados e do povo que este permaneceu, de certo modo, pasmo e amedrontado, e aqueles, reverentes e satisfeitos.[53] Tendo sido as suas ações especialmente notáveis num príncipe novo, quero mostrar de maneira breve como ele soube empregar bem as qualidades da raposa e do leão, cujas naturezas, conforme disse antes, deve um príncipe imitar.[54]

Severo, quando veio a conhecer a covardia do imperador Juliano, persuadiu o seu exército, do qual era comandante na Esclavônia [a antiga Ilíria], da necessidade de ir a Roma vingar a morte de Pertinax, assassinado pelos guardas pretorianos.[55] Com tal pretexto, e sem dar mostras de aspirar ao império, dirigiu-se a Roma à testa das tropas e entrou na Itália antes ainda que aí soubessem da sua partida.[56] Chegando a Roma, matou Juliano[57] e foi pelo Senado, presa do medo, eleito imperador.[58] Depois disso, restava a Severo vencer dois obstáculos para se assenhorear de todo o estado: um na Ásia, onde Nigro, chefe dos exércitos asiáticos, se fizera aclamar imperador; o outro no Ocidente, onde se encontrava Albino, também pretenden-

---

52 Modelo sublime que não cessei de contemplar! (Napoleão imperador)

53 O respeito e a admiração fazem-nos proceder como se o estivessem. (Napoleão imperador)

54 Disso estive eu sempre convencido. (Napoleão imperador)

55 Eu quis imitar este rasgo em Frutidor de 1797, quando dizia aos meus soldados da Itália que o corpo legislativo assassinara a liberdade republicana em França; mas para aí não pude conduzi-los nem eu mesmo ir. O tiro saiu errado então; porém, não depois. (Napoleão imperador)

56 Exatamente como o meu regresso do Egito. (Napoleão imperador)

57 O meu Dídio era pura e simplesmente o Diretório, e, para destruí-lo bastava dissolvê-lo. (Napoleão imperador)

58 Nomearam-me chefe de todas as tropas reunidas em Paris e arredores e, por isso, árbitro de ambos os conselhos. (Napoleão imperador)

te ao império.[59] Julgando perigoso mostrar-se inimigo de ambos, decidiu atacar Nigro e iludir Albino.[60] Escreveu a este declarando-lhe que fora eleito imperador pelo Senado e que desejava partilhar com ele tal dignidade. Com esse intuito, deu-lhe o título de César e, por meio de deliberação do Senado, associou-o a si.[61] Albino acreditou piamente em tudo. Mas, depois de ter vencido e matado Nigro e de haver restabelecido a tranquilidade no Oriente, Severo volveu a Roma e apresentou queixa ao Senado, dizendo que Albino, pouco reconhecido pelos benefícios recebidos dele, buscara matá-lo traiçoeiramente, sendo por tal motivo necessário ir castigá-lo. Foi, assim, combater contra ele na França, e tirou-lhe o estado e a vida.[62]

Quem, pois, examinar detidamente as ações de Severo, achá-lo-á um ferocíssimo leão[63] e uma astutíssima raposa; verá que ele foi temido e respeitado por todos e que não atraiu a animosidade do exército. Do ódio que as suas rapinas poderiam suscitar nos povos, preservou-o a sua enorme autoridade.[64] Assim, a ninguém deverá surpreender tenha ele podido conservar tão vasto império. Mas também seu filho Antonino Caracala foi um homem dotado em parte de excelentes qualidades, que faziam o povo admirá-lo e os soldados gostarem dele. O seu temperamento militar, a resistência a todas as fadigas, o desprezo das delícias da mesa e das comodidades da existência

---

59 Os meus Nigros e Albinos não passavam, respectivamente, de Barros e Sieyès. Não eram formidáveis. Nenhum deles procedia por conta própria, e eu queria que se diferençassem nos seus intentos. O primeiro almejava a restauração do rei, e o segundo a subida ao trono do eleitor de Brunswick. Mas o meu desejo era diferente, e Sétimo, no meu lugar, não se teria havido melhor. (Napoleão imperador)

60 Bastava-me remover o meu Nigro e era-me fácil enganar o meu Albino. (Napoleão imperador)

61 Assim fiz nomear Sieyès, para colega meu na comissão consular. Roger-Ducos, que também aceitei por membro dela, só podia ser um contrapeso ao meu dispor. (Napoleão imperador)

62 Não precisava de tão amplas manobras para me desembaraçar de Sieyès. Mais astuto do que ele, consegui-o facilmente na minha junta de 22 de Frimário, onde eu mesmo arranjei a constituição que me fez primeiro-cônsul e afastou os dois colegas, mandando-os para o meu senado. (Napoleão imperador)

63 Não me censurarão por não o ter sido, nem por sombra, em tal conjuntura. (Napoleão imperador)

64 A minha não pode ser maior por agora, e hei de sustentá-la. (Napoleão imperador)

granjearam-lhe sobretudo o amor do exército.[65] Todavia, a índole sanguinária que mais tarde revelou, ao exterminar parcialmente a população de Roma e toda a de Alexandria, crimes esses precedidos já de outras muitas mortes, acendeu contra ele o ódio de todo o mundo[66] e começou a torná-lo temido até dos que o cercavam acabando por fazê-lo perecer às mãos de um centurião, no meio do seu próprio exército. A este respeito cumpre notar que semelhantes homicídios, filhos da deliberação de um ânimo resoluto e obstinado, não os pode um príncipe evitar: quem quer que não receie morrer tem sempre a possibilidade de matá-lo. Contudo, por serem eles raríssimos,[67] não deve um príncipe temê-los muito. Importa-lhe, apenas, tomar cuidado em não ofender gravemente nenhum dos seus servidores,[68] como fez Caracala, o qual matara ignominiosamente um irmão do referido centurião e, embora ameaçando todos os dias também a este, conservou-o na guarda pretoriana, decisão temerária[69] que o levou à ruína.

Tratemos agora de Cômodo,[70] ao qual era muito fácil manter o império, já que o tinha obtido por direito hereditário como filho de Marco. Bastar-lhe-ia seguir o exemplo do pai para satisfazer os cidadãos e os soldados. Sendo, porém, de natureza cruel e bestial, a fim de poder exercer a sua rapacidade sobre os povos do império, preferiu agradar ao exército consentindo-lhe toda a sorte de abusos. Por outro lado, com a prática de um sem-número de atos indignos da majestade imperial, inclusive frequentemente descidas às arenas nos circos para lutar com os gladiadores, aviltou-se perante os soldados. O ódio de uns e o menoscabo dos outros, engendrando conspirações contra ele, armaram o braço que havia de matá-lo.[71]

---

65 Aproveitarei todas as oportunidades para lhe conquistar o amor por esse meio. (Napoleão imperador) .

66 Pouco hábil. (Napoleão imperador)

67 Jamais ocorrem quando o príncipe impõe respeito com grande e genial integridade. (Napoleão imperador)

68 Quando os tivemos ofendido, deveremos removê-los, transferi-los, desterrá-los, honrosamente ou não. (Napoleão imperador)

69 Tolo, estúpido, embrutecido. (Napoleão imperador)

70 Dá pena. Não merece que eu detenha, um instante sequer, o meu olhar nele. (Napoleão imperador)

71 Era justo. Não é possível ser mais indigno de reinar. (Napoleão imperador)

Resta-nos falar das qualidades de Maximino. Foi, este, um homem extremamente belicoso. Elevado ao império por algumas legiões desgostosas com a frouxidão de Alexandre, ao qual já me referi, não pôde aí manter-se durante muito tempo. É que duas coisas o tornaram malquisto, desprezado:[72] uma, a sua origem humilde[73] [ninguém ignorava ter ele sido pastor de ovelhas na Trácia, motivo suficiente para o diminuir aos olhos de todos]; a outra, a reputação de homem crudelíssimo que lhe deram as atrocidades cometidas em seu nome pelos prefeitos de Roma e de outros lugares do império,[74] logo após o início do seu governo, quando retardou o dia de entrar naquela cidade e de tomar posse da sede imperial. Da indignação e do ódio que então passaram a lavrar pelo país, nasceram primeiro a rebelião da África, depois a do Senado com o apoio do povo, generalizando-se por fim em toda a Itália as conspirações contra ele. Para remate, o seu próprio exército, acampado diante de Aquileia, encontrando dificuldades na expugnação daquela cidade, desgostoso com as suas crueldades e temendo-o agora menos por vê-lo cercado de tantos inimigos, trucidou-o.[75]

Não quero deter-me sobre Heliogábalo nem sobre Macrino e Juliano, os quais, por serem totalmente vis, durante pouquíssimo tempo governaram. Todavia, para concluir esta exposição direi que aos príncipes dos nossos tempos não se apresenta esta dificuldade de terem de contentar exageradamente as suas tropas.[76] Embora devam ter para com elas certa consideração, isso não lhes traz embaraços, já que nenhum desses príncipes possui exércitos vinculados aos governos e à administração das províncias[77] como eram os do império romano. Se naquela época convinha satisfazer antes os soldados do que o povo, agora, porém, excetuado o caso dos soberanos da Turquia e do Egito, é mais necessário aos príncipes satisfazerem o povo do que os soldados porque a força do povo excede a dos soldados.[78]

72 Ser desprezado é o pior de todos os males. (Napoleão imperador)
73 Nunca faltam meios para ocultar isso. (Napoleão imperador)
74 Por que não as desaprova depois, mandando castigá-los? (Napoleão imperador)
75 É digno disto quem deixa as coisas chegarem a tal extremo. (Napoleão imperador)
76 Realmente, não me causa dificuldades. (Napoleão imperador)
77 Tratemos de mudar com frequência as guarnições. (Napoleão imperador)
78 O meu interesse exige que entre uns e outros haja certo equilíbrio, sem maior inclinação para um lado do que para o outro. (Napoleão primeiro-cônsul)

Excetuo o imperador dos turcos, por ter ele sempre em armas doze mil infantes e quinze mil cavaleiros, sobre os quais repousam a segurança e o poder de seu reino,[79] e cuja amizade deve conservar acima de tudo.[80] O mesmo sucede no Egito. Aqui a força preponderante constituem-na os soldados, convindo assim ao príncipe desse reino ser deles amigo sem se preocupar com o povo.[81] É bom notar que o estado do soberano egípcio difere de todos os demais e se parece com o pontificado cristão, ao qual não se pode chamar nem principado hereditário, nem principado novo.[82] Não lhe cabe a denominação de hereditário, porque não são os filhos do príncipe que herdam o poder e ficam sendo os senhores, mas aquele sobre quem recai o voto dos incumbidos de elegê-lo.[83] Tampouco se lhe pode aplicar o nome de principado novo, pois que, sendo um estado de organização antiga, está livre dos estorvos inerentes aos principados novos. Efetivamente, embora o príncipe seja novo, as leis fundamentais são antigas e constituídas para o receberem como se ele fora senhor hereditário.[84]

Mas voltando ao anterior assunto, e refletindo em tudo quanto neste capítulo eu disse, qualquer um verá terem sido o ódio e o desprezo a causa da ruína dos imperadores mencionados, e compreenderá a razão por que, procedendo uns de um modo e outros de modo oposto, quer entre estes quer entre aqueles, houve desgraçados e venturosos. Para Pertinax e Alexandre, que eram príncipes novos, foi inútil e prejudicial quererem imitar Marco, elevado ao império por direito de sucessão.[85] Foi

---

79 A minha guarda imperial pode, sendo necessário, fazer o papel de janízaros. (Napoleão imperador)

80 O mesmo devo eu fazer. (Napoleão imperador)

81 Quer nos preocupemos, quer não, precisamos possuir uma guarda forte, com a qual possamos contar, ainda quando haja desertores entre as outras por demais ligadas ao povo. (Napoleão imperador)

82 A comparação é curiosa, mas verdadeira aos olhos de todo pensador político. (Napoleão imperador)

83 Os cardeais criam, efetivamente, o governo temporal de Roma, assim como os próceres do Egito criavam o seu príncipe. (Napoleão imperador)

84 Sê-lo assim é a melhor sorte que se pode ter. (Napoleão imperador)

85 Há alguma coisa boa em cada um desses modelos; é mister saber escolher. Só os tolos podem restringir-se a um único e imitá-lo em tudo. (Napoleão imperador)

igualmente nocivo para Caracala, Cômodo e Maximino o pretenderem copiar Severo, pois careciam de virtude [*virtù*] suficiente para lhe seguir as pegadas. Por conseguinte, um príncipe novo não pode imitar as ações de Marco, nem lhe é indispensável imitar as de Severo.[86] Deve, isto sim, tomar deste último as que lhe foram necessárias para fundar o seu poder, e do primeiro as convenientes e gloriosas para manter um predomínio já consolidado.[87]

86 Quem será capaz de imitar as minhas? (Napoleão imperador)

87 Conclusão perfeita; todavia, ainda não posso renunciar aos processos de Severo. (Napoleão imperador)

. . . .

Capítulo XX

SOBRE A UTILIDADE OU NÃO DAS FORTALEZAS E DE OUTROS MEIOS FREQUENTEMENTE USADOS PELOS PRÍNCIPES

ALGUNS PRÍNCIPES, para manterem com segurança o Estado, desarmaram os súditos; alguns trataram de fomentar divisões nos territórios conquistados; outros favoreceram os próprios inimigos; outros preferiram captar a amizade dos suspeitos no início do seu governo; uns construíram fortalezas; outros desmantelaram as existentes.[1] Se bem não seja possível estabelecer regra a respeito, sem antes examinar os estados onde se deve adotar qualquer das sobreditas resoluções, falarei, contudo, do assunto da maneira mais ampla que ele consente.[2]

Jamais aconteceu que um príncipe novo desarmasse os seus súditos. Ao contrário: quando os encontrou desarmado, sempre os armou.[3]

---

1 Um mesmo príncipe pode ver-se compelido a fazer isso tudo no decurso do seu reinado, conforme a época e as circunstâncias. (Napoleão imperador)

2 Fala, que eu me encarregarei das consequências práticas. (Napoleão imperador)

3 Assim procederam os hábeis defensores da Revolução. Fazendo-se príncipes da França transformaram os Estados Gerais por meio de uma assembleia nacional e armaram logo

Assim fazendo, tornava suas tais armas, conquistava a fidelidade dos suspeitos e convertia em partidários os que apenas se mostravam submissos. Sendo, porém, impossível armar todos os cidadãos, cumpre-nos favorecer os que armamos, para podermos viver mais tranquilos em relação aos outros.[4] A diversidade de tratamento gera a gratidão dos primeiros, sem concomitantemente nos malquistar com os outros, que atribuirão essa diversidade ao fato de terem maiores méritos os que mais obrigações têm e maiores perigos correm. Se, ao invés, privarmos os cidadãos das suas arenas, ofendê-los-emos, mostrando que não confiamos neles por os julgarmos ou covardes ou poucos leais,[5] e isto nos fará incidir-lhes no ódio. Como, por outro lado, não podemos ficar desarmados, lançamos mão da milícia mercenária, cujas qualidades disse já serem más.[6] Boas, todavia, que fossem não bastariam para nos defender dos inimigos poderosos e dos súditos suspeitos.[7]

Eis por que um Príncipe novo em um estado novo tratou sempre de organizar o exército.[8] Exemplos disto há-os de sobra na História.

Quando, porém, um príncipe adquire um estado novo, que se vem agregar ao que já possuía antes, então deve desarmar os novos súditos, com exceção dos que o auxiliaram na conquista.[9] E quanto a esses mesmos,

---

todo o povo, para formarem um exército nacional em seu próprio benefício. Por que conservam as guardas urbanas e comunais o título de nacionais, que hoje não mais lhes quadra? Cada uma delas porventura monta guarda à nação inteira? É forçoso que o percam, mas gradualmente. Não passam nem devem passar de guardas urbanas ou provinciais. Assim o exigem a boa ordem e o são juízo. (Napoleão imperador)

4 Os grandes forjadores da Revolução Francesa queriam, realmente, armar só o povo. Os poucos nobres que eles deixaram se introduzissem na sua guarda nacional não lhes causavam receio. Sabiam muito bem que não tardariam em expulsá-los, e o povo, julgando-se o único favorecido, só a eles pertenceu. (Napoleão imperador)

5 Que resultado obterão dando este difícil passo, com tantos corpos de guardas nacionais, que não lhes obedecem? (Napoleão em Elba)

6 Não há mais tropas desta espécie. (Napoleão em Elba)

7 Duvido que os aliados que estão na França possam impedir isso. Demais, em breve se irão embora. (Napoleão em Elba)

8 Neste momento não o podem fazer, embora fosse urgente. Conservam, porém, o meu, para o qual eu sou tudo. (Napoleão em Elba)

9 Não me esqueci disso na Itália. (Napoleão primeiro-cônsul)

deve, com o correr do tempo e o surgir das oportunidades, enfraquecer--lhes o ânimo belicoso e reduzi-los à inércia.[10] Procedendo, em suma, de modo que todas as armas fiquem no poder exclusive dos seus próprios soldados, isto é, dos que o serviam no antigo estado.[11]

Nossos antepassados, e especialmente os que gozavam de fama de homens sábios, tinham o costume de dizer que era necessário conservar Pistoia por meio das facções e Pisa por meio das fortalezas. Partindo desse princípio, alimentavam as discórdias em qualquer terra onde mandassem, com o intuito de mais facilmente as subjugarem. Não creio, porém, que o mesmo se possa aconselhar hoje em dia. As discórdias não trazem a meu ver utilidade a ninguém.[12] Pelo contrário, contribuem para que as cidades onde elas imperam se percam ao aproximar do inimigo, porque o partido mais fraco aderirá sempre às forças externas, e o outro não poderá resistir-lhes. Os venezianos, movidos, penso eu, pelas razões referidas favoreciam a existência dos partidos guelfos e gibelinos nas cidades sob o seu próprio domínio e, embora nunca os deixassem chegar à luta armada, acumulavam essas forças opostas, para que os cidadãos, absorvidos nas suas desavenças, não se unissem contra eles.[13] Disto, como se viu, nenhum lucro lhes proveio: apenas foram derrotados em Vailate, um daqueles partidos se encheu de coragem e lhes tirou o Estado. O emprego

---

10 Vi-os com prazer tomarem horror ao serviço, e estava convencido de que, passado o 1° de fevereiro, se cansariam dele. (Napoleão primeiro-cônsul)

11 O melhor é não colocar, para guarda do país conquistado, senão regimentos de cuja fidelidade esteja seguro. (Napoleão primeiro-cônsul)

12 Este raciocínio não se deve tomar ao pé da letra, porque nos tempos de Maquiavel os cidadãos eram também soldados, no caso de se verificar algum ataque a sua cidade. Hoje, para defender uma cidade atacada, já ninguém conta com os cidadãos, mas com as boas tropas que nela hajam sido colocadas. Penso, pois, como os antigos florentinos, que é bom manter facções de qualquer gênero nas cidades e províncias, a fim de ocupá-las quando se mostrem turbulentas; mas com a condição, é claro, de que nenhuma delas me combata. (Napoleão primeiro-cônsul)

13 Estratagema de que frequentemente fiz uso com bom resultado. Às vezes atiro no meio deles algumas sementes de discórdias particulares, quando quero desviar-lhes a atenção dos negócios do Estado, ou quando preparo em segredo alguma lei extraordinária. (Napoleão imperador)

de semelhantes recursos por parte de um príncipe é sinal de fraqueza.[14] Num principado forte nunca se devem permitir tais divisões, que são úteis em anos de paz, visto facilitarem o manejo dos súditos,[15] mais que revelam a sua falácia em chegando a guerra. Sem dúvida, os príncipes tornam-se grandes quando superam os obstáculos e oposições que se lhes deparam.[16] Por isso o destino, quando quer engrandecer qualquer deles, sobretudo um novo, o qual precisa, mais do que os hereditários, de alcançar nomeada, cria-lhe inimigos e impele-os contra ele para lhe dar oportunidade de vencê-los e, por esta escada que eles lhe oferecem,[17] subir ainda mais alto. Daí entenderem muitos que um príncipe sábio deve, quando se lhe apresente para isso ocasião oportuna, instigar com astúcia alguma inimizade contra si, a fim de que, destruindo-a, aumente a sua própria glória.[18]

Os príncipes, sobretudo os que são novos no estado, encontraram homens mais fiéis e úteis entre os que no início do seu governo eram julgados suspeitos, do que entre os que, em igual época, lhe inspiravam confiança.[19] Pandolfo Petrucci, príncipe de Siena, governava o seu estado de preferência com os cidadãos anteriormente julgados suspeitos. Não é possível, todavia, falar sobre este assunto de maneira geral, porque ele varia conforme os casos.[20] Limitar-me-ei a dizer que, se os homens tidos por adversários no início de um principado forem dos que carecem de apoio para continuar na oposição, em qualquer momento poderá o príncipe trazê-los facilmente para o seu lado.[21] E tanto mais eles sentirão a necessidade de o

---

14 Às vezes, quem sabe, é também sinal de prudência e habilidade. (Napoleão imperador)

15 Em tempo de guerra é mister distraí-los de outra maneira para os contentar. (Napoleão imperador)

16 Podia alguém superá-las melhor do que eu as superei? (Napoleão imperador)

17 Quantas escadas me ofereceram! Aproveitei-as bem. (Napoleão imperador)

18 Maquiavel deve estar contente com os benefícios que tirei desse conselho. (Napoleão imperador)

19 Isso pode ser verdade quanto a outros; porém, no que a mim se refere, quase o não é. (Napoleão imperador)

20 Ainda bem. (Napoleão imperador)

21 Tal como ganhei certos nobres que, por ambição ou falta de dinheiro, precisavam de empregos, e os emigrados, aos quais voltei a abrir as portas da França e restituí os bens... (Napoleão imperador)

servir fielmente quanto sabem ser-lhes imprescindível desfazer com atos a má opinião que deles se formara.[22] Assim, o príncipe tira mais vantagens desses do que daqueles que, servindo-o com a segurança de quem se julga acima de qualquer suspeita,[23]não lhe cuidam dos interesses.

Dada a relevância da matéria, quero lembrar a todo o príncipe conduzido ao governo de um novo estado pelo favor dos cidadãos desse estado, que reflita bem no intuito que os levou a auxiliá-lo. Se não houver sido por simpatia natural para com ele, mas tão só por descontentamento com a situação anterior, muito lhe custará conservá-los amigos, em virtude de nunca poder contentá-los.[24] Depois de bem averiguar as causas disso, utilizando-se dos exemplos tirados da história antiga e moderna, concluirá ser-lhe muito mais fácil granjear a amizade daqueles que estavam satisfeitos com o governo anterior[25] e que portanto eram seus inimigos, do que conservar a dos que, por estarem descontentes,[26] se fizeram seus amigos e o auxiliaram na conquista.[27]

Para melhor se manterem nos respectivos estados, os príncipes têm seguido o hábito de construir fortalezas que sirvam de freio a quem quer que pretenda atacá-1os[28] e de refúgio a si próprio na primeira acometida.[29] Eu louvo este modo de proceder, pois ele é usado *ab antiquo.* Viu-se, porém,

---

22 O que não fizeram comigo para esse fim? (Napoleão imperador)

23 É necessário saber perturbar tal segurança quando se desconfia que afrouxam; e, ainda quando não haja motivo para desconfiar, algumas violências intempestivas surtem sempre bom efeito. (Napoleão imperador)

24 Quiseram-me somente para que os enchesse de bens, e, como são insaciáveis, quereriam da mesma forma a outro príncipe que me substituísse, para que também os enchesse. A alma deles é o tonel das Danaides, e a ambição o abrute de Prometeu. (Napoleão imperador)

25 Tais são os realistas moderados. (Napoleão imperador)

26 Por ambição frustrada. (Napoleão imperador)

27 Reflexão de alto valor. (Napoleão imperador)

28 Assim se construiu a Bastilha, no reinado de Carlos o Sábio, para manter quietos os parisienses, e o Castelo Trombeta, de Bordéus, no de Carlos VIII, para fazer o mesmo em relação aos bordeleses. Não percamos isso de vista. (Napoleão imperador)

29 Na primeira ocasião mandarei construir uma nas alturas de Montmartre, para impor respeito aos parisienses. Não tive, porém, nenhuma, quando eles me entregaram covardemente aos aliados! O Castelo Trombeta contará traidores do Garona. (Napoleão em Elba)

nos nossos tempos, Nicolau Vitelli arrasar duas fortalezas em Cittá di Castello para reter a cidade. E Guido Ubaldo, duque de Urbino, regressando aos seus domínios, de onde fora expulso por César Bórgia, demoliu completamente todas as fortalezas daquela província e achou que sem elas mais dificilmente lhe tirariam outra vez o estado.[30] Os Bentivoglios, de regresso a Bolonha, procederam da mesma forma. As fortalezas são, por conseguinte, úteis ou não conforme os tempos e, se de um lado trazem benefícios, de outro prejudicam. Sobre tal assunto pode-se dizer que a ereção de fortalezas é útil quando o príncipe receia mais os seus súditos do que os forasteiros,[31] e prejudicial no caso contrário. À casa dos Sforzas deu e dará mais dissabores o castelo de Milão, edificado por Francisco Sforza, do que qualquer desordem naquele estado. Mas a melhor fortaleza consiste em evitar o ódio dos súditos.[32] Contra esse as fortalezas de nada valerão,[33] porque a um povo amotinado nunca faltam pessoas adventícias que o auxiliem.[34] Em nossa época nenhum exemplo vimos de fortalezas salvarem príncipes, exceção feita da condessa de Forli [Catarina Sforza]. Esta, quando lhe morreu o esposo, o conde Jerônimo, conseguiu por meio do seu castelo escapar à sanha do povo e esperar ajuda de Milão, com a qual reconquistou o poder.[35] A conjuntura do momento não permitia que o ádvena fosse dar auxílio aos insurgentes.[36] Mais tarde, porém, quando César Bórgia a atacou e o povo, que lhe era inimigo, se aliou ao estrangeiro, também a ela de nada serviram as fortalezas.[37] Tanto numa como noutra ocasião, teria sido para a condessa mais vantajoso não ser odiada pelo seu povo do que possuir fortalezas.[38]

---

30 Destruirei todas as da Itália, com exceção das de Mântua e de Alexandria, que hei de fortificar o mais que puder. (Napoleão general)

31 Quando se receia igualmente uns e outros, convém erguê-las em todos os pontos fracos. (Napoleão em Elba)

32 Se, porém, nos odeiam, o mal que nos causam é frequentemente superior ao que porventura nos faça uma centena de amigos. (Napoleão em Elba)

33 Não o creio. (Napoleão em Elba)

34 Naquela época. Hoje o caso é outro. (Napoleão em Elba)

35 Isto, por certo, é bastante para justificar as fortalezas. (Napoleão cm Elba)

36 Não tinha um exército igual ao meu. (Napoleão em Elba)

37 Se tinha apenas isso para se defender, acredito perfeitamente. (Napoleão em Elba)

38 Não ser odiado pelo povo? Volta sempre a esta puerilidade. As fortalezas equivalem, sem dúvida alguma, ao amor do povo. (Napoleão em Elba)

À vista de todas estas considerações, eu tanto aplaudirei quem erguer fortalezas como quem não as erguer; mas condenarei quem quer que, confiado nelas, julgue de pouca importância incorrer no desagrado popular.[39]

39 Podes aplaudir-me desde já. (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XXI

COMO DEVE PORTAR-SE UM PRÍNCIPE PARA SER ESTIMADO

NADA FAZ ESTIMAR tanto um príncipe quanto as grandes empresas[1] e as ações raras e esplêndidas. Temos em nossos dias Fernando de Aragão, atualmente rei da Espanha, a quem podemos quase chamar príncipe novo[2] pois de soberano sem importância chegou, por fama e por glória, a primeiro rei da cristandade.[3] Se considerarmos os seus feitos, achá-los-emos todos magníficos e alguns até extraordinários.[4] Nos primeiros anos de reinado assaltou Granada,[5] e isso constituiu o ponto de partida da sua grandeza. Nenhum obstáculo encontrou a princípio nesse cometimento. Manteve ocupados nele os fidalgos de Castela, que destarte não tinham tempo para cogitar de modificações na esfera dos negócios interiores e iam

---

1 Com elas me elevei e unicamente com elas me posso manter. Se não me lançasse em outras novas que sobrepujassem as anteriores, decairia. (Napoleão imperador)

2 Há-os de muitas espécies. (Napoleão em Elba)

3 Chegarei a ser outro tanto. (Napoleão em Elba)

4 Não mais do que os meus. (Napoleão imperador)

5 Farei o mesmo com a Espanha. (Napoleão primeiro-cônsul)

caindo gradualmente debaixo do seu domínio, sem darem por isso.[6] Com dinheiro da Igreja e do povo pôde o monarca sustentar os exércitos e com o prolongamento da campanha criou bases da sua milícia, que tanta glória lhe propiciou mais tarde.[7] Além disso, continuando a sentir-se da religião, para empreender conquistas de maior vulto, atirou-se à guerra contra os marranos,[8] expulsando-os do reino e despojando-os de seus bens; façanha esta admirável e rara, como nenhuma outra. Com a mesma capa de religiosidade acometeu a África, levou a cabo a invasão da Itália e, recentemente, atacou a França. Concebeu e realizou sempre grandes coisas, que traziam constantemente presa a atenção dos súditos e os mantinham suspensos e admirados.[9] Todas estas proezas vieram uma como corolário da outra,[10] em sucessão quase ininterrupta que não dava tempo aos homens para se entregarem a maquinações contra ele.[11]

É útil a um príncipe fazer-se notar pela prática de atos extraordinários no seu próprio estado,[12] iguais aos narrados sobre Bernabó [*Visconti*]

6 A minha situação quando acometi a Espanha diversifica muito da sua e não me permitia alcançar triunfos iguais. Demais, eu podia prescindir deles. (Napoleão imperador)

7 Fernando foi mais feliz do que eu ou teve oportunidades mais favoráveis. Mandar meu irmão (ah, que irmão!) não era porventura o mesmo que ir eu próprio? (Napoleão imperador)

8 A minha devoção à concordata não me permitia mais do que expulsar os sacerdotes que se haviam mostrado e continuavam a mostrar-se ainda avessos ao cumprimento das promessas e juramentos. Dóceis e jesuíticos era como eu os queria. De quando em quando maltratarei os "padres da fé". Fesch protegê-los-á e eles o farão papa! (Napoleão primeiro-cônsul)

9 Manter embasbacados os povos sob o meu domínio, dando-lhes continuamente motivo por falarem das minhas vitórias, ou dos meus projetos engrandecidos pelo gênio da ambição, não pode deixar de ser-me de grande utilidade. (Napoleão primeiro-cônsul)

10 A isso me dediquei de maneira especial nos meus tratados de paz, mandando inserir sempre alguma cláusula suscetível de gerar pretexto de uma nova guerra imediata. (Napoleão imperador)

11 É alvo meu na rápida sucessão das minhas empresas. (Napoleão imperador)

12 Convém, que essas coisas deslumbrem com o fausto e que não estejam inteiramente despidas de algumas aparências de utilidade pública. (Napoleão imperador)

de Milão. Assim, quando alguém realizar algo fora do comum em beneficio ou em prejuízo dos cidadãos, cumpre-lhe saber premiá-lo[13] ou puni-lo[14] fazendo grande ruído. Deve um príncipe esforçar-se por revestir as suas ações do que quer que lhe dê fama de homem insigne.[15]

Também se torna estimado quando sabe ser verdadeiro amigo ou verdadeiro inimigo, isto é, quando abertamente se declara a favor de alguém ou contra outrem.[16] Esta resolução é sempre a mais vantajosa do que permanecer neutro.[17] Direi porquê. Se dois poderosos vizinhos de um príncipe tomam as armas um contra o outro, ou eles são de força tal que o vencedor possa causar-lhe apreensões, ou não.[18] Em qualquer desses casos, a única forma útil de proceder é intervir no conflito ao lado de um dos antagonistas.[19] No primeiro caso, se ficar impassível, acabará tornando-se presa de vitorioso,[20] com grande prazer do vencido,[21] não terá ninguém que o socorra ou lhe dê asilo. Nem outra coisa é de esperar. Quem vence não quer amigos duvidosos que não o auxiliem nas horas más, e quem perde não dá guarida ao que não quis de armas na mão participar de seus riscos.[22] Antíoco, chamado à Grécia pelos etólios para expulsar de lá os romanos, mandou emissários aos acaianos, amigos de Roma, com a incumbência de induzi-los a permanecerem afastados da luta, ao mesmo tempo que os romanos procuravam levá-los a empunharem armas em seu próprio favor. Veio o assunto a ser objeto de deliberação no conselho dos acaianos, e quando os emissários de Antíoco buscavam inculcar-lhes à ideia da

---

13 A instituição dos meus prêmios decenais. (Napoleão imperador)
14 Nesta matéria nada mais se pode inventar. (Napoleão imperador)
15 Compreendo-te e adapto-me aos teus conselhos. (Napoleão imperador)
16 Salvo fazermos, depois, exatamente o contrário. (Napoleão primeiro-cônsul)
17 Indício da maior fraqueza em armas e talento. (Napoleão primeiro-cônsul)
18 Seja; não receio nenhum em particular, e mantê-los-ei divididos até que os possa reunir todos a mim. (Napoleão primeiro-cônsul)
19 Não há outra coisa a fazer. (Napoleão imperador)
20 Assim como os neutros das alianças anteriores foram presas de mim. (Napoleão imperador)
21 Disso me aproveito sempre à custa deles. (Napoleão imperador)
22 Boa reflexão para os outros e sobretudo para os que nunca tiveram bastante bom senso para fazê-la. (Napoleão imperador)

neutralidade, o representante de Roma interveio, declarando: *Quod autem isti dicunt non interpondi vos bello, nihil magis alienum rebus vetris est;*[23] *sine gratia, sine dignitate, praemium victoris eritis.* [Nada há mais contrário aos vossos interesses do que isto que vos dizem, de não intervir na guerra; sereis, sem mercê e sem honra, o prêmio do vencedor.] Em situações como essa ocorrerá sempre a mesma coisa: quem não é nosso amigo nos aconselhará a neutralidade; quem o é pedirá que tais nos declaremos abertamente, empunhando as armas. Os príncipes irresolutos, para fugirem aos perigos presentes, seguem as mais das vezes o caminho da neutralidade, e as mais das vezes causam assim a sua própria perdição.[24] Mas quando um príncipe se declara abertamente a favor de um dos adversários, se aquele ao qual se uniu triunfar, ainda que seja poderoso e o príncipe fique à sua mercê, terá sempre obrigações para com ele por vínculos de afeto. A torpeza dos homens jamais chega a ponto de levá-los a cometer a ingratidão de subjugar quem os auxiliou.[25] Por outro lado as vitórias não são nunca tão decisivas que permitam ao vencedor pôr de lado todos os escrúpulos e, sobretudo, calçar aos pés as normas da justiça.[26] Mas, se ao contrário, o aliado do príncipe cair vencido, não deixará este de lhe dar abrigo e, em podendo, a ajudar. Assim, fica o príncipe ligado a uma potência que pode ressurgir.[27] No segundo caso, quando nenhum dos contendores é suficientemente poderoso para havermos de recear o vencedor, mais conveniente nos será intervir na guerra. É que, assim fazendo, contribuiremos para a ruína de um com o auxílio daquele que, fora ele sábio, deveria salvá-lo.[28] A vitória

---

23 Hei de levar os príncipes da Alemanha a falarem assim, quando se tratar da minha famosa expedição à Rússia. Farei com que os outros marchem sem isso. (Napoleão imperador)

24 Mostraram-se débeis e por isso mesmo não podiam escapar à perdição. (Napoleão imperador)

25 Valiam, pois, os homens de então mais do que os de agora, em que semelhantes considerações não têm cabimento nem se fazem? O nosso século das luzes dilatou maravilhosamente a esfera da ciência política. (Napoleão imperador)

26 Cada qual a entende a seu modo. (Napoleão imperador)

27 Bom para os principelhos. (Napoleão imperador)

28 A Rússia não viu isso quando abandonou a Áustria às minhas armas. Verei melhor quando se tratar de investir contra Rússia. A Áustria e a Prússia, por mais interessadas que estejam na conservação dela, podem deixar-se arrastar por mim. (Napoleão imperador)

do nosso aliado será então inevitável, por força de ajuda que lhe damos, e o colocará à nossa mercê.[29]

Não nos esqueçamos de que um príncipe nunca se deve coligar com outro mais poderoso do que ele para atacar um terceiro, salvo quando o fez compelido pela necessidade,[30] como acima disse; porque, se vencer, ficará entregue ao capricho do seu aliado,[31] e isso é um mal que cumpre evitar na medida do possível.[32] Os venezianos uniram-se à França para combater o duque de Milão, e essa aliança, de que podiam ter-se abstido, foi a causa da sua perdição.[33] Mas se as circunstâncias impuseram um ato de tal ordem, como ocorreu aos florentinos quando os exércitos do papa e da Espanha foram atacar a Lombardia, então o príncipe deve levá-lo a efeito pelos motivos já mencionados.

Não se julgue possa um estado tomar sempre partido de resultados seguros.[34] Ao contrário, é de bom alvitre tê-los todos na conta de duvidosos, porque está na ordem natural das coisas que ninguém consegue esquivar-se a um inconveniente sem incorrer em outro.[35] A prudência consiste em saber examinar bem a natureza dos inconvenientes, e aceitar como bom o menos mau.

A um príncipe incumbe, também, mostrar-se amante da virtude e honrar os homens que sobressaiam em cada arte.[36] É, ainda, dever seu incutir nos súditos a ideia de que poderão exercer em paz os respectivos ofícios, seja no comércio, seja na agricultura, seja ainda em outro qualquer ramo da atividade humana, para não virem a abster-se, ou de aformosear as suas propriedades com medo que lhes tirem, ou de estabelecerem qualquer gênero de comércio, temendo os impostos.[37] O procedimento sábio de

29 Todos eles chegarão a isso. (Napoleão imperador)
30 Quando me convier farei com que eles sintam essa necessidade. (Napoleão imperador)
31 Hão de ficar. (Napoleão imperador)
32 Não é necessário que eles possam evitá-lo. (Napoleão imperador)
33 Exemplo bem reles! (Napoleão primeiro-cônsul)
34 Mas podemos contar com a nossa boa sorte. (Napoleão primeiro-cônsul)
35 Sempre os há mais graves de um lado que do outro. (Napoleão primeiro-cônsul)
36 Multiplicas as patentes de invenção. (Napoleão primeiro-cônsul)
37 Os impostos jamais assustam a cobiça mercantil. (Napoleão primeiro-cônsul)

um governante para com os indivíduos dedicados a estes negócios ou para com os que inventem maneiras de multiplicar os recursos da cidade ou do estado[38] é o de premiá-los.

Outras obrigações de um príncipe são a de distrair o povo com festas durante certas épocas do ano, a de ter na devida conta[39] os grêmios ou as corporações em que se divide a cidade,[40] comparecendo não raro às suas reuniões,[41] e a de dar exemplos de bondade e munificência, embora mantendo sempre, por ser ela imprescindível, a majestade do seu cargo.

---

38 Alguém porventura já conseguiu multiplicá-los tanto quanto eu? (Napoleão imperador)

39 É, de certo, suficiente mostrar-se nas reuniões teatrais. (Napoleão primeiro-cônsul)

40 O povo gosta muito disso. (Napoleão primeiro-cônsul)

41 Nessa matéria é bom ser moderado. (Napoleão primeiro-cônsul)

. . . .

Capítulo XXII

OS SECRETÁRIOS DO PRÍNCIPE

PARA UM PRÍNCIPE não é de pouca importância saber escolher os seus ministros, os quais são bons ou não conforme a sabedoria de que ele usou na escolha.[1] A primeira opinião que formamos de um príncipe e da sua inteligência estriba-se na qualidade dos homens que o circundam.[2] Quando estes são capazes e fiéis,[3] podemo-lo reputar sagaz porque soube conhecer-lhes as capacidades e mantê-los fiéis a si.[4] Mas quando não o são, o fato mesmo de haver ele errado na escolha[5] justifica plenamente que o tenhamos em má conta.

---

1 Mas esta sabedoria deve adaptar-se bem às circunstâncias. Às vezes o mais difamado é o que melhor se recomenda para ministro. (Napoleão primeiro-cônsul)

2 Que teriam pensado de mim se houvesse tomado para ministros e conselheiros vários amigos notórios: dos Bourbons, condecorados com as suas cruzes de São Luís e cobertos de favores por aqueles que eu substituía e que ambicionavam suplantar-me? (Napoleão imperador)

3 Pode encontrar-se tudo isto mais facilmente num indivíduo desacreditado do que naquele cuja reputação cheira como bálsamo. (Napoleão primeiro-cônsul)

4 Nisso reside a dificuldade, e nisso encontrarão a sua ruína. (Napoleão em Elba)

5 Não sabe evitá-lo quem não conhece os homens e se deixa guiar por outrem nas suas escolhas. (Napoleão em Elba)

Não havia ninguém que, conhecendo Antônio de Venafro como ministro de Pandolfo Petrucci, príncipe de Siena, não julgasse Pandolfo homem de grande valor, por ter aquele auxiliar.[6] Existem, com efeito, três espécies de cérebros: o primeiro tem ideias próprias;[7] o segundo não as tem, mas sabe compreender as de outrem;[8] e o terceiro não tem próprias nem sabe compreender as alheias.[9] O primeiro é excelente, o segundo, bom, o terceiro, inútil.[10] Se, portanto, Pandolfo não se achava no primeiro caso, era mister que estivesse no segundo; porque, quando um príncipe, embora não possua gênio inventivo, tem suficiente discernimento para ver entre as obras do seu ministro quais as más e quais as boas, exaltando estas e corrigindo aquelas, leva o ministro a persuadir-se de que não pode enganá-lo e, por conseguinte, a conservar-se-lhe fiel.

Há um meio infalível para conhecermos um ministro. Se virmos que ele pensa mais em si do que em nós e que em todas as ações anda em busca do seu próprio interesse, poderemos estar certos de que ele é mau ministro e deveremos olhá-lo com desconfiança.[11] Quem gere os negócios de um príncipe nunca deve pensar em si mesmo, mas nele,[12] nem lembrar-lhe outras coisas que não sejam as pertencentes ao Estado.[13] Por outra parte, o Príncipe, para fortalecer o sentimento de lealdade do seu servidor, deve honrá-lo, enriquecê-lo, dar-lhe honorários e cargos, torná-lo agradecido, a fim de que se convença de que não pode prescindir do príncipe,

---

6 Vede as suas escolhas e julgai. (Napoleão em Elba)

7 Dou preferência a estes. (Napoleão primeiro-cônsul)

8 Não desprezo esse, desde que te mostras de grande superioridade intelectual. (Napoleão primeiro-cônsul)

9 São uns estúpidos e uns animais. Maquiavel esqueceu os espíritos rotineiros acorrentados aos seus métodos. (Napoleão primeiro-cônsul)

10 Os quartos perdem-se julgando soberbamente que fazem o melhor. (Napoleão em Elba)

11 É tratar de fazer tudo para que não possa pensar em seus interesses senão ocupando-se dos nossos. (Napoleão primeiro-cônsul)

12 Não é possível; é querer demais. Se, porém, pensar mais em si do que em mim, percebê-lo-ei a tempo e *via via*. (Napoleão primeiro-cônsul)

13 Como sabem ocultar os seus interesses atrás dos do meu reinado! (Napoleão imperador)

que tenha honrarias e riquezas suficientes para não desejar mais[14] e, pelos cargos que exerce, encare com receio quaisquer mudancas.[15] Quando assim procedem, tanto o príncipe como o ministro podem confiar um no outro.[16] Quando procedem de maneira diferente, as consequências serão prejudiciais para um e para outro.[17]

---

14 Quando não é como os meus, que perderam toda a vergonha. Há mais honradez no meu reinado! (Napoleão imperador)

15 Embusteiros! Aprenderam agora a tornar-se importantes em todos os governos, ainda os mais diversos e opostos. (Napoleão em Elba)

16 Bom para outras épocas e para lugares diferentes da França. (Napoleão imperador)

17 Quem teria crido que o lesado fosse eu? Hei de prestar atenção a isso. (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XXIII

COMO EVITAR OS ADULADORES

NÃO QUERO OMITIR num assunto importante um erro em que dificilmente deixam de incorrer os príncipes, se não são prudentíssimos e não sabem escolher bem os seus auxiliares. Refiro-me ao erro de darem ouvidos aos aduladores, que povoam todas as cortes.[1] É que os homens são de tal modo acessíveis à lisonja e tão facilmente se deixam por ela enganar, que só com dificuldades se defendem dessa praga; e quando procuram fazê-lo, correm o risco de cair no desprezo:[2] O melhor abrigo contra a lisonja consiste em levar os homens a compreenderem que não nos ofendem quando nos dizem a verdade.[3] Sucede, todavia, que, se todos falam sem rebuços,[4] nos faltam ao devido respeito. Por conseguinte, a um príncipe avisado cumpre ater-se a um terceiro

---

1 São necessários. Um príncipe precisa do incenso deles; mas não deve deixar-se desvanecer, e isso é difícil. (Napoleão imperador)

2 Se não me louvassem com ponderação, o povo me julgaria inferior a um homem vulgar. (Napoleão imperador)

3 Concordo com isso. Mas hão de querer dizer-me? (Napoleão primeiro-cônsul) Já é demais permiti-lo a dois ou três. (Napoleão primeiro-cônsul)

4 A esses mesmos deve-se também proibir que abram a boca quando não forem interrogados. (Napoleão primeiro-cônsul)

meio: escolher em seu estado homens e só a estes dar o direito de lhe dizerem a verdade, a qual, ainda assim, deverá versar unicamente sobre assuntos em que ele as interrogue, e não acerca de outros.[5] Por sua parte, porém, deve perguntar-lhes tudo[6] e ouvir-lhes as opiniões, para depois decidir sozinho e segundo o seu modo de ver.[7] No trato com estes conselheiros incumbe-lhe mostrar que tanto mais os estimará quanto mais sinceros forem para com ele. Fora desses, porém, não queira ouvir ninguém. Tome as suas deliberações e execute-as com firmeza.[8] Quem assim não procede, ou acaba deixando-se guiar pelos aduladores ou muda a toda a hora de procedimento, dada a variedade das opiniões que ouve, e, por fim, perde a menor parcela de autoridade.[9]

A esse respeito, quero citar um exemplo de nossos dias. Frei Lucas [Rinaldi], um dos cortesãos de Maximiliano, atual imperador, referindo-se a Sua Majestade, disse que ele tinha o hábito de não pedir conselhos a ninguém e que, sem embargo, não fazia coisa alguma a seu gosto.[10] Isto resultava de proceder ele de maneira contrária à supra-referida. Efetivamente, o imperador é homem reservado, não comunica a ninguém os seus desígnios, não ouve o parecer de quem quer que seja a respeito deles. Mas ao pô-los em execução torna-os conhecidos, e as opiniões em contrário dos seus áulicos[11] levam-no logo a abandoná-los.[12] Daí destruir Maximiliano em um dia o que ele mesmo fez no anterior; não se saber nunca o que pretende fazer, nem poder ninguém confiar nas suas decisões.[13]

---

5 A esses mesmos deve-se também proibir que abram a boca quando não forem interrogados. (Napoleão primeiro-cônsul)

6 É muito. (Napoleão primeiro-cônsul)

7 Não me descuidei disso, e estou-me dando muito bem. (Napoleão imperador)

8 Isso eu nunca deixo de fazer. (Napoleão imperador)

9 Acrescente-se a força das circunstâncias atuais que tornam esses dois perigos ainda mais difíceis de evitar, e vereis aonde arrastam os aduladores. (Napoleão em Elba)

10 Teve boas ideias, sobretudo quando quis ser colega e igual do pontífice, até em matéria de religião, e com este escopo tomou o título de *pontifex maximus.* Mas não possuía a minha perseverança genial. Contentou-se de dizer que, "se fosse Deus e tivesse dois filhos, o primeiro seria Deus e o segundo rei de França". Quanto a mim, todo-poderoso na Europa, farei com que meu filho, se ficar sendo o único, tenha sozinho a soberania da Santa Sé junto com a do império. (Napoleão imperador)

11 Desgraçado de quem o imaginasse. (Napoleão imperador)

12 Bela imaginação numa cabeça fraca. (Napoleão imperador)

13 Não somos realmente auxiliados senão quando as pessoas por quem desejamos sê-lo sabem que somos invariáveis. (Napoleão imperador)

Um príncipe, portanto, deve sempre aconselhar-se, mas quando ele próprio, e não outrem, o julgue conveniente. É bom, até, que tire de todos a ideia de o quererem aconselhar sobre coisas que não pergunte.[14] Não deixe, porém, de interrogar com abundância, e depois ouvir pacientemente a verdade acerca do que perguntou, mostrando-se ofendido quando perceber que alguém, por medo, não foi sincero com e1e.[15]

Quem supõe que os príncipes tidos por homens avisados não devem tal forma a si próprios, mas as boas sugestões dos seus conselheiros, engana-se.[16] Assim no-lo diz esta regra geral, que jamais falha: nenhum príncipe pouco prudente pode ser bem aconselhado, salvo entregando-se a um conselheiro só e de grande talento, que o guie em tudo.[17] Neste caso, talvez ele venha a ser bem dirigido; mas em breve tempo perderá o Estado, porque o seu guia não tardará em tirar-lhe. Se, porém, se aconselhar com vários indivíduos, um príncipe de pouco descortino[18] estará sempre diante de alvitres contraditórios e não saberá por si mesmo harmonizá-los. Cada um dos conselheiros cuidará apenas da própria conveniência, sem que ele seja capaz de percebê-lo e, por conseguinte, de corrigi-los.[19] E conselheiros de outra espécie não é possível encontrar, porque os homens, quando não são compelidos a ser bons por alguma necessidade, sempre hão de ser maus.[20] Daí se conclui que os bons conselhos, venham de quem vierem, nascem forçosamente da sabedoria do príncipe, e não que a sabedoria do príncipe nasça dos bons conselhos.[21]

---

14 Soube fazer perder completamente à vontade disso. (Napoleão imperador)

15 Maquiavel é muito exigente. Sei melhor do que ele o que convém na minha situação. (Napoleão imperador)

16 A opinião está firmada. Sabe-se que posso dizer como Luís XI: "O meu verdadeiro conselho está na minha cabeça". (Napoleão imperador)

17 Sede um Luís XIII em nossos dias e vereis bem cedo que Armand fará como Pepino. (Napoleão imperador)

18 Não deve, nesse caso, carregar-se com o peso de outrem. (Napoleão imperador)

19 Isto a gente verifica. (Napoleão em Elba)

20 Verdade irrefrangível, que basta para levar os ministros e cortesãos a afastarem do príncipe toda leitura de Maquiavel. (Napoleão em Elba)

21 Onde está a cabeça reinante capaz disso? Numa ilhota do Mediterrâneo. (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XXIV

POR QUE MOTIVO OS PRÍNCIPES DA ITÁLIA PERDERAM OS SEUS ESTADOS[1]

UM PRÍNCIPE novo que siga com prudência as normas anteriormente descritas gozará de autoridade igual à de um príncipe antigo, e tem mais segurança e firmeza em seu estado do que se aí já estivesse desde muito tempo.[2] É que, sendo as ações de tal príncipe objeto de muito maior atenção do que as de um de origem dinástica, se elas forem julgadas de valor [*virtuose*], granjeiam-lhe simpatias cujo número e vigor excedem os das que ele teria se fosse de antiga linhagem.[3] Os homens olham mais para as coisas presentes do que para as passadas;[4] quando

---

1 É o capítulo mais curioso. (Napoleão em Elba)

2 Eu mesmo fiz a experiência. (Napoleão imperador)

3 O apego que me tem a maioria dos seus nobres, prova que já quase os esqueceram. (Napoleão imperador)

4 Especialmente quando são emigrados a quem se restituíram os seus bens ou fidalgotes pobres aos quais se deu riqueza. E também os ricos me agradecem por tê-los ajudado a aumentarem os seus tesouros. (Napoleão imperador)

acham aquelas boas, dão-se por satisfeitos, e se o príncipe não for malquisto por outras faltas,[5] estarão sempre prontos para o defender.[6] Assim, ele desfrutará da dupla glória de ter dado início a um principado novo e de o haver ilustrado e fortalecido com boas leis, boas armas, bons amigos e bons exemplos,[7] ao passo que o príncipe de sangue experimentará a dupla vergonha de, malgrado sua condição, haver perdido o principado por tal falta de sabedoria.[8]

Se observarmos os atos dos príncipes que na Itália perderam os seus Estados em nossos dias, como sejam o rei de Nápoles, o duque de Milão e outros, verificaremos em primeiro lugar terem eles cometido o mesmo erro no tocante aos exércitos, conforme já fartamente expliquei; depois, veremos que alguns deles tiveram contra si o ódio popular,[9] ou, embora benquistos do povo, não souberam defender-se dos grandes.[10] Sem estes erros não se perdem os estados possuidores de recursos suficientes para levantar um exército.[11]

Filipe de Macedônia, não o pai de Alexandre Magno, mas o que foi vencido por Tito Quíncio, tinha um estado pequeno em comparação com a grandeza de Roma e da Grécia, que o atacaram. Não obstante, sendo guerreiro e, além disso, sabendo como conservar a fidelidade do povo sem se descuidar dos poderosos, sustentou durante muitos anos a guerra contra elas,[12] e se no fim perdeu o domínio de algumas cidades, ficou, todavia, com o seu reino.[13]

---

5 Lançar-me-ão em rosto uma dessas faltas para justificar o terem-me virado as costas. (Napoleão em Elba)

6 Estou fazendo essa feliz experiência. (Napoleão imperador)

7 Não me falta nenhuma dessas glórias. (Napoleão imperador)

8 Isso me interessa. (Napoleão imperador)

9 Ter a inimizade de uma só das partes deve bastar. (Napoleão em Elba)

10 Isso não é possível com os que o rodeiam. (Napoleão cm Elba)

11 Sim, mas no caso em que possa dispor deles... (Napoleão em Elba)

12 Do mesmo modo, assumirei melhor atitude no que concerne à confederação, caso ela se renove. (Napoleão em Elba)

13 Ainda que aceitasse a cessão já feita dos países conquistados por mim e me restringisse às fronteiras estabelecidas, continuaria sempre a ser imperador dos franceses. (Napoleão em Elba)

Por conseguinte, esses príncipes italianos que, depois de terem permanecido longo tempo nos respectivos, estados, vieram a perdê-los, não acusem disto a fortuna, mas a sua própria inaptidão. Como nas épocas de paz não tinham pensado na eventual mudança de situação [e é erro próprio dos homens não se preocuparem com a tempestade nas épocas de bonança],[14] ao verem chegar a adversidade, trataram de fugir em vez de se defenderem,[15] esperando que o povo, cansado da insolvência dos vencedores, lhes pediria que voltassem.[16] Ora, tal maneira de proceder é boa quando não há outras; em as havendo, porém, é de mau aviso optar por ela. A esperança de que alguém mais tarde o reporá no cargo constitui por si só fraco argumento para um príncipe se deixar destituir; porque, ou isso não acontece ou, se acontece, é sempre em condições precárias, quais podem esperar de uma defesa vil, como aquela, que dele não dependeu.[17] Somente dão resultados bons, seguros duradouros as defesas que dependem de nós e do nosso valor [*virtù*].[18]

---

14 Veja-se como isso acontece: os favoritos pavoneiam-se no meio das manifestações deles e receariam digerir mal se dessem guarida à menor inquietação. Ainda supondo que tornassem a ver-me, não quereriam acreditar na possibilidade do meu regresso. A sua natural disposição presta-se muito para os meus estratagemas narcóticos. (Napoleão em Elba)

15 Não terão mais ensejo para fazê-lo. (Napoleão em Elba)

16 Responderei como um príncipe que se tornou moderado, humano, sábio. (Napoleão em Elba)

17 Terão eles outra? É possível que os desamparem ao me verem; e, por outro lado, resguardar-me-ei deles. (Napoleão em Elba)

18 Nunca fiz conta senão destas... e tê-las-ei! (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XXV

A INFLUÊNCIA DA FORTUNA SOBRE AS COISAS HUMANAS E O MODO COMO DEVEMOS CONTRASTÁ-LA QUANDO ELA NOS É ADVERSA

NÃO IGNORO SER CRENÇA antiga e atual de que a fortuna e Deus governam as coisas deste mundo, e de que nada pode contra isso a sabedoria dos homens.[1] Por consequência, seria razoável não desperdiçar esforços, mas deixar-se guiar pela sorte. Esta opinião acha-se mais difundida hoje em dia, em virtude das mudanças que, escapando por completo ao entendimento humano se operaram e continuam a operar ainda.[2] Foi após refletir no assunto algumas vezes que eu também me inclinei em parte a concordar com essa opinião. Todavia, para que não se anule o nosso livre-arbítrio, eu, admitindo embora que a fortuna seja dona da metade das nossas ações, creio que, ainda assim, ela nos deixa senhores da outra metade ou pouco menos.[3] Comparo a fortuna a um daqueles rios que, quando

---

1 Sistema dos preguiçosos e dos fracos. Com engenho e atividade podemos dominar a fortuna mais adversa. (Napoleão em Elba)

2 Acaso as teria ele visto maiores e mais numerosas do que as que engendrei e que posso ainda produzir. (Napoleão em Elba)

3 Santo Agostinho não falou melhor acerca do livre-arbítrio. O meu domou a Europa e a natureza. (Napoleão imperador)

se enfurecem[4], inundam as planícies, derribam árvores e casas, arrastam terra de um ponto para pô-la em outro: diante deles não há quem não fuja, quem não ceda ao seu ímpeto, sem meio algum de lhe obstar. Mas, apesar de ser isso inevitável, nada impediria que os homens, nas épocas tranquilas, construíssem diques e cais,[5] de modo que as águas, ao transbordarem do seu leito, corressem por estes canais ou, ao menos, viessem com fúria atenuada produzindo menores estragos.[6] Fato análogo sucede com a fortuna,[7] a qual demonstra todo o seu poderio quando não encontra ânimo [*virtù*] preparado para resistir-lhes e, portanto, volve os seus ímpetos para os pontos onde não foram feitos diques para contê-la. Se observarmos a Itália, origem e teatro de tais mudanças, veremos ser ela uma campina sem diques e sem nenhuma proteção. Houvera sido ela protegida por valor [*virtù*] conveniente,[8] como a Alemanha, a Espanha e a França, e essa enxurrada [a invasão estrangeira] ou não lhe teria trazido as grandes mudanças que trouxe[9] ou nem sequer a teria alcançado.[10] Creio que isto é suficiente para demonstrar, em tese, a possibilidade de nos opormos à fortuna.[11]

Como desejo, porém, ser mais minucioso, chamarei a atenção para o fato assaz comum de um príncipe prosperar hoje e ruir amanhã, sem que a índole ou o proceder se lhe hajam modificado.[12] Na minha opinião se deve às causas já longamente explanadas ao referir-se aos príncipes que se estribam totalmente na fortuna, os quais, disse eu então, caem quando esta varia.[13] Creio ainda que será venturoso aquele cujo procedimento se adaptar à natureza dos tempos, e que, ao contrário,

---

4 A minha Fortuna sou eu mesmo. (Napoleão imperador)

5 A minha perícia na matéria não lhes deixou margem para fazê-los. (Napoleão imperador)

6 Não há de ser minha estrela que mingue até esse ponto. (Napoleão imperador)

7 Como seria a dos meus inimigos. (Napoleão imperador)

8 Sê-lo-á. (Napoleão general)

9 Verás muitas coisas. (Napoleão general)

10 Se hoje me visses lá e conhecesses os meus. (Napoleão general)

11 Apesar da má discrição, adivinho-te o pensamento e aproveitá-lo-ei. (Napoleão general)

12 Pobres formalistas. (Napoleão imperador)

13 É mister adaptarmo-nos às suas variações, sem confiar inteiramente nela, embora afetando estarmos seguros do êxito. (Napoleão primeiro-cônsul)

será desditoso aquele cujas ações estiverem em discordância com ela.[14] Vemos, efetivamente, que os homens, em demanda de glória e riqueza, procedem de formas diversas: uns, usando de cautela, outros, de ímpeto; uns, por meio da violência, outros, por meio da astúcia; um, com paciência, outro, com sofreguidão. Sem embargo, todos eles podem vir a alcançar a meta das suas ambições.[15] Vemos outrossim, de dois cautelosos, só um chegar ao seu desígnio, e, por outra parte, dois conseguirem bom êxito com duas distintas maneiras de proceder, cautelosamente um, arrebatadamente o outro. Tudo isto não é senão fruto da harmonia ou desarmonia entre a natureza dos tempos e a feição dos atos de cada um desses indivíduos.[16] Daí deriva o que eu disse: dois homens, portando-se diferentemente um do outro, obtêm o mesmo resultado; dois, procedendo de maneiras idênticas, chegam a resultados diversos: ao triunfo um e a fracasso o outro. Nascem também daí as variações do êxito; se um príncipe reveste as suas ações de cautela e paciência e tais ações se ajustam às circunstâncias e aos tempos, ele terá bom êxito, mas se ditas circunstâncias e tempos mudarem, fracassará, porque não modifica o seu modo de proceder. Não existe, porém, homem tão avisado que saiba adaptar-se ao variar os tempos, ou porque não pode contrariar as suas tendências naturais,[17] ou porque, tendo prosperado trilhando um caminho, nada o convence a dele se desviar.[18] Assim, o homem cauteloso, quando chega a ocasião de dar ímpeto às suas ações,[19] não o sabe fazer, e por isso cai. Se os homens mudassem de caráter conforme os tempos e as circunstâncias, a sua fortuna não mudaria.

---

14 Nunca a minha boa sorte esteve mais em desacordo com a minha situação. (Napoleão em Elba)

15 Contanto que sigamos as nossas inclinações e não sejamos intempestivos. (Napoleão primeiro-cônsul)

16 Variar conforme as circunstâncias e as épocas, sem nada perder do próprio vigor, a coisa mais difícil do mundo é a que mais perseverança requer. Verse-a em breve a força e a flexibilidade da minha. (Napoleão em Elba)

17 É difícil, mas hei de consegui-lo. (Napoleão em Elba)

18 Mostrar-se bom durante o reinado só porque se mostrou antes, quando pretendia chegar ao trono, é o mais ruinoso dos métodos. (Napoleão em Elba)

19 Espero fazê-lo com absoluta confiança na minha boa sorte. (Napoleão em Elba)

O papa Júlio II foi arrojado em todas as suas ações,[20] e encontrou os tempos e as circunstâncias tão acordes com o seu modo de proceder, que sempre obteve resultados felizes. Atentemos na sua primeira empresa, contra Bolonha, quando ainda vivia João Bentivoglio. Os venezianos eram contrários a ela, como também o eram o rei de Espanha e a França, que se concertavam a respeito do assunto. Apesar disso, levado por seu temperamento arrebatado, iniciou a expedição, pondo-se pessoalmente à frente das tropas.[21] Tal decisão fez os espanhóis e os venezianos ficarem paralisados: estes por medo, aqueles pelo desejo que acalentavam de recuperar todo o reino de Nápoles. Ao mesmo tempo, o rei de França colocou-se ao seu lado, pois tendo visto a expedição iniciada e desejando captar a amizade do papa para abater os venezianos,[22] julgou não lhe ser possível negar o auxílio das suas tropas sem ofender abertamente. Obteve, portanto, Júlio II com a sua decisão impetuosa aquilo que jamais outro papa houvera alcançado com toda a prudência humana.[23] Se ele, com efeito, tivesse resolvido só partir de Roma após o remate de todas as negociações, como faria outro qualquer pontifice,[24] nunca teria triunfado. O rei da França teria achado desculpas de sobra para lhe negar auxílio e os outros lhe haveriam feito mil ameaças.[25] Quero, porém, omitir as suas demais ações, todas semelhantes a esta, e todas coroadas de bom êxito, porque a brevidade da sua vida[26] não lhe permitiu conhecer o fracasso. Se tivessem chegado tempos

---

20 Felizmente já não há papas como esse, que atirou ao Tibre as chaves de São Pedro para utilizar somente a espada de São Paulo. (Napoleão general)

21 Servi-me dessa por eu ser arrebatado, como ele, mas por cálculo e de acordo com a oportunidade. (Napoleão imperador)

22 Inventarei algo semelhante no que diz respeito aos aliados, conforme o curso da sua política. (Napoleão em Elba)

23 As imprudências são, muitas vezes, necessárias; mas convém calculá-las. (Napoleão Elba)

24 Quantos reis, não pertencentes ao clero, procedem com essa cautela vagarosa e tola! (Napoleão em Elba)

25 Se não puder me esquivar de tudo isso, autorizo a que me julguei indigno de reinar. (Napoleão em Elba)

26 Contudo, é maravilhoso poder durante dez anos continuar com bom resultado e o mesmo método. Maquiavel deveria ter dito que Júlio II sabia distrair com pactos de amizade as potências que desejava surpreender. (Napoleão primeiro-cônsul)

que demandassem ações cautelosas, haveria chegado também a sua ruína, pois ele não se teria afastado daquele modo de proceder a que o impelia a sua própria natureza.[27]

Concluo, por conseguinte, que os homens prosperam quando a sua imutável maneira de proceder e as variações da fortuna se harmonizam e caem quando as coisas divergem. Julgo, todavia, que é preferível ser arrebatado a cauteloso,[28] porque a fortuna é mulher e convém, se a queremos subjugar, batê-la e humilhá-la. A experiência ensina que ela se deixa mais facilmente vencer pelos indivíduos impetuosos do que pelos frios. Como mulher que é, ama os jovens, porque são menos cautelosos, mais arrojados e sabem dominá-la com mais audácia.[29]

---

27 Quando esse procedimento nos traz sempre bons frutos e está de acordo com a nossa índole, temos motivos fortes para não desprezar, embora misturando-lhe um pouco de estúpida moderação diplomática. (Napoleão imperador)

28 Realmente. As repetidas experiências feitas afastam qualquer dúvida a este respeito. (Napoleão em Elba)

29 Comprovei-o muitas vezes, e se fosse menos jovem já não contaria com ela. Devo apressar-me. (Napoleão em Elba)

. . . .

Capítulo XXVI

EXORTAÇÃO A LIBERTAR A ITÁLIA DOS BÁRBAROS[1]

DEPOIS DE HAVER REFLETIDO em tudo o que se disse nos anteriores capítulos; após ter perguntado a mim mesmo se os tempos atuais da Itália são de molde a permitir que um novo príncipe adquira nela celebridade e se homem sábio e virtuoso poderá encontrar aqui matéria suscetível de tomar nova forma que constitua motivo de glória para ele e um benefício para a totalidade dos italianos,[2] conclui que talvez nunca tenha existido outra época tão propícia a vinda de um novo príncipe como a de hoje.[3] Se, conforme eu disse, para se conhecer a virtude de

---

1 Maquiavel falava como romano e pensava sempre nos franceses. Para mim, ao contrário, os bárbaros que devem ser expulsos da Itália são a Áustria, a Espanha, o papa, etc., etc. (Napoleão general)

2 Projeto esplêndido, cuja execução estava reservada a mim. Com italianos efeminados como os de hoje, teria sido impossível; mas sendo eu italiano, posso fazê-lo com franceses sob as minhas ordens, dos quais os italianos aprenderão o valor militar. (Napoleão general)

3 Os tempos atuais são muito mais propícios ainda, visto que, ao ser ali repelida a Revolução, operaram-se profundos abalos políticos e uma grande agitação nos espíritos. (Napoleão general)

Moisés, a grandeza de ânimo de Ciro e a excelência de Teseu era necessário, respectivamente, que o povo de Israel fosse escravo no Egito, que os persas estivessem oprimidos pelos medas e que entre os atenienses lavrasse a desunião, assim, no presente, para se conhecer o valor [*virtú*] de um espírito italiano era preciso que a Itália descesse ao extremo de hoje, que fosse mais escrava do que os hebreus, mais oprimida que os persas, mais desunida que os atenienses, sem chefe, sem ordem, vencida, despojada, dilacerada, invadida, e que tivesse vencida, e que tivesse suportado toda a espécie de vexames.[4] Embora um ou outro de seus homens haja revelado indícios de gênio, deixando supor que Deus o destinará à missão de o redimir,[5] viu-se depois que no ponto culminante das suas ações sofreu o repúdio da fortuna. Destarte, tendo ficado como que sem vida, ela espera quem venha curar-lhe as feridas e pôr um paradeiro à pilhagem dos lombardos, às espoliações e tributos do reino de Nápoles e da Toscana e a sare de todas as chagas já de muito gangrenadas.[6] Veja-se como roga ao Senhor que lhe mande alguém capaz de a salvar dessas crueldades e insolências bárbaras;[7] como está ainda inteiramente pronta a seguir uma bandeira, desde que alguém a desfralde! E a quem poderia ela no momento presente confiar melhor a realização das suas esperanças, do que a vossa ilustre Casa,[8] com os seus méritos [*virtù*] e fortuna, com as graças de Deus e da Igreja, a qual deu um príncipe [o papa Leão X, da casa dos Médicis]? Quem, mais do que ela, indicado para se colocar à frente dessa obra de redenção?[9] Isso não será difícil se os lembrardes da vida e das ações dos príncipes que mencionei.[10] Posto esses homens

4 Convém tornar a pô-la na mesma situação, para a restabelecer depois sob único cetro. (Napoleão cônsul)

5 Não tanto como eu, por certo. (Napoleão general)

6 Eis-me aqui. Mas antes de a salvar para mim, é mister que eu lhe cauterize as feridas com ferro e com fogo. (Napoleão general)

7 A mando desses mesmos bárbaros ouvirei os teus rogos. (Napoleão general)

8 Ter-se-iam realizado se eu houvesse feito parte dela então. (Napoleão general)

9 Para empreendê-la, sim, porém para realizá-la. Falta-lhe capacidade para fazer mais do que fez. (Napoleão general)

10 Mas para imitá-los bem é preciso ter a força deles. (Napoleão general)

11 Meu raciocínio: há homens e homens. (Napoleão general)

fossem extraordinários, nem por isso deixaram de ser homens,[11] e nenhum deles teve oportunidades tão boas como a que agora se apresenta, pois, as suas empresas não foram mais justas nem mais fáceis do que esta, nem Deus foi para eles mais benevolente do que o é para convosco. De grande justiça reveste-se o caso atual: "*justum enim est bellum quibus necessarium, et pia arma ubi nulla nisi in armis spes est*". [É sempre justa a guerra quando necessária, e piedosas as armas quando não há esperança a não ser nas armas.] Favorabilíssimo é o ânimo existente, e quando esse existe e se inspira nos exemplos que para isso vos propus, não pode haver grandes dificuldades.[12] Outrossim, veem-se, no caso, ocorrer fatos extraordinários, sem precedentes, filhos da vontade de Deus: as águas do mar separaram-se, uma nuvem indicou o caminho, da pedra jorrou água, choveu maná;[13] e tudo concorre para a vossa grandeza. O resto pertence a vós fazê-lo.[14] O Todo-Poderoso não quer fazer tudo para não nos tirar o livre-arbítrio e a parte de glória que nos cabe.[15]

Não vos admirei que nenhum dos italianos por mim referidos tenha sido capaz de fazer o que da vossa ilustre Casa se pode esperar, nem que, depois de tantas revoluções e de tantos manejos bélicos, pareça ter-se extinguido na Itália a virtude militar. A razão deste fato está em que as antigas instituições [militares] do país não eram boas e ninguém soube fundar novas.[16] Nada contribui tanto para a glória de um homem que surja no horizonte quanto as novas leis e instituições que ele venha a criar.[17] Quando elas são grandiosas e sólidas, tornam-no digno do mais alto respeito e admiração. Ora, não falta na Itália

---

12 Há uma dose de verdade nisso tudo; porém, o que vejo com mais clareza é o ardor extremo que Maquiavel emprega para pleitear tal solução. (Napoleão general)

13 Outros tantos milagres que se renovaram a meu favor de modo mais positivo do que a favor de Lourenço. (Napoleão primeiro-cônsul)

14 Assim há de ser. (Napoleão primeiro-cônsul)

15 Vê-se que Maquiavel queria ter o seu quinhão. Concedo-lhe porque me tem sido útil com as suas advertências. (Napoleão imperador)

16 Com as minhas, tão gloriosamente experimentadas na França e que eles experimentarão por sua vez, o triunfo é inevitável. (Napoleão primeiro-cônsul)

17 A tática que emprega é invenção minha, e diante dos seus efeitos renderam-se todos os poderosos da Europa. (Napoleão imperador)

matéria adaptável às mais variadas formas que um artífice lhe queira dar.[18] A virtude que escassear nos chefes, supri-la-ão os subalternos. Observai os duelos e as lutas de grupos, e vereis até que ponto chega a força, a destreza e o talento dos italianos. E, todavia, quando a luta é de exércitos, esses dotes desaparecem. Tudo isso tem por causa a fraqueza dos chefes: os capazes não se sujeitam a obedecer; todos se julgam capazes, e até hoje nenhum houve cujo valor [*virtù*] e fortuna fossem bastantes para compelir os demais a dobrarem a cerviz.[19] Daí provém que de tão longo decurso de tempo, em tantas guerras feitas nos últimos vinte anos, todas as vezes que o exército se compunha inteiramente de italianos, só fracassos se tenham verificado. Disso dão testemunho, primeiro, o Taro, e depois Alexandria, Cápua, Gênova, Vailate, Bolonha e Mestre.

Se vossa ilustre Casa quiser, portanto, seguir o exemplo dos homens insignes que redimiram as suas províncias, cumpre-lhe antes de mais nada ter, como verdadeiro alicerce de qualquer empresa, exércitos seus; porque não se encontram soldados mais fiéis, mais sinceros e eficientes do que os italianos. E se individualmente são bons, melhores ainda serão quando, todos juntos se virem comandados, distinguidos e sustentados pelo seu príncipe.[20] É necessário, por conseguinte, apresentar essas armas para poder, com valor [*virtù*] italiano, defender-se dos estrangeiros.[21] Posto que as infantarias suíça e espanhola tenham fama de temíveis, ambas possuem falhas, motivo pelo qual uma terceira espécie de tropas poderia, não apenas resistir-lhes, mas também vencê-las.[22] Com efeito, os espanhóis fraquejam diante da cavalaria e os suíços têm medo dos infantes quando estes os acometem com ímpeto igual ao seu.

---

18 Isso é sempre um motivo de alento. (Napoleão general)

19 Somente ao século XVIII estava reservado produzir tal homem. (Napoleão general)

20 O que não farei eu quando dispuser como seu príncipe de um exército italiano incorporado em outro francês! (Napoleão general)

21 Maquiavel fala apenas em defender-se dos estrangeiros. Eu aspiro a conquistá-los e torná-los súditos meus. (Napoleão general)

22 Conceito ridículo que a pólvora fez esquecer. Esses pretensos mestres da arte militar não passavam de criancinhas. (Napoleão general)

Daí se origina o fato, que a experiência já demonstrou e ainda demonstrará, de não poderem os espanhóis arrostar a cavalaria francesa e de serem os suíços esmagados pela infantaria espanhola. É verdade que deste último caso não houve até agora prova cabal. Contudo, tivemos um parcial na batalha de Ravena, quando a infantaria espanhola lutou com as tropas alemãs, que empregam um método de combate igual ao das suíças. Os espanhóis, valendo-se da sua agilidade e dos seus broquéis, insinuaram-se por entre os piques dos alemães e atacaram-nos livremente, sem que os seus adversários pudessem defender-se; e tê-los-iam matado todos se a cavalaria não houvesse investido contra des. Conhecidas, pois, as falhas de uma e de outra dessas infantarias, pode-se organizar uma de novo tipo, apta a resistir à cavalaria e não receosa dos infantes. Bastará para tanto criar novas espécies de armas e novas maneiras de combater.[23] É isto que dá prestígio e grandeza a um príncipe novo.[24] É, portanto, essencial aproveitar esta ocasião, para que a Itália veja, após tanto tempo, aparecer o seu redentor.[25] Nem sei exprimir com quanto amor, com quanta sede de vingança e fé obstinada, com quanta ternura e quantas lágrimas ele seria acolhido em todas as províncias que tanto padeceram com aquelas inundações estrangeiras. Que portas se fechariam diante dele? Que povos lhe recusariam obediência? Que inveja ousaria opor-se-lhe? Qual o italiano capaz de negar a sua homenagem?[26] A todos repugna este bárbaro domínio. Abrace, pois, a vossa ilustre Casa esta causa, com aquele espírito e aquela esperança com que se abraçam as empresas justas, para que debaixo das suas insígnias se nobilite esta pátria[27] e sob os seus auspícios se cumpra o dito de Petrarca:

---

23 Já aprontei tudo. (Napoleão general)

24 A minha tática, cujo segredo os meus inimigos ignoram, proporcionar-mas-á de forma muito superior que teria sido possível a Lourenço. (Napoleão general)

25 A Itália ouviu-o, finalmente, em mim. (Napoleão imperador)

26 Todas essas predições se verificaram. Até os habitantes da Cidade Eterna se vangloriam de estar sob o meu cetro. (Napoleão imperador)

27 Poderá nobilitar-se ainda mais, se isso não importar em risco para mim. (Napoleão imperador)

Virtú contro furore
Prendera l'arme; e fia il combatter corto,
Chè l' antico valore
Negl'italici cuor non è ancor morto.[28]

[A virtude empunhará as armas contra a fúria; e a luta será breve, porque o antigo valor ainda não se extinguiu nos corações italianos. Petrarca, *Cancioneiro*, parte I, CXXVIII (canção XVI), versos 93 a 96.]

---

28 Hoje, graças a mim, revive quase por completo. Todavia, não deixarei que se reúnam em uma só nação, porque isso equivaleria à destruição da França, da Alemanha e da Europa inteira. (Napoleão imperador)

Índice onomástico

T

U

V

X

Nicolau Maquiavel nasceu em Florença, em 3 de maio de 1469, e morreu, ali, em 22 de junho de 1527.

Serviu à Chancelaria da República de Florença e desempenhou missões na França, Suíça e Alemanha.

Deposto, com a volta dos Médicis ao governo, passou a viver em San Casciano, nos arredores da cidade. Anistiado, foi considerado suspeito pela República que voltou a se instalar. Maquiavel morre em 1527, pobre e desiludido.

Autor de *Comentários sobre a Primeira década de Tito Lívio,* de *Arte da Guerra*, da peça *Mandrágora*, de *História de Florença*, foi *O Príncipe* que lhe trouxe o renome mundial.

9 788570 189080